

CABINE 33

Carlos Lúcio Gontijo





"Sonho: Um poema que, ao lê-lo, nem sentirias que ele já estivesse escrito, mas que fosse brotando, no mesmo instante, de teu próprio coração" (Mário Quintana – Caderno H).

É deste modo que nos sentimos: realizando o sonho, não apenas do poeta realista Mário Quintana, mas também de todos que admiram a arte poética, ao ler os livros de Carlos Lúcio Gontijo. "Ouvimos" suas palavras como se já as conhecêssemos, e nelas observamos que existe um pouco de cada um de nós... Ele se preocupa em apresentar seu trabalho numa linguagem acessível, familiar e com "brasilidade": a arte em sua mais pura manifestação.

Carlos Lúcio não é somente um grande escritor, poeta, jornalista e pai de família, mas também um mestre que, em seus nove livros – agora dez, com o **Cabine 33** – nos deixa claro que compete a nós, leitores e eternos alunos, sabermos ouvir, compreender e levar ao coração os gritos que nos despertam... **"Fui-me embora apassurado para casa / Ganhei asas com o ensinamento"** (Braços de luz/CLG)... E guardamos a lição, aplaudimos o poeta e

CABINE 33

Carlos Lúcio Gontijo

CABINE 33

*Prefácios de Therezinha Casasanta
e Sérgio A. Neves
Ilustrações de
Ana Carolina Soares*

CLG

*Belo Horizonte
2004*

Capa, ilustrações e programação visual
Ana Carolina Soares

Composição
Conceição Nina de Oliveira

Revisão
Berenicy Raelmy Silva

Supervisor de Editoração
Nivaldo Marques Martins

Carlos Lúcio Gontijo
Cabine 33
Romance 1ª ed.-3.000 exemplares
Belo Horizonte, 2004-05-11
196 páginas, il.

Copyright by CLG, 2004
Av. João Augusto da Fonseca e Silva, 1.107 402
Eldorado Contagem MG CEP 32.341-100
Tel.: (31) 3912-4442

DEDICATÓRIA
(Bodas de Prata)

NINA,

Se durante uma tempestade, com nuvens espessas empanando o sol, eu, Amanda, Lucas e Luara nos perdêssemos de você, saiba que não nos apavoraríamos. Cientes de que você sempre atrai luz, bastar-nos-ia ficar atentos, pois onde batesse claridade é lá que você estaria (e está).

De Carlos Lúcio (marido)
Amanda (filha)
Lucas (filho)
e Luara (neta),
Pelos 25 anos de vida e poesia
conjugal (desde 05/05/1979).

NO TREM da existência, nós é que levamos a vida: somos o seu caminho, o combustível e a carga dos vagões. Sem nós, restariam o silêncio das linhas do horizonte, a luminosidade repetitiva das estações e o cio pontual dos animais. Haveria vida, mas não a ilusão nem a alegria ou os desenganos da viagem...

NÃO CABE PRECE ONDE É PRECISO PASSO

SUMÁRIO

Prefácios

“Cabine 33”: Uma Usina de Criação

13

“Cabine 33” é 10

16

Introdução

19

Capítulo I

Trem da Vida

23

Capítulo II

Sim

33

Capítulo III

Revelejo

43

SUMÁRIO

Capítulo IV
Pátria do Silêncio
51

Capítulo V
Vaga Solidária
59

Capítulo VI
Tempero de Saliva
67

Capítulo VII
Mera Constatação
77

Capítulo VIII
Novo Bem
87

Capítulo IX
Flanelinha
101

Capítulo X
Viagem Espiritual
111

Capítulo XI
FACES NATALINAS
121

SUMÁRIO

Capítulo XII

Duas Vidas

131

Capítulo XIII

Núcleo

141

Capítulo XIV

Deus

151

Capítulo XV

Trilhogia

163

Apêndices

Presente de Santo Antônio

179

Biografia

182

Cotidiano de Amizade e Cidadania

185

Em Nome dos Santo-antonienses

187

PREFÁCIOS

ARMADO em torno de um tema antigo, mas sempre atual, o da solidão e da angústia humanas, o que mais me agrada neste romance é o estilo elegante e despretensioso com o qual o autor consegue desfiar o novelo do drama psicológico que serve de suporte ao tema: um mistério cuja complexa estrutura contrasta com a narrativa simples e transparente, utilizada na construção de complicadas situações existenciais.

A partir de um encontro casual de dois conhecidos – um vendedor-poeta e um engenheiro-professor – durante uma viagem de trem pelo interior de Minas, Carlos Lúcio Gontijo vai revelando, com sensibilidade e delicadeza, o drama íntimo de Dimas, o vendedor, em seus crescentes diálogos com o engenheiro.

Obcecado por uma relação amorosa mal resolvida, e pela "presença de alguém que sumiu do mapa, mas ainda ocupa toda a geografia do seu interior", dúvidas cruéis o atormentam. Com habilidade artesanal, consciência social e profunda visão de mundo, "...fiando assunto linha afora", o autor vai envolvendo e provocando o leitor.

A angústia e a solidão do homem contemporâneo, sua dificuldade em estar num mundo que não compreende e no qual não se reconhece, são elementos que permeiam as longas conversas dos amigos.

Em seu relato, Dimas faz menção a dois tempos distintos: no início é a fé, a alegria, a esperança, a paixão, o desejo, o amor incondicional a uma mulher idealizada – Margarida –, princípio e fim de todas as suas ações. Na seqüência, surgem a incredulidade, a tristeza, o desespero, a frustração, o desejo de vingança... Se, por um lado, sua condição de sobrevivência é construída na própria dor, por outro lado, ao desnudar seu coração para o companheiro, Dimas termina por encontrar um tempo particular de reencontro consigo mesmo e uma possibilidade de comunicação com outros seres.

"Cabine 33" é um romance que tem tudo: trama original e bem estruturada, paisagem interior, paisagem exterior, personagens vivos, reais e humanos, linguagem agradável, ritmo, lirismo, poesia.

Numa profusão de personagens, enredos e circunstâncias, Carlos Lúcio Gontijo, um escritor que nunca abriu mão de uma crítica social inconformista e corajosa, do que são vívido testemunho seus artigos na imprensa e as idéias expostas nos diversos livros publicados, denuncia – no decorrer da trama – problemas sociais complexos e de difícil solução.

Nesses tempos de globalização e de falta de princípios éticos, é um grande prazer acolher mais um livro de Carlos Lúcio Gontijo, poeta-escritor-jornalista, cuja ousadia, tenacidade e disposição para o debate, fazem da sua escrita uma usina de criação permanente, voltada para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e humana. Sua literatura é um exercício contínuo e generoso de arte, entrega, esperança, amor. Ainda que seja apenas para lançar

PREFÁCIOS

sementes a serem colhidas pela próxima geração.

Mas, apesar de tudo que eu disse, espero que, para opinar sobre esta obra, o leitor se sinta bem à vontade, leve, livre e solto, para viajar livremente pelas suas páginas, secundando a viagem criadora do escritor.

Therézinha Casasanta
Escritora

SE O DONO de um grande time convocar um perna-de-pau para fazer uma preleção antes de um jogo, falando aos seus craques, causará geral estranheza. Se o jovem autor de uma grande obra convidar um velho jornalista a escrever um prefácio para o esperado lançamento de um novo livro, causará, compreensivelmente, estranheza ainda maior.

Carlos Lúcio Gontijo, jovem mas veterano autor, merece mais, muitíssimo mais, do que prefácio de Sérgio Neves, signatário destas maltraçadas linhas.

Contudo, mais honrado que intimidado, ousei rabiscar, sem ras-cunhar, as parcas e pobres considerações que embarco em mais um "trem" mineiro pilotado pelo já consagrado escritor. E o faço, alta madrugada, após a deliciosa leitura de sua mais recente obra. Daí esta não passar de um sincero mas singelo "Pré-Fácio".

Carlos Lúcio Gontijo é um poeta que de quando em vez opta pela prosa. Preciosa prosa poética, do mais valioso quilate. Como bem-sucedido profissional do jornalismo gráfico esse intelectual se defronta com a cruel crueza do cotidiano, operário da notícia

que é, e como tal escravo e prisioneiro da verdade factual. Mas lo-gra faze-lo sem olvidar seus bem sonhados sonhos literários. Em seu jornal vive ante o real, no universo pessoal convive com o fic-tício.

Deleitar-me com páginas divorciadas da brutal realidade da vida moderna é algo que me foi tomado nas tortuosas trilhas do tempo. Há tempos restrinjo-me às notas e notícias, ciência e filosofia, minhas parcas e pobres leituras habituais. Encaneci e o envelhecimento subtraiu-me o vivo gosto pelos contos e novelas, poesias e romances, esses nem mais vividos, sequer lidos ou relidos.

Na inútil mas incansável refrega por uma mais lúcida consciência, apliquei-me à ciência e a ler e reler filosofia na insana tentativa de aprender, apreender e compreender os mistérios da vida, essa enigmática sucessão de acasos aparentemente sem sentido e sem propósitos inteligíveis, fora do dogmático âmbito da verdade revelada e da esperançosa esfera da fé inquestionada.

Carlos Lúcio devolveu-me o gosto pela leitura livre, prazerosa e descomprometida. Pela leitura-lazer, que faz rir e chorar, pensar e sentir. Antes de deleitar-me com o perpassar das doces e orvalhadas folhas das primeiras obras colocadas por esse jovem ante meus envelhecidos olhos, surpreendi-me com a beleza, criatividade e variedade das generosas dedicatórias apostas de improviso em livros a nós ofertados.

Após viajar com Carlos Lúcio nos trilhos do seu trem, pelas trilhas do tempo, os felizes passageiros deste romance concordarão em adjectiva-lo, como agora o faço, sem qualquer exagero, como único e criativo, agradável, vívido e valioso.

Esse ator que, no pesado palco da vida, desempenha com brilhantismo o papel que lhe foi destinado, se exhibe como um autor, fantástico no fundo e formidável na forma, que consegue fundir,

PREFÁCIOS

sem confundir, pensamentos e sentimentos, de modo circular e curvelíneo, cunhando frases que são sempre orações, corretas e competentes.

Personagem principal, Dimas, o mascate-poeta, é luz e aragem, cor e camuflagem. Muita luz, muita luminosidade, muita luminescência. É o próprio Carlos Lúcio, amável e amorável, corajoso e determinado, sensível, sentido e ressentido. Pontes, o funcionário público, crente e descrente, também, é ele, o talentoso ator-autor, autêntico e independente. Trata-se da décima obra de Carlos Lúcio e é livro nota dez, com louvor.

Seguramente, não é sua obra-prima, já que irmã de nove outras de igual valor, cinco das quais reunidas em consagrada coletânea. É "apenas" um grande livro de um enorme autor. Que ainda vai dar muito o que falar. E falar bem. Pois seguramente, outras virão e serão bem-vindas.

Sérgio A. Neves
Jornalista

INTRODUÇÃO

OS SONHOS que nos movem são sonhados a sós, mas todos eles necessitam de mãos amigas para lhes atar os nós. Tudo se perde e voa quando nos embebemos em profusa solidão. Os encontros que temos ao longo de nossos caminhos são os mesmos encontros projetados pela sinergia de nossas mentes, e talvez por isso, em muitas ocasiões, temos a sensação de já ter experimentado o momento novo que nos surge.

Uma vez construído o encontro, fruto do transbordar de nossas emoções e sentimentos, tudo pára, como se tivéssemos chegado a uma estação de trem ou nos transformado em água de lagoa. E como nada é eterno, a não ser as marcas deixadas pela entrega verdadeira, um dia ou a lagoa enche e nos expulsa ou o trem da vida passa e nos arrasta, ainda que como pingentes, a outras viagens e aventuras.

Com toda a certeza, a beleza da existência humana está na transitoriedade tanto das conquistas quanto das derrotas, fazendo de tudo um manancial de aprendizado, que, mais que uma oportunidade para o fortalecimento de nosso espírito, serve de luz e ímã para atrair a boa-nova que se jogará prazerosa nos canteiros fertilizados pelo limo do que se viveu anteriormente.

Na vida, não há momento perdido, por mais funesto que seja seu desenrolar; tudo se reverte em ganho ao final, compondo o combustível químico da nossa evolução espiritual. Estamos todos no mesmo trem da existência, cada qual em seu vagão ou em sua cabine, segundo seu nível de tolerância e compreensão diante das diferenças de pensamento, formação, credo, raça e cor.

Quem sabe não haja mais caminho que não tenha sido percorrido neste mundo, mas o que conta é a maneira de caminhar. Numa mesma paisagem uns vislumbram flores, outros fixam o olhar nos espinhos, tornando realidade a filosofia que nos ensina que parte significativa das cores que pigmentam o meio ambiente em que vivemos está na dependência das tintas e pincéis que trazemos em nossa retina.

Individualmente, cada um de nós, dentro do livre-arbítrio, é dono de seu tempo, responsável por suas claridades e sombras, por seus encontros e desencontros, que se vão sucedendo um após o outro, à medida que o trem da existência avança rumo aos mistérios do fim – certamente misericordioso e luzido –, que, mesmo em caso de não-cumprimento da promessa cristã da ressuscitação, se traduz em eternidade por intermédio da energia erigida pelas amizades sinceras, afetos, amores e paixões ardentes, que irradiam calor humano, um miraculoso fenômeno, que nos aproxima dos mandamentos do Criador e nos insere no feixe de luz dos faróis da locomotiva celestial, cuja missão é transportar espaço sideral afora as lavas provenientes da erupção de todo sentimento vivido em verdade e sob o mais absoluto respeito ao próximo.

CABINE 33

CAPÍTULO I

TREM DA VIDA

A locomotiva da vida não tem autonomia
Não fia destino no aço frio dos trilhos
Seu brilho e calor vêm do nosso olhar
É nosso sangue o combustível de seu motor
Seu jeito de percorrer a grande linha
Alinha-se à forma do nosso caminhar
Faz do coração ninho, estação e mar
Pois se nos trilhos não der pra seguir viagem
Busca em outros meios o idílio da aragem
Às vezes transforma-se em embarcação
E prossegue sua sina de consumir jornada
Sorte que não combina com falta de viração
Nem a desculpa de haver pedras na estrada



DIMAS estava num daqueles dias de cão zangado. O barzinho do Zeca parecia pequeno pra ele, um poeta que ganhava a vida como vendedor e que há anos fazia o mesmo trajeto, percorrendo cidades que contavam com o trem de passageiros como meio de transporte. Dimas conhecia aqueles trilhos como se fossem as rodas da locomotiva, pois de alguma maneira aqueles caminhos trespassavam seu coração, onde as lembranças fizeram estação de parada obrigatória.

– Oi, poeta!

– Poeta nada, Salvador.

– Que é isso, Dimas?

– Não repara não, tem dias que o fazedor de verso fica cansado de entender a realidade, de penetrar no âmago das coisas para extrair a metáfora, que nos ensina que tudo voa quando sonha, que toda realização é alada; é andorinha fazendo verão...

– Mas é isso mesmo, Dimas. E quem é capaz de tal discernimento deveria estar feliz, pois é um alcance, é um vôo.

– Pode ser, mas eu não estou. Faz vinte e cinco anos hoje que Margarida me deixou a ver navios e, definitivamente, eu jamais me acostumei com a paisagem.

– Nisso você tem razão – ponderou o Zeca, dono do boteco.

– Entretanto, não pensem vocês que essa dor me traga. Sou maior que ela e, além do mais, ninguém se liberta no sofrimento. Jesus Cristo não se fez grande porque morreu na cruz, mas pelo fato de ter ressuscitado!

– Como assim, Dimas? – interveio Salvador.

– Toma tento, homem! Veja o exemplo do povo brasileiro, que consegue fazer do limão que as elites lhe jogam uma doce limonada. Está aí a feijoada, que virou prato tradicional de nossa culinária e que adveio do poder de transformação e criatividade dos negros escravos: o senhorio lhes atirava para comer as partes dos suínos que eles julgavam nada valer. Então, do miúdo dos porcos, eles inventaram a iguaria. E tem mais, ninguém é mercador competente o suficiente para comercializar a dor por muito tempo, porque ela não é sentimento que se deve carregar por muito tempo no peito. Em síntese, o sofrimento é circunstancial. Ou seja, se não o eliminamos, ele nos mata lentamente. Veja o povo maltrapilho que fez de suas vestes o rio de cores que, no carnaval e nos batuques do cotidiano, alegrem as ruas do Brasil.

– Pode parar por aí, que já entendi – manifestou Salvador.

– Também pudera, você exigiu que o Dimas lhe desse uma aula, Grandão – entrecortou o assunto Maria Clara, que entrou no boteco para comprar umas cervejas.

– Pera lá, mulher – protestou Salvador.

– Epa, não está mais aqui quem falou.

– E é bom que não esteja mesmo.

Maria Clara saiu de fininho, protegida até a porta pelo ex-quase cunhado Dimas, que um dia esteve para se casar com sua irmã Margarida.

Salvador, aborrecido, se mandou resmungando e sem se des-

pedir de ninguém. Era mais um a deixar seu espírito se cobrir com o manto do cão zangado, uma entidade que costuma atacar toda vez que nos entregamos à intolerância ou à incompreensão diante das vicissitudes da vida.

Do outro lado, num canto, um senhor bem-trajado, que estava a negócios na cidade, indagou aos presentes:

– Que foi isso, minha gente? Por que esse companheiro ficou tão fulo de raiva?

Zeca, dono do boteco e propagador de todas as fofocas do lugarejo – predicado que ele contestava dizendo-se ser apenas um amante da verdade, repetindo antes de cometer suas inconfiências o refrão "o que é para ser dito, deve ser dito" –, logo se prontificou a esclarecer a quizila.

– Como é mesmo a sua graça, meu caro senhor?

– Meu nome é Alfredo.

– Pois é, senhor Alfredo, toda essa antipatia ao apelido de "Grandão", apesar de Salvador medir pouco mais de 1 e 55, vem do tempo em que ele teve uns colóquios às escondidas com uma italiana de quase um metro e 80 centímetros e bem mais velha que ele. Tudo foi bem, de vento em popa...

– Oh, o trocadilho – brincou Dimas.

– Não enche... Como eu ia dizendo, a vida do Salvador era um mar de rosas, que foi atingido pelo vendaval do olhar indiscreto do Valadão, caseiro do sítio que Salvador acabou vendendo, talvez de desgosto.

– Chega de lorota, Zeca. O homem quer saber é a razão do apelido – interferiu Dimas, já impaciente com os rodeios e revoltos.

– Pois bem, acontece que o Valadão viu a senhora italiana nua sobre a cama e o Salvador, de joelhos, ao lado, deslizando a mão

sobre o corpanzil e balbuciando todo apaixonado: "Tudo meu, tudo meu..."

– Ah, entendi! – disse o visitante, com todos caindo na risada.

Dimas aproveitou o momento para pedir a conta.

– Mas já? – protestou Zeca.

– Sim, amanhã eu retorno aos velhos trilhos. Preciso visitar minha clientela. Esse é o destino de todo mascate.

– Hi, vê se não vai morrer de saudades da Margarida, que, como você diz, continua sendo a flor do caminho.

– Bem, isso ela é. Mas lhe garanto que não é a única. Ademais, amor verdadeiro é aquele que assiste sem queixas ao amor passando...

– Como assim? – pesquisou Zeca.

– Posso responder essa, professor? – bradou Alfredo, de seu canto.

– Lógico! – aquiesceu Dimas.

– Devido à consciência tranqüila de se ter dado por inteiro.

E Dimas bateu palmas, acompanhado pela platéia já sob os efeitos inebriantes do álcool. Na firme intenção de se mandar para casa, Dimas foi logo se encaminhando, contudo retornou assim que vislumbrou a rua. Vinha a viatura policial, um punhado de carros e gente correndo...

– Zeca, tem um formigueiro de pessoas na rua. E às 11 horas da noite, isso não é normal.

Do seu canto, o forasteiro bem vestido, assustado e ágil, saltou a janela dos fundos e se mandou, para a surpresa de todos. Chegou a polícia.

– Cadê o homem?

– Que homem? – todos responderam de uma só feita.

– Um cara bem apessoado, de terno, gravata e uma pequena

mala – respondeu aos berros o sargento.

– Brincalhão, Zeca disse:

– Isso está parecendo até canção antiga do Roberto Carlos: "Que foi que ele fez, que foi que ele roubou?" Irritado, o sargento Fortunato, há muito radicado na cidade, mesmo nervoso entrou na ironia do Zeca:

– Olha, seu Zeca, eu poderia lhe responder que ele roubou um coração, mas não foi isso o que aconteceu, pois o que ele fez foi apagar um coração.

– Uê, como assim?

– Ele matou uma pessoa, seu Zeca.

– Quem? – todos perguntaram de uma só vez, como na aludida canção.

– O velho Talarico.

– Mas um velho de cento e poucos anos? – lastimou Dimas.

E lá foram os policiais saltando a janela dos fundos, com lanterna nas mãos e tiros pra cima na pretensão de amedrontar o Alfredo, que na realidade se chamava Quirino Balduino, bisneto de um dos três homens que foram assassinados por Talarico, que no passado fora homem temido, bom de briga e atirador que não perdia uma bala sequer.

E aí a noite encolheu, a cidade toda foi para as ruas prosear e acalantar a alma do velho Talarico com as orações de que era merecedor, pois se erros cometeu quando tinha lá seus 20 e poucos anos, ele havia pago à sociedade, não através da prisão, mas de ter passado longos 40 anos embrenhado na floresta Amazônica, sobrevivendo a muitas malárias e à própria distância de todas as raízes em que firmava a sua vida.

O bar do Zeca encheu, era como se ele o tivesse aberto naquela horinha. Em todas as mesas o assunto era a morte do Talarico, tido

como herói, rótulo que Zeca repetia toda vez que contava a história do pistoleiro.

– Olha pessoal, o Talarico matou para não morrer – garantia Zeca.

Ele foi atraído para uma emboscada na cidade. Dois homens foram buscá-lo para uma conversa nesse hotelzinho fuleiro que virou casa da cultura, onde aliás todos deveriam hospedar-se para ficar bom de cuca como o nosso Dimas.

– Olha o revolveio! – ironizou Dimas.

– Obrigado pelo pito. Mas, continuando... No meio do trajeto, Talarico começou a desconfiar dos propósitos dos dois homens e, claro, do terceiro que o aguardava. Quando já estava próximo do local de encontro, ele percebeu a sombra de uma espingarda na janela que dava para a sacada do hotel. Daí então, ele não pestanejou: sacou da cintura os dois revólveres que portava – um na mão esquerda e outro na mão direita – e atirou nos dois "mensageiros". Num segundo ato, saltou do cavalo, rolando para debaixo do animal, de onde sacou da espingarda que tirara do arreio, e fez tombar o atirador que estava à sua espreita naquela sacada.

Como se fosse um filme ou uma bem-feita propaganda, o certo é que essa história passada de boca em boca ao longo de mais de meio século encontrava respaldo na figura calma e simples que era Talarico, que com mais de 100 anos ainda tinha forças para caminhar com suas próprias pernas, cuidar de gadinho, suas galinhas, patos, perus e marrecos, além de suas hortaliças e principalmente, ervas medicinais, aprendizado que adquiriu durante seu "exílio" na Amazônia.

– Oh, Dimas, prenderam o homem – era Salvador, falando baixinho no ouvido do amigo, durante o velório.

– Quem é, o Alfredo?

- Não, Dimas, não existe Alfredo. É o Quirino.
- Já havia me esquecido.
 - Pois é, seu sabichão, o cara o enganou direitinho.
 - Dobra essa língua, Salvador. A palavra certa é nos enganou.
 - Você é que é o intelectual da turma, o viajante conhecedor das mil e uma facetas da vida.
- Pode até ser, mas o tal fulano era mesmo das Arábias, pois não é qualquer um que inclui entre suas heranças consangüíneas o ódio por um fato ocorrido há mais de meio século. Tivemos uma prova incontestante de que quem vê cara não vê coração. Não raro, como nos revela o evangelho bíblico, "os filhos das trevas são mais espertos que os filhos da luz".
- Isso é verdade, Dimas.
 - Então, não me enche. E como eu não vou poder ir ao enterro, você está incumbido de observar tudo, tintim por tintim e ainda os pormenores...
 - Pensei que você adiaria a viagem.
 - Não posso, já estou há dias de papo pro ar. É hora de eu limar a saudade no ferro-lâmina dos trilhos e entregar meu espírito ao embeber do calor desse contato, em que a locomotiva, de fato, sou eu. Estou na encruzilhada, se ficar aqui estarei tocando o sino de um cortejo fúnebre; e viajando estarei acompanhando a procissão de meus sentimentos – que me chamam e têm preferência na rota de minha existência.
 - Você está coberto de razão, quem melhor cuida de nós somos nós mesmos.
 - Está aí o exemplo do "Alfredo Quirino", que se enlouqueceu ao eleger a obsessão da vingança como uma prioridade em sua vida, traduzindo com surpreendente perfeição o que se deu no período medieval.

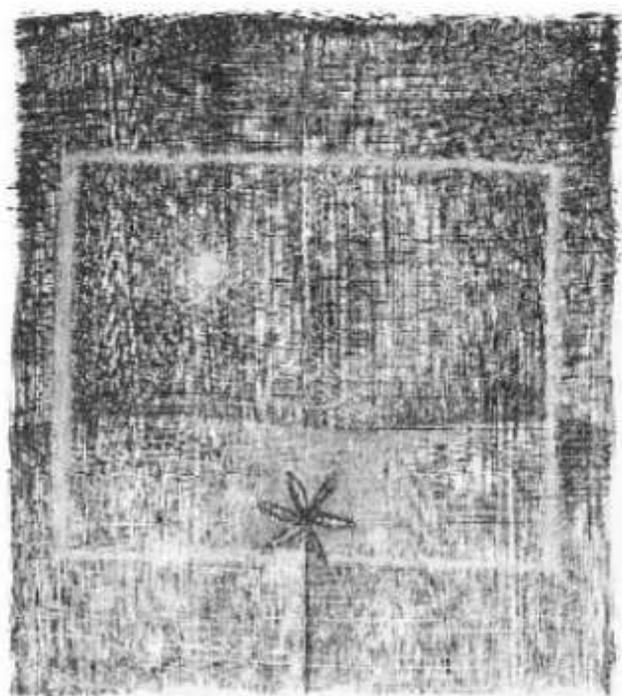
– Explique-me, Dimas.

– Na Idade Média, quando as pessoas estavam convencidas de que existiam bruxas, elas tomaram a iniciativa de procurá-las tão insistentemente que sempre as encontravam, apesar de elas não passarem de fantasiosa criação materializada por suas mentes doentias.

CAPÍTULO II

SIM

Amar é estar contido em simbiose
É compor silêncios de ouvido
Executados pela virtuose do olhar
É quando todo sim derrama
Da trama de vontade natural
E não de casual concessão
Do nosso vício de dizer não.



DIMAS mal teve tempo de chegar em casa e pegar sua mala e seus produtos de venda, coisa muito que o forçou a contratar um dos carregadores entroncados e banhados de suor provocado pelo sol de verão que era quente desde a manhã. Na estação, o maquinista, velho conhecido, brincou:

– Oh, Dimas, você meou um vagão de carga...

– Vida de mascate é assim, cheia de trastes e bugigangas de todo o tipo, a fim de agradar o freguês e vender alguma coisa.

Não demorou muito e o trem partiu agarrado aos trilhos feito amantes apaixonados, que só dizem sim. Aliás, sim era o que passava pela mente do experiente vendedor ao encontrar sua clientela de "beira de linha", como ele gostava de dizer.

Inversamente, Dimas preferia cobrir, primeiro, a praça mais distante, desembarcar na última estação e, depois, perfazer o caminho de volta. Cansado, dormiu na desconfortável cadeira do vagão de segunda classe, no qual ele fazia questão de tomar assento, pois acreditava que através da simplicidade das camadas mais humildes se aprendem os usos e costumes de uma comunidade. Ao acordar, com o corpo dolorido por ter caído no sono de mau jeito, o sol morria muito longe, por detrás das serras, pintando o

céu de luzes cambiantes: ouro, róseo, rubro e, por fim, lilás e roxo, indo embora arrastado pela jornada rítmica dos mistérios celestiais, que assim permanecem, apesar de todos os avanços da ciência dos homens.

Arrebatado pela beleza da paisagem e embriagado pelo cheiro de mato, um néctar para os pulmões, Dimas pensou consigo mesmo: É, se eu fosse descrever todo esse encanto para um desses intelectuais herméticos do nosso tempo, o empedernido iria dizer que isso é literatura de almanaque, pecha que atiram em tudo que toca ao coração, que nos afaga a alma. Olhando o céu, o bem-informado Dimas lembrou de um dado tão interessante que resolveu repassá-lo ao companheiro do lado, afinal um íntimo desconhecido, pois ao certo o vira dormindo, babando e girando o queixo sobre o peito a cada curva do trem.

– Boa-noite, companheiro, como se chama?

– Boa-noite, meu nome é Geraldo Pontes, sobrenome emprestado, um apelido que ganhei por ser engenheiro no interior e ter participado da construção de muitas rodovias.

– Meu nome é Dimas. E eu vou incomodá-lo com um dado sobre esse punhado de estrelas, esse feixe encantador de luzes que podemos ver nitidamente sobre nossas cabeças daqui dessa escuridão bucólica, distante das luzes de néon da cidade. Você sabia, Geraldo, que, segundo cálculo realizado por astrônomos da Escola de Astronomia e Astrofísica da Austrália, existem no universo pelo menos 70 centilhões de estrelas.

– Nossa Senhora! – exclamou Geraldo.

– É impressionante mesmo. Trata-se do número sete seguido de vinte e dois zeros. Sem trocadilho, mas já o cometendo, é uma quantia tão astronômica que representa a soma de todos os grãos de areia que cobrem as praias e os desertos de todo o mundo.

– Se eu, que sou engenheiro, e passo a vida envolvido com cálculos, estou arroubado e embasbacado, imagine o cidadão comum, sem experiência com matemática nem cifras tão elevadas.

– E tem mais: os pesquisadores salientam que os cálculos são ainda imprecisos, uma vez que foram elaborados com base apenas na luminosidade das galáxias, cujas estrelas estão ao alcance dos telescópios utilizados.

– Mudando de foco, já que estamos falando de luz, para onde você está indo, Dimas?

– Vou até o fim da linha.

– Que coincidência, eu também! – alegrou-se Geraldo.

– E que bom, assim podemos fiar assunto linha afora.

Ao passo que conversavam, o malconservado vagão de segunda classe ia tendo seus assentos tomados pelos passageiros dos muitos lugarejos. Era uma gente empoeirada, de mãos calejadas, vestes simples mas limpas; na sua maioria pequenos lavradores que levavam seus baús de produtos agrícolas para vender nas cidades maiores.

– Noto que você adora viajar de trem, Geraldo.

– É, apesar de ser construtor de rodovia, acho que traçar ferrovias é mais importante para o país, por ter influência benéfica no preço final das mercadorias que pagam um custo menos oneroso ao ser transportadas país afora.

Enquanto Geraldo punha seus argumentos, os olhos de Dimas circunvagavam na direção do vagão-restaurante, do qual exalava um aroma entorpecedor de comida saborosa. Roncava-lhe o estômago rogando pelas iguarias.

– A prosa está boa, mas os sacos e bons prosadores não param em pé se não estiverem cheios. Vamos lá forrar nosso estômago.

E assim foram jantar e, praticamente, comemorar o início de

uma amizade. Para facilitar as coisas, providencialmente o trem parou em mais uma estação e eles puderam deliciar-se com a comida sem o desconforto do balouçar incessante e das curvas. Nem bem terminaram o almoço e deram início à degustação de um bom vinho, ouviram um apito estridente indicando uma nova ordem de partida. A locomotiva resfolegou, como fazem os atletas que respiram forte antes de arrancarem numa competição. E, em marcha lenta, deu início à longa viagem.

– Dimas, está muito quente, se vamos regar nosso bate-papo com alguma bebida, é melhor uma cerveja bem gelada.

– Está sugerido e aprovado. E prepare-se, Geraldo, para ouvir a história desse seu novo amigo, que dentro de si espera estar fazendo a última viagem como vendedor e cuidar mais de fazer versos que, bem ou mal, é a forma pela qual posso me enraizar mais nesse mundo.

– Que bom, estou viajando com um poeta, que é um viajante por natureza. E você tem razão, defendendo a tese de que a literatura é uma bela forma de alguém perpetuar sua passagem pela Terra. Um livro, um autor pode, às vezes, não ser muito lido nem reconhecido durante anos e até séculos, mas sua obra permanece nas estantes das casas, nas bibliotecas...

– É isso aí, Geraldo, porém vamos à minha história de homem que glorifica o molho de estrelas, que nos aquece e ilumina; a natureza que nos garante e todas as coisas que nos rodeiam, explicando-nos que a ausência física de Deus é, contraditória e metaforicamente, a prova cabal de sua existência. Ou seja, Deus é real e está materializado através de sua criação. Seria algo meio shakespeariano: faço, logo existo.

– Seu arrazoado está bem semeado, entendi. Mas continue, que esse velho Pontes é todo ouvidos.

– E olha que, se azar de destino fosse matéria-prima para negar Deus, eu teria um prato cheio de diabos para esboroar em mim to-da crença, toda fé. Aliás, não sou daqueles que jogam a culpa no destino, afinal, Deus nos premiou com o livre-arbítrio, responsabilizando-nos por parte da beleza e da luz de toda paisagem, que se encontra entregue e dependente da nossa arte individual de trabalhar com as tintas e os pincéis de nosso olhar. Nós somos os únicos responsáveis pela aquarela de nossas vidas; a moldura (o mundo pronto), Deus nos ofertou, mas a tela está por nossa conta, segundo o desenvolvimento de nossos dons.

– E daí, você se considera bom ou mau pintor?

– Vou continuar minha história, e o julgamento fica por sua conta. Agora, continuando, teve um tempo em que eu, Geraldo, vivia para o trabalho e o namoro, ou melhor, e os namoros. Era uma mulher em cada cidade onde eu circulava como vendedor. Pregava que isso é que era viver. Fazia-me gozador aplicado dos amigos que se casavam, pregando que o amor não passava de paixão que virava hábito. E, por assim pensar, toda vez que o namoro ia ficando mais sério, eu logo me mandava. Casamento e altar eram sinônimo eufemizado de cadafalso. Porém, um dia, conheci Margarida.

– Bem-feito. Sempre tem flor nos caminhos dessa vida.

– Pera aí, que você vai ver em que canteiro de cactos eu fui meter. Prosseguindo. Entrei num lance de paixão exacerbada. Elegi Margarida a mulher da minha vida, dormia e comia...

– Literalmente?

– Deixa de besteira, senhor Pontes. Não me corte o raciocínio. Dormia e comia, trabalhava e vivia em função daquela mulher. Ficamos noivos. Eu comecei a viajar cada vez mais. A meta era juntar grana e dar todo o conforto para a mulher amada, que àquela altura já detinha o controle de toda a minha vida financeira, pois

abri até conta conjunta para facilitar-lhe essa função de aplicar o nosso suado dinheirinho.

– Eta, poeta...

– Quem dera se eu tivesse sido mais poeta, predicado que nos abre o leque de visão, percepção e sensibilidade, possibilitando-nos penetrar nas profundezas das coisas. Eu estava era enfeitiçado pela beleza física de Margarida, jamais lhe percebi a alma, por maiores que fossem os sinais contrários. Pra mim era mais fácil Deus pecar que Margarida me enganar.

– De que sinais você fala, Dimas?

– Você sabe, Geraldo, como engenheiro de obra rodoviária, que quem perambula de cidade em cidade termina ouvindo e sabendo de tudo. Certa feita, um velho cliente, conversador que só ele, começou a falar-me sobre Margarida, mas parou enrubescido no meio da conversa. Disse-me ele que Margarida havia tido, no passado, na adolescência, um daqueles amores que "as coisa" de um e de outro, ficam o tempo todo nas mãos de um e outro, mesmo quando não tocam.

– Que é isso, Dimas?

– É daqueles amores em que os amantes se despem com um simples olhar e passam a andar nus por onde andam.

– Pesquei, pesquei!

– E, como se não me bastasse essa informação, ele ainda insinuou que os dois jamais deixaram de se ver, mesmo o tal cara tendo-se casado com outra.

– Mas você não tocou a leréia pra frente?

– Não toquei nem queria tocar. E o freguês, então frêmito, saiu pela tangente com um pouco convincente "não liga não, isso é coisa do passado, e você sabe, o povo fala demais". Era o de que precisava o meu coração apaixonado, disposto a ouvir qualquer

versão favorável à sua amada.

– Nossa, já passa das três da manhã...

– Desculpe-me, Geraldo, vamos dormir que amanhã eu continuo a narrativa, afinal, se longa é minha história, comprida é nossa viagem.

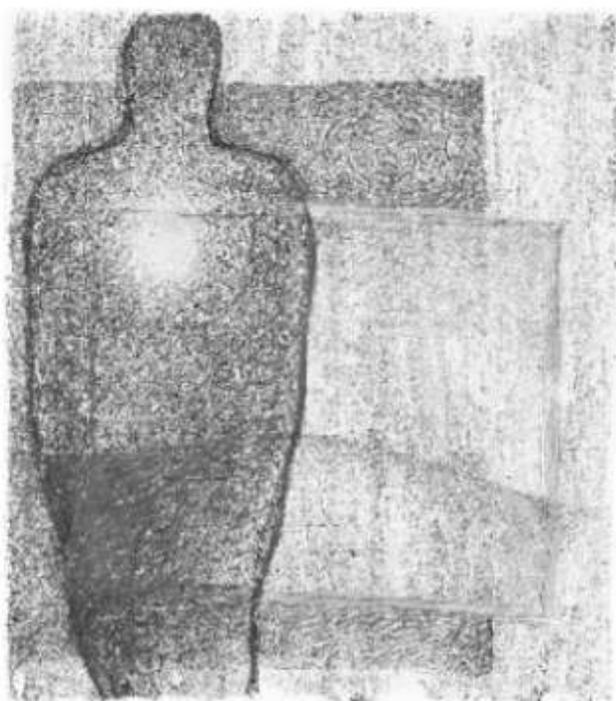
– É verdade. Temos tempo e, além do mais, eu estou interessado em saber desse romance, a que, pelo jeito, você resistiu feito dormitante de linha de trem. Está aí vivo, bem de saúde e ainda com tudo para encontrar uma pessoa e só começar a dizer sim, pois quando estamos arrastando em nós os grilhões de relação mal resolvida, cometemos o erro de não ver nem sentir os amores que continuam a entrar em nosso peito.

– É, talvez seja tempo de eu começar a dizer sim. Mas, por hora, vamos dizer sim a um merecido repouso, aproveitando o frescor da madrugada.

CAPÍTULO III

PÁTRIA DO SILÊNCIO

Boca calada e sem expressão
É caverna oca contrariando o Criador
Suprema invenção do ditador
Desejoso de mentes vazias
De povo sem fantasias de orador
Boca fechada em solidão
Gente sem poder de manifestação
Sem viver a amplidão dos sons
Aprisionada pelo desdouro das correntes
Boiada seguindo silente pro matadouro
Ensinando que a morte em vida é penitência
Destino mórbido de quem aceita o corte da fala
E se ilha na ante-sala da violência
Filha da desamada pátria do silêncio



DRIBLANDO as montanhas serpenteantes, a luz do sol faz acontecer mais um parto de claridade nas curvas do horizonte que se entrega à eclosão de mais um dia. Geraldo Pontes acordou depois de Dimas, que, apesar de exausto, não se deixou tomar pelo cansaço e, como de costume, despertou aos primeiros raios de sol.

– Bom-dia, Dimas, pensei que você despertaria bem tarde.

– Não consigo, necessito de assistir ao dia raiar. Aliás, não sei o que me move, mais sei que caminho à medida que meu peito se enche de luz: o combustível do meu espírito.

– Você tem toda razão. Meu avô também pensava assim. Não era poeta, mais um pintor que nos deixou várias telas, que hoje o estampam vivamente nas paredes de muitas casas.

– Pois é, Geraldo, já que estamos num trem, é bom que nos lembremos sempre que a vida é passageira, mas o amor não. Ele extrapola nossa existência, segue conosco após a morte. Trabalho artístico é ato de amor – fica!

– Correto, porém vamos ao refeitório tomar um café, a fim de tornar completo o nosso despertar! – sugeriu Geraldo.

E Dimas não se fez de rogado. No refeitório era aquela algazar-

ra, crianças e mulheres formavam a maioria. Gente brejeira, belas moças que, se fossem contempladas com um banho de loja, poriam no chinelo muita donzela festejada pelos meios de comunicação.

Já à mesa, composta de um frugal café da manhã, Dimas retornou à importância da luz.

– Sabe, Geraldo, acredito tanto no poder da claridade, que, diante das manhãs, vem-me sempre a certeza de que a escuridão do Apocalipse será bem maior para os que, antecipadamente, apagam as luzes do caminho...

– Olha, Dimas, vendo-o em momento de tanta reflexão eu gostaria que você, no restante da viagem, toda noite fosse me contando a sua história e me permitisse grava-la, pois penso em escrever um livro e estou com a impressão de que você me passará um bom enredo.

– Está bem. Mas faço questão de que você não coloque o nome real das pessoas envolvidas nem situe geograficamente a região onde os fatos se deram.

– Nem precisava pedir, eu jamais o comprometeria. Não é preciso conhecer profundamente um pessoa para respeitar o santuário de sua existência.

– Combinado então. Durante o dia você é quem comanda os diálogos. Eu vou me reservar para a noite...

– Na condição de engenheiro vi muita coisa nessa vida. Aprendi que é verdadeiro o ditado que diz que dois bicudos não se beijam. Ou seja, o inimigo maior é sempre aquele com o qual mais nos parecemos. Muitos são os que combatem ditadores sanguinários e acabam construindo afiadas lâminas mentais e louvando o poder de eliminação da guilhotina como garantia de imposição do pensamento unitário, fortalecido pela decapitação dos oponentes, no afã

de catapultar seus projetos de transformação. Talvez desse comportamento venha a indiferença e o condenável analfabetismo político das grandes massas populares, que têm carradas de razão para visualizar em todo agente do poder um inimigo em potencial.

– Que é isso, Geraldo? Agora, sou eu que não o estou entendendo.

– Nessa vida de engenheiro de departamento nacional de estradas, tive contato direto com a classe política e descobri que os poetas e pintores descrevem ou desenham o mar e nós escutamos a brisa e o vento movimentando as marés. Os políticos discursam sobre os oceanos e percebemos o naufrágio das embarcações...

– Santa mãe, que triste conclusão!

– Contudo, é a mais pura realidade. Tenho a mais absoluta certeza de que a verdadeira luz democrática não tem dono nem atende a fundamentalismos ideológicos: é gerada por aquele que, agindo como magistrado, ilumina o caminho independentemente de quem o percorrerá. Sem o cumprimento dessa assertiva pela classe política e pelas autoridades, em todos os níveis e dimensões, não há esperança para as próximas gerações. O futuro não está sendo semeado no presente.

– Pelo amor de Deus, Geraldo, que pessimismo.

– Pode ser uma visão lúgubre, porém é o estereótipo da realidade de nosso país, onde a desigualdade social tem me deixado tão triste que, às vezes, temo morrer sufocado neste vale de lágrimas, e Deus, por eu ser fonte de tristeza e amargura, não querer saber de mim no céu.

– Que é isso, homem? – alarmou-se Dimas.

– Ouça-me. Aqui está explanando um funcionário público que entende a filosofia embutida nos procedimentos da administração da coisa pública. Nossas elites são de beira de cais: ou para esperar

especiarias estrangeiras como no passado colonial, ou para navegar a outras plagas se forem impedidas de traficar os paus-brasil.

– Cruzes, você está do avesso, Geraldo?

– Isso é porque você acabou de me conhecer, mas em toda a minha trajetória, eu sempre fui um ferrenho combatente dos que levam a vida só para juntar bens materiais gananciosamente, à custa da miséria alheia. Venho do Nordeste e já assisti a muito senhor de renda e posses que, quando dão de morrer (os abastados também morrem), não conseguem quórum de mãos amigas nem para conduzir seu caixão até a última morada. E, pelo jeito que anda a sociedade, cada vez mais hedonista praticando um individualismo extremado, em breve esse insólito acontecimento se tornará fato tão normal, que os caixões sairão das funerárias já desprovidos de alças...

– Nisso você tem razão. Mas é fruto da insalubre realidade em que o governo de todos não passa da representação da vontade de alguns direitistas ateus que elegem o materialismo-contínuo como Deus e garantia de eternidade por meio da aquisição desregrada de bens que, passados de pai pra filho, constroem uma aparente sobrevivência material através de objetos de valor.

– Ah, você está me entendendo muito bem. Os Estados se tornaram incapazes de ordenar a convivência social, mas são competentes defensores dos interesses comerciais de poderosos conglomerados internacionais (e nacionais), que tanto elegem quanto depõem governos ou governantes.

– Está bem, Geraldo, esse assunto foi puxado na hora certa, pois estamos lembrando das mazelas de nosso país de tantos famintos no café da manhã. Em síntese, nossa conversa funcionou como uma oração aos que não têm acesso ao pão nosso de cada dia – amanhecem e vão dormir com fome.

– Vamos tomar nossos lugares, que eu vou lhe contar os motivos de eu não ter galgado postos elevados dentro do funcionalismo, mesmo sendo proveniente de família de políticos e pessoas de relevo na alta sociedade.

– Nossa, que estranho, com licença, pode ir andando que eu vou dar uma chegada até ali – cortou abruptamente, Dimas.

Não demorou e lá estava ele de volta...

– O que foi? – indagou Geraldo.

– Pensei ter visto Maria Clara, irmã da mulher de que lhe falava ontem à noite.

– Lembro-me. A Margarida.

– Essa mesmo.

– E era?

– Não deu para confirmar; a moça sumiu entre os passageiros, no rebuliço do refeitório.

– Mas você não perguntou o nome da mulher ao garçom, ao balconista?

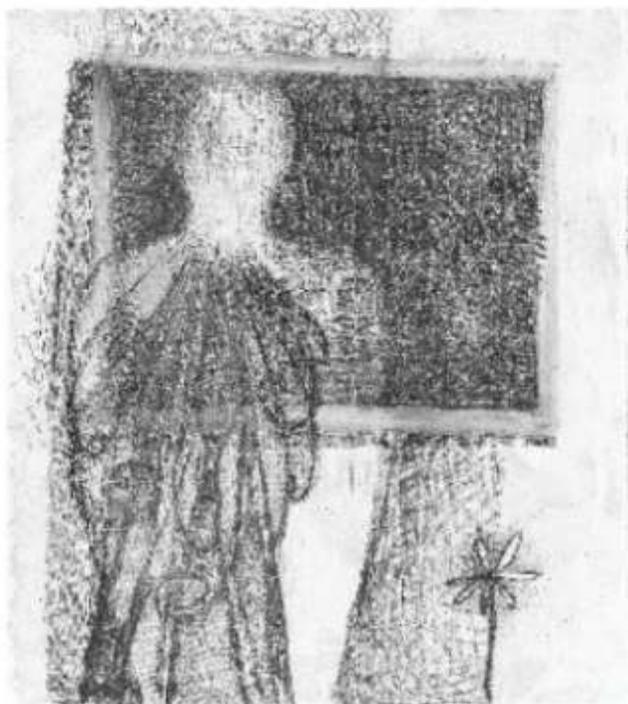
– Perguntei, mas não obtive resposta. Você sabe como é, Geraldo, ninguém sai por aí revelando seu nome. Vivemos um período de pouca conversa. Todos desconfiam de todos. Mas e a sua carreira no serviço público?

– Vou resumir-lhe tudo, contando, ou melhor, repassando-lhe uma matéria de cunho moral que eu li na internet, casualmente, quando, na falta do que fazer num domingo de madrugada, eu navegava. E o conteúdo vai passar-lhe bem a idéia do porquê eu não subi aos patamares mais elevados, onde a qualidade principal exigida do candidato à notoriedade e valorização profissional é estar disposto a enfrentar um escatófilo, adjetivo que identifica tudo o que cresce ou vive em meio a excrementos. A aludida fábula eletrônica conta que um avestruz sonhava em dormir no galho mais

CAPÍTULO IV

REVELEJO

Meu amor há de vir um dia, eu sei
Trazendo nos olhos a fantasia dos horizontes
Para que pintemos contentes e juntos
O conjunto de sóis sobre a ponte-corrente
Unindo a gente em tão ensolarado bem-querer
Que se nosso romance entrar em desmanche
Sempre haverá uma chance pro renascer
Sob o calor de chuva de verão benfazejo
Reviçando toda a ilusão contida
Mãos cheias de vida em revelejo
Navegando os mares do corpo amado
Como se não passássemos de chão arado
Docemente preparado por nosso beijo pagão
Para o replantio da semente da paixão



O DIA andou ligeiro, de estação em estação, a vida sendo imitada em cada plataforma de embarque e desembarque: uns com os olhos lacrimosos de despedida; outros, com a alegria da chegada.

– Sem querer ser indiscreto, o que você vai fazer no fim da linha, Pontes?

– Vou visitar meu filho e os quatro netos, que são a minha vida desde a morte de minha esposa, Paula, falecida há alguns anos.

– Lamento, amigo! – manifestou Dimas, observando que os olhos verdes do engenheiro marejaram e ganharam a cor de folha orvalhada. Por isso, foi logo tratando de mudar de assunto.

– Mas é pra frente que se anda. Passe a viver dobrado, por ela, e curta a sua família por ela.

– É isso que faço.

– Sabe aquela história do avestruz que topou comer merda pra subir na vida, ela se encaixa muito bem nas dificuldades enfrentadas pelos autores independentes no campo da música e da literatura, pois temos um público que só consome o que se acha sob os holofotes da mídia, que, por sua vez, anda voltada para o grotesco, o escandaloso, o chocante, o meramente comercial. Poeta subur-

bano, sem marketing pessoal, que gasta a vida como vendedor, não tem lugar...

– Não se queixe, Dimas. Você tem um trabalho enraizado. Pode não ser na proporção merecida, mas inegavelmente você tem o seu público cativo. E pare de reclamar, senão você me desestimula a escrever o pretendido romance.

– Você tem razão, porém, lá uma vez ou outra a gente tem que falar, quebrar o silêncio.

– Isso é verdade, Dimas. O silêncio, o medo de denunciar injustiças e desmandos, é fator exponencial na disseminação da violência.

De repente, caía mais uma noite, e em meio a tira-gosto e cerveja, Dimas se punha entregue a um voluntário derramar de estrelas e escuridões de sua vida sobre a mesa, bem à vista e aos ouvidos do amigo Pontes.

– Margarida tomou conta de meu destino. Foi ela quem escolheu e comprou a casa em que moraríamos. Era eu viajando sem parar e minha amada aplicando o fruto do meu esforço ingente, em que a recompensa era, após dias e dias de ausência, perder-me em seus braços. Em sua boca, encontrava o trono para assentar meus beijos, seus olhos eram como castelo, em cujos labirintos o meu olhar sentia o gozo de se afastar e se entregar cego e tatiante, mas sem vontade alguma de recuperar a visão, bastava-lhe a fogueira daquela escuridão de afeto, tomada como uma visão celestial, onde enxergar é sacrilégio, é inibir o poder do tato e dos poros – olhos naturais do corpo.

– Que beleza de narrativa, meu caro poeta. Ainda bem que estou de gravador ligado.

– Pode ser, mas na realidade eu estou é arrumando uma maneira de jogar um pouco de seda e paetês sobre a chita amorosa em que

eu estava me metendo, como um alfaiate tresloucado e submisso, disposto a tingir com o próprio sangue o tecido branco, só para agradar cliente que exigia tecido vermelho.

– Que metáfora estranha!

– Não tem nada de estranho, Pontes. Estou querendo dizer é que eu estava tão obcecado em agradar Margarida que já não prestava atenção em mim e hoje, creio eu, que nem nela mesmo, pois projetei uma imagem que estava contida tão-somente em minha cabeça, a Margarida que eu amei jamais existiu, não passava de um tecido alvo, translúcido, invisível, uma tela sobre a qual, com o meu próprio sangue e o cinzel da alma nas mãos, esculpi e dei vida com o sopro de mágica ilusão.

– Por que tanta descrença e dor, Dimas?

– Não se trata de descrença, não se trata de dor, mas quem ouviu piadinhas a respeito de quem ama como cheguei a ouvir tantas vezes e, mais que isso, aceita desculpas evasivas para marcas no pescoço ou nos seios que não fez, pois havia ficado fora quinze, vinte dias, está, na acepção da palavra, bancando o verdadeiro idiota, dando sopa, ou melhor, verdadeiro sopão para o azar.

Nesse instante, o trem pára em mais uma estação, providencialmente, porque o maquinista recebeu informação de que caíra uma barreira e o trecho só seria restabelecido às 10 horas da manhã. Assim, às duas horas da manhã, todos os que estavam no trem só tinham três opções: dormir, ficar no restaurante ou sair para dar umas voltas na cidade, que àquelas alturas não tinha movimento algum. Isso para quem não conhecesse a região, o que não era o caso de Dimas.

– Como é, vamos sair para quebrar o tédio e dar uma esticada nas canelas?

Mal saíram do trem, ainda na plataforma da estação, um

conhecido do Dimas foi logo falando.

– Você veio para o enterro?

– Que enterro, Antenor?

– Do congadeiro Beriba.

– Que tragédia. Um dia desses eu ainda estava pescando com ele e tomando umas e outras na beira do rio.

– Quem é esse falecido, Dimas? – entrecortou Pontes, que não estava entendendo nada.

– Eu seria afilhado dele. Ele já tinha sido convidado por mim para ser padrinho de meu casamento com Margarida.

– Onde é o velório, Antenor?

– Será na Associação dos Congadeiros, onde você encontrará quase que a cidade toda.

– Vamos, Pontes, eu sei onde é.

Em lá chegando, encontraram um ambiente de festa e contentamento de tal proporção que a única coisa a lembrar que ali se realizava um velório era o personagem defunto no centro da sala.

– Pontes, você já havia presenciado algo assim?

– Claro, Dimas. Você se esqueceu que sou engenheiro de rodovias?

– Então é hora de nos reaprendermos e, mais que isso, absorvermos um pouco dos ensinamentos dessa cultura, em que a morte é vista como a compra de passagem para uma longa viagem rumo à cidade dos espíritos.

Enquanto Dimas fazia essas considerações, ao fundo um congadeiro homenageava o amigo desencarnado com uma canção, onde improvisados versos simples, entretanto filosóficos, pregavam:

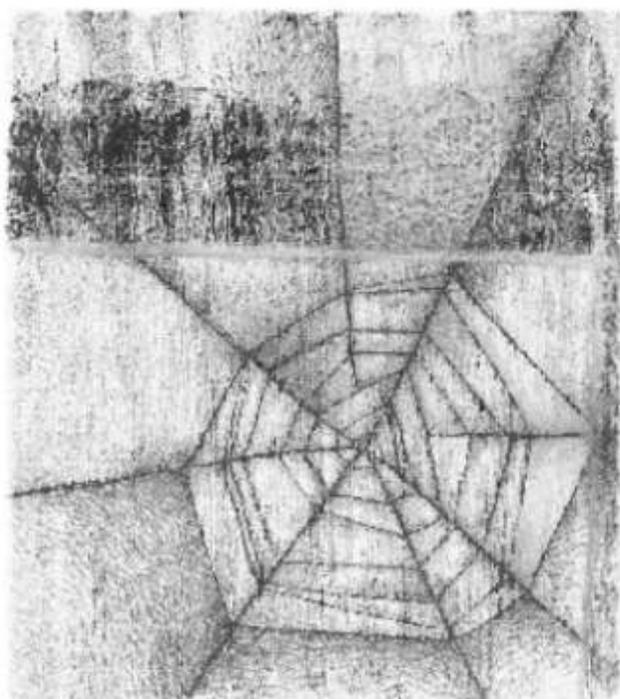
*Vai, vai, congadeiro Beriba
Ave que dessa vida arriba*

*Pra pousar nos jardins do Senhor
Por isso, por que falar em dor?
Pra que lágrimas verter?
Se sua alma irá renascer
Transformando a morte em miragem
E ensinando-nos que não passa de despudor
Não tecer cânticos de louvor a essa viagem*

Quando Dimas deu por si, Pontes, com sua pele clara e seus cabelos louros, tentava se misturar entre aquela maioria de negros e mulatos, que pulavam e dançavam em honra ao preto Beriba, homem versado em realidades e mistérios. Não se fazendo de rogado, Dimas se deixou arrastar pelo cordão umbilical da cantoria da vida que vence a morte, da alegria que supera a tristeza. E ambos retornariam ao trem com a certeza de que não eram os mesmos passageiros. Falariam de suas dores e de seus problemas sim, porém os adornariam com a tinta da esperança e da certeza de que sempre há salvação. Foi cantarolando "Vai, vai, congadeiro Beriba", que eles adentraram o trem... Dessa feita, o apito de partida lhes soava mais como ordem para início de desfile de escola de samba!

CAPÍTULO V

Convivência social cobra reciprocidade
Consciência de mundo e igualdade
Parceria em vez de competição selvagem
Viagem da humanidade em comunhão
Cooperação de cada elo da corrente espiritual
Festival de gente num mesmo sentido
Pois egoísmo só cabe na morte
Quando a sorte individual bate à porta
E não fica bem à pessoa morta
Diante do desbater do coração
Convidar o amigo para com ela morrer
Abrindo uma vaga solidária no caixão



EXHAURIDOS, Dimas e Geraldo Pontes se entregaram aos bafejos de Morfeu. Dormiram a sono solto, mesmo sob o desconforto do banco do trem e o intenso calor de mais uma manhã de verão. Acordaram com a movimentação no vagão, quando os passageiros se dirigiam ao bar-restaurante a fim de almoçar.

Dimas foi logo comentando: – Viu que beleza de velório, Pontes?

– Foi mesmo; sem nenhum medo de estar blasfemando, acho que foi uma grande festa. Inclusive, veio ao encontro daquela fábula do avestruz, provando-nos que não é preciso ser famoso ou celebridade nacional e internacional, para se sentir bem-sucedido neste mundo.

– Estou de pleno acordo. Depois de ver o conceito de que gozava o Beriba junto à sua comunidade, passei a ter consciência de que o indivíduo de sucesso é aquele que, conhecendo seu propósito na vida, cresce no sentido de atingir o seu potencial máximo e lançar sementes que beneficiem outras pessoas.

– Essa é a mais pura verdade, Dimas. Fama e celebridade são para poucos e, às vezes, para se chegar lá, a pessoa tem que engolir muitos sapos e, como aquele avestruz, comer muita porcaria. Além

do mais, não é toda celebridade nem todos os que atingem o mais alto degrau da fama que têm a oportunidade de intervir para melhorar o mundo, como se deu com o seu quase padrinho Beriba.

– E tem mais, amigo Pontes, Beriba, na morte, não estendeu a mão para levar com ele, por intermédio da dor e do sofrimento desmedidos, os convivas mais chegados. Contaram que, antes de dar o último suspiro, ele ordenou: cantem, dançam, bebam e vivam dobrado, porque agora vocês são meus representantes encarnados na terra.

– É dessa forma que os mortos permanecem vivos, é assim que eles falam, caro Dimas. As gerações vêm e cumprem o seu tempo; é gente substituindo gente a todo segundo. Nem mesmo os endinheirados e famosos escapam. Tanto os pobres quanto os ricos terminam imediatamente esquecidos se, em vida, não se deram aos amigos, à família, à comunidade.

– Nisso você também tem razão. Algumas ausências se fazem tão sentidas que, em plenitude, se transformam numa espécie de presença.

– Pois é, Pontes, é por isso que temos a absoluta certeza de que, fora da confraternização e do amor ao próximo, não há futuro para a humanidade.

– E avançando na filosofia, depois de assistirmos ao velório do Beriba, podemos afirmar que é na convivência sincera com as pessoas que tanto construímos quanto garantimos a nossa primeira e material eternidade, pois se nada houver no misterioso "andar de cima", aqui na Terra, por meio dos que nos estimam e nos querem, nossa memória será cultivada, seremos energia circulante.

– É aí que os mortos falam! – frizou Pontes.

– Questões como essa deveriam ser constantemente tratadas. Nosso único filósofo deveria ser Jesus Cristo, pois nele estão con-

tidos todos os demais. Nem Mark, nem Heidegger ou Marcuse; nem Sócrates, Platão, Aristóteles, Hegel ou Descartes. Em um só feixe de luz, juntemo-nos a Cristo e nos tornemos ferrenhos combatentes dos iconoclastas, que, mais que imagem sagradas, andam destruindo as tradições, as normas de senso comum que norteiam a convivência harmônica das comunidades e colocando abaixo todos os valores contidos em nosso patrimônio cultural.

– Quem nos dera, Dimas, que Jesus reinasse como nosso filósofo e fundássemos uma sociedade lastreada no amor ao próximo como primeiro mandamento a ser seguido.

– Que pecado! – cortou-lhe Dimas...

– Pecado, o quê?

– Veja que linda morena de olhos azuis. Até me lembra Margarida.

– Então chega junto ao tal pecado! – sugeriu Pontes.

– Não, eu passei a ter medo de teias, mesmo as bonitas. Em se tratando de encanto e beleza, as mulheres não seguem o que nos elucida a ciência a respeito das aranhas.

– Está endoidecendo o cabeção, Dimas.

– Pera lá! Eu vou explicar. Olha, segundo os cientistas, a aranha que faz a teia mais bonita é sempre a que menos mal faz ao ser humano. Isto é, quanto mais bem-feita e simétrica a teia, menos veneno ou desprovida de peçonha é a aranha.

– E o que isso tem a ver com a Margarida?

– É que ela, linda, bela e perfumada, era feita do mais puro veneno.

– O que ela lhe fez para você guardar no coração todo esse rancor?

– Isso eu vou lhe contando, a conta-gotas, bem devagarinho, durante o transcorrer de nossa viagem.

Outra vez, Dimas atira uma pedra no leito da conversa e sai correndo...

– Oh, Salvador! Oh, Salvador!

Era o Salvador, aquele que não gosta de ser chamado de Grandão, que estava no trem. Puxando-o pelo braço, Dimas o levou até a mesa, fazendo as apresentações de praxe.

– Mas, e aí? O que você faz no trem? Onde o tomou?

– Vou responder-lhe por partes. Tomei o trem aqui na cidade em que morreu o Beriba. Não podia faltar ao enterro de um amigo tão querido e singular. Baluarte do folclore de nossa região. E estou no trem porque vim de carona ao sepultamento e pretendo descer no próximo lugarejo, Boqueirão da Mata, onde vou comprar um carro com dez anos de fabricação e em perfeito estado de conservação, quase que zerado, pois o proprietário quase não o utilizava, preferindo o lombo de seu cavalo ou mesmo o trem. Dizem que ele comprou o carro mais para calar a insistência dos filhos que moram na capital e pensam que um indivíduo sem carro neste mundo é um aleijado, sem meios de exercitar o seu direito de ir e vir. O velho comprou e o deixou lá, quietinho na garagem.

– Tudo bem, mas como eu não o vi na festança do velório do Beriba?

– Não tinha jeito, só mesmo por coincidência. Um mundaréu de gente e eu, baixinho assim, estava sempre escondido atrás de alguém. Enxergar alguém de um metro e cinquenta e cinco como eu, só em campo aberto, de relva baixa e sem árvores...

Os três não conseguiram segurar a gargalhada.

– E o velório do Talarico, nosso centenário pistoleiro querido.

– Foi outra glorificação de um ser humano pela comunidade em que viveu. Só não teve a festança a que assistimos no enterro do Beriba, mas teve gente a matar com pau...

– Fico contente, afinal, apesar de seu passado, Talarico era um homem de boa alma, não dá nem para imaginar que um dia ele sacou de sua arma e matou três de uma vez...

– Ah, Dimas, se hoje constatamos essa violência incontida, imagine naqueles tempos, quando muitas cidades não contavam sequer com um soldado para, digamos, pelo menos trancafiar os assassinos atrás das grades, já que impedir que a maldade humana perpetre atos criminosos permanece coisa impossível para os órgãos de segurança que dispomos nos dias de hoje.

– Você tem razão. Talarico cometeu o acertado erro de atirar primeiro, pois se morto perderia a chance de provar que ele não era nada do que diziam, não tinha perfil algum, sequer resquício, de assassino frio e desumano.

– Só para bem alicerçar a figura do polêmico Talarico que você nos destrincha, um dos netos dele revelou que minutos antes de ser assassinado pela flecha preta da vingança, aquele centenário cidadão ainda contou uma de suas histórias engraçadas, com toda a roupagem de piada. Afirmou ele, sob juras e chamamentos de raios do céu, que um dia seu amigo de muitas noitadas felizes nos arrastapés sob o clarão da lua cheia, nos meses de junho e julho, o Mané Militão (outro ente que, mesmo falecido há muitos anos, ainda é lembrado na cidade em que viveu e nas regiões vizinhas), arrumou uma namorada, durante três dias de folia sem parar. Combinaram um encontro atrás do paiol. Tiraram a roupa e Militão arfava de desejos, porém toda a fleuma mergulhou em água gélida, quando a moça, em metafórico linguajar brejeiro, olhando para o seu pênis, comparou: "nossa, parece uma chaminé". Militão, eufórico com o que pensava ser um elogio, ratificou: de grande, né bem? – Não, de sujo.

Riram a valer e tomaram umas e outras, até que o trem chegasse

à estação em que Salvador desceria. O trem já partia quando Salvador, batendo na janela, gritou:

– "Já ia me esquecendo, o assassino de Talarico se suicidou na cadeia. Tentaram comunicar com a família dele, mas não apareceu ninguém. Foi enterrado como indigente, num caixão sem alças, levado num caminhãozinho velho..."

Dimas virou para Pontes e filosofou:

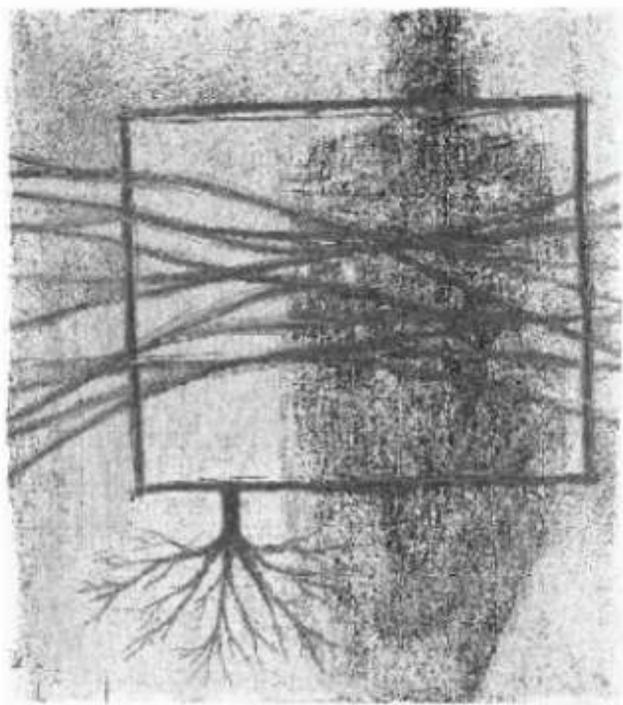
– O povo (a massa amorfa, formada por todos nós, em que se acomoda a síntese da moral da raça humana) não finge; não salga carne podre nem dá corda em relógio estragado...

Todavia, a sábia reação popular, fazendo valer o velho axioma "a voz do povo é a voz de Deus", costuma demorar muito; geralmente após o registro do grande desastre perpetrado por falsos brilhantes intelectuais e por crápulas em pele de cordeiro, que se aproveitam do palco lasso montado pela sociedade-espetáculo, onde o que conta é a imagem, sob cujos holofotes se dá a manipulação dos fatos seguida pela propagação da mentira como se transparente verdade fosse.

CAPÍTULO VI

TEMPERO DE SALIVA

Feito noiva arruma a casa
Fiz portuárias as emoções
Dei asas às luminárias do olhar
Em tudo plantei minh'alma
Na palma da mão decorei falas
E quando em dia de gala o amor chegou
Descobri gritos no silêncio
Quebras de mitos no abraço
Vi que não é preciso procura
O guizo da paixão sempre nos acha
Acolhe a caixa de nossas surpresas
Tem receita pronta para o refazer
Aceita sem perguntas a hora seguinte
E pelo fato de nada temer
Põe pra fora seu próprio amanhecer
Salga o corpo com o tempero de saliva
Para que o sexo penetre a carne viva
Em contração sadia e sem dor
Sob a tortura luzidia do amor revelado



A TARDE começa a desfazer as pétalas do dia, sob o anestésico da promessa do recomeço, do eterno refazer da rosa clara do a-manhecer. Céu escuro, chuva mansa e o trem cortando linha noite adentro, enquanto Dimas, ao lado do amigo, vai derramando um copo de vinho no peito que lhe destila velhas lembranças que sua voz vai liberando feito alambique de saudades.

– Pois é, Pontes, casa comprada, os móveis chegando e o meu coração completamente entregue à amada Margarida, que conseguiu de mim até uma procuração plena sob a alegação de que eu viajava muito e ela não podia ficar na dependência de minha presença para movimentar minha conta bancária e cuidar de meus interesses, como a venda do carro praticamente zero quilômetro que eu tinha na garagem, mas que estava colocado à venda, uma vez que me havia descapitalizado com a ganância do casório.

– Deus me livre de paixão assim absorvente, é como se você estivesse mentalmente menstruado, derramando líquido de insensatez por todos os poros. A noiva arrumava a casa e você se desarranjava mentalmente...

– Você tem razão, porém quem entra nessa penumbra de consciência, só recobra a luz da realidade depois que a borrasca esboroa

não apenas a sua vida, mas todas as suas crenças, quando as falas decoradas perdem o encanto. Em meio a todos esses nós, apareceu-me a possibilidade de fazer uma grande venda em cidade distante. Financeiramente apertado não titubeei, parti para umas quatro semanas de ausência. E era disso que Margarida precisava para pôr seu plano nos eixos, ou melhor, nos finalmente...

– Como assim?

– Mal eu tomei a estrada, Margarida vendeu o carro, a casa, retirou todo o dinheiro que eu tinha e sumiu no mundo, sem que ninguém tivesse, pudesse ou mesmo quisesse me passar qualquer informação.

– Meu Deus, que experiência mais dolorosa, Dimas.

– Dou graças ao Criador por não ter encontrado a desalmada, porque, se a pegasse pela frente, eu não me conteria e, certamente, engrossaria as estatísticas dos que, traídos, assassinam seus amores.

– E até hoje você não tem pista alguma, Dimas?

– Não tenho e, por outro lado, continuo não procurando. No início eu insistia junto à irmã dela, a solteirona Maria Clara, entretanto, larguei de lado. Ainda hoje, observo que ela possui uma vida pra lá de confortável. Tenho notícias de que ela tem viajado até para a Europa, coisa muito suspeita para quem vive com salário de enfermeira.

– Ela não tem pai, mãe? – indagou Pontes.

– Não, os pais morreram há muitos anos. Eram libaneses, elas praticamente não têm parentes próximos aqui na região.

Nesse instante, Pontes observou que Dimas estava mais para mudar de assunto, ainda que dentro dele continuasse a retumbar em seu âmago a presença de alguém que sumiu do mapa, mas ainda ocupa toda a geografia de seu interior, como uma inundação ou um colossal incêndio, que permanece ardendo e impossibilitando

qualquer operação de rescaldo.

– Não se amofine não, Dimas! Pessoas que agem como a sua Margarida nos remetem à descoberta, por cientistas ingleses, de um verme cujo DNA é muito próximo ao do homem. A tal criatura, uma espécie de nosso primo, se chama Xenoturbella, rasteja e vive na lama do fundo de um lago sueco. Não tem cérebro nem sistema reprodutor conhecido, mas os pesquisadores acreditam que o verme e o homem dividem um passado comum.

– Passado, Pontes, eu diria presente! – protestou Dimas.

– Explique-se!

– Na condição de leigo, eu acho que muitos espécimes humanos continuam agindo como primo-verme. Ou seja, rastejam, vivem na lama e são desprovidos de cérebro.

– Que pessimismo, Dimas!

– Pessimismo nada. Só agora, você, uma pessoa que mal conheço, foi capaz de me dar uma pista da Margarida.

– Não estou entendendo!

– Ela está lá na Suécia. Habita o lamaçal do lago de que você falou.

Nem a seriedade do problema sentimental incrustado no coração do Dimas impediu o dueto de gargalhadas que ressoaram vagão a fora, chamando a atenção de todos para a mesa em que se encontravam instalados, num refestelar protegido pelos efeitos e fluidos de Baco...

– Oi, Dimas.

Era um velho amigo, que, levado pela gargalhada, descobriu Dimas no trem.

– Olá, Juvenal!

– Como vai, homem de sorte.

– De sorte?! – esconjurou Pontes, que assistia ao encontro.

– De sorte, pois se aquela mulher não lhe desse o fora, a esta altura ela teria levado muito mais coisas. Ele não tem do que se lastimar, afinal, livrou-se de um problema.

Já com o espírito entorpecido pelo vinho, Dimas não se incomodou, acenando com um afirmativo: *É*, foi a providência divina.

E Juvenal se afastou. Os dois amigos retornaram a conversa, cuja meada eles jamais perdiam.

– A filosofia grega nos ensina que "os deuses sabem dos eventos futuros e os homens dos eventos presentes. Mas o sábio sabe do que vai passar-se". Assim, como nós não somos bafejados com o dom da premonição, é bom que cuidemos do presente, pois o futuro a Deus pertence.

– Disso eu sei, Pontes. Não é à toa que ando cuidando do meu presente, pois essa é a maneira de eu fertilizar a árvore do futuro. No fundo, ainda espero sentir de novo o tempero de saliva amada e desejada em minha boca.

– Ainda bem, pois quem não toma as rédeas de seu destino termina na mão de piratas modernos, executores da barbárie de anular sentimentos e desrespeitar o sonho dos outros, que se entregam à inércia e à impotência, a ponto de torcer para que a noite caia e os bárbaros venham tomar posse de suas vidas, acreditando que serão mais felizes como dependentes do que como guias de si mesmos ou detentores da autodeterminação e profícua autonomia de seus passos. Desavisados, não-cientes de que todo imperialista, todo capataz ou dominador, é um bárbaro em potencial, um regulador, prefere, doentiamente, andar sob a chibata dos senhorios que correr o risco da alegria de traçar seu próprio vôo.

– De onde você adquiriu este jeito professoral de falar? – interveio Dimas.

– *É* que eu fui professor durante muitos anos. Aliás, foi muito

bom você me fazer essa indagação, pois, além de ter perdido minha esposa para a morte, eu ainda acabei perdendo meu emprego na faculdade.

– Mas por quê?

– Um aluno de nome Amâncio estava para repetir o ano, devido à sua pouca intimidade com os números e operações. Vendo que não daria conta do recado, digo, das contas, ele se transferiu para uma faculdade mais cara e menos exigente. Fiquei sem ter contato com ele durante cinco anos. Até que um belo dia, o aluno incompetente me apareceu como concorrente à minha vaga. Filho de família bem aquinhoada, ele conseguiu formar-se e fazer curso de pós-graduação e, como o ensino anda numa verdadeira "guerra dos canudos", a direção de minha escola optou pelo mais graduado em lugar de um professor capaz de passar experiência profissional a seus alunos, uma vez que além de dar aulas eu atuava como engenheiro responsável por muitas obras civis e rodoviárias.

– Muito triste, muito constrangedor!

– Pode ser, Dimas, todavia esta é a realidade deste mundo materialista, onde temos uma visão utilitária de tudo. Dentro da pocilga econômica em que vivemos é mais fácil abrir centro médico de emagrecimento para atender rico do que clínica pública para engordar pobre.

– É exatamente por isso que tomamos por bom governante aquele que unta os mecanismos condutores dos privilégios intocáveis das elites que concorrem decisivamente para a materialização do socialismo às avessas, em que a classe dos remediados divide seus poucos recursos com os míseros. E, por conseqüência, a miséria em única igualdade possível, à imagem e semelhança da mente dos homens sem boa-fé nem juízo que dirigem as nações.

– Pontes, cada vez mais amor e condição econômica se

entrelaçam. Não há como duas pessoas cultivarem a flor do bem-querer sob a inclemência da mais completa carência de bem material. O universo não conspira pela felicidade ou infelicidade de ninguém; em verdade as forças celestiais tanto preservam quanto abrigam todas as energias geradas pelos seres vivos, bem como o calor desprendido por todas as fontes de calor e luz, não importa se dos céus ou do inferno.

– Sem dúvida! – aquiesceu Dimas, emendando – Em todo amor há um mal; em todo mal, há um bem. A luta entre as forças positivas e negativas é uma constante eterna. Todos nós achamos que somos mais infelizes do que merecíamos, mas nunca nos julgamos mais felizes do que merecíamos ser. Na roda do tempo ainda não nos sobrou um segundo sequer para pensar no outro, a não ser quando indagamos aos céus: por que eu, Senhor? Numa tentativa de atirar nos ombros de outro qualquer a dor que é nossa.

– Eis aí a dificuldade de amar, fazer amizade, ceder, tolerar as diferenças, dividir o pão.

– E isso apesar de ninguém ser feliz sozinho! – ponderou Dimas.

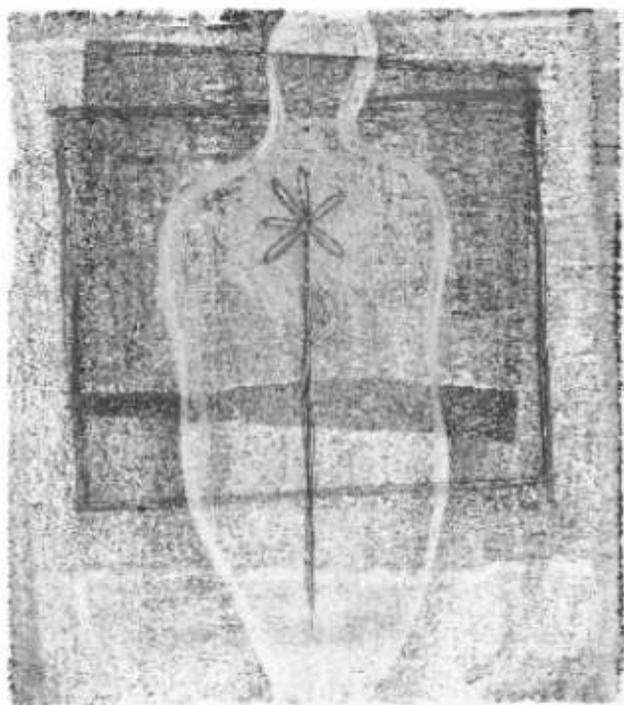
– A amizade é como um diamante nas profundezas do chão que alguns garimpeiros encontram, outros não! Tal assertiva me dá a certeza de que amigo a gente não faz, reconhece. Assim como aquele que sai à procura de pedras preciosas.

Pontes encerrou, já disposto a entregar ao balouçar do trem como criança ao berço, como pescador à rede. E cada um foi para o seu banco, então aceito como trono, porque é assim que se dá a todo instante: passam-se as fantasias e nós acabamos abraçados de maneira monolítica ao que nos resta. Cada um nesse mundo carrega seus trastes e trapos como se portasse um pote de ouro. Os amores costumam se lavar em lavas que eclodem do vulcão sempre

ativo do coração, e ao mexer com a lagoa – água represada, inerte – depositária de velhas paixões, Dimas e Pontes estavam abrindo lei-tos e horizontes para novas cheganças em suas vidas. Cada um, à sua maneira, haveria de encontrar sua pedra preciosa – seu cerne, sua sombra e síntese – com seu valor intrínseco, sem cotação de mercado, uma vez que as coisas que mais nos calam ao coração têm como unidade de medida o nosso ponto de vista individual, construído pela experiência de vida, somatório de valores espirituais e materiais que se introjetam de maneira singular em cada um de nós, amalgamando-nos com um limo particular, indissolúvel, como se não passássemos de pedras em carne e osso rolando na correnteza da vida, que só tem descanso na união de forças geradoras da amizade, da convivência e do amor, quando então encontramos algum lenitivo e podemos intercambiar os livros impregnados em nossa pele, estratos do que realmente somos e dos quais pouco sabemos, pois na maioria das vezes sequer temos consciência instantânea dos amores que nos entram no peito e que, muitas vezes, são descortinados tarde demais, quando a peça saiu de cartaz, as luzes se apagaram e os personagens foram ao encontro de novos enredos.

CAPÍTULO VII

Todo amor que chega surpreende
Pois a gente já sentia o seu gosto
De certa forma seu rosto sabia
Conhecia-o profundamente sem conhecê-lo
Feito carinho antigo que acorda de repente
E ao vê-lo, dele simplesmente se recorda
Isso nos faz crer que os amores estão no ar
Cada qual com seu esvoaçar, seu porto-seguro
Seu pouso final em determinado corpo
Assim como o amanhecer sabe a luz
Todos reconhecemos a mão que nos seduz
Não passa a surpresa de mera constatação
Como se tudo já estivesse no coração escrito
E só nos restasse seguir o velho rito
Ensaiado pelo amor novo no palco do malpassado



DIMAS, para variar, dormia, enquanto Pontes já perambulava pelos vagões. Nessas andanças este, quase todos os dias, se encontrava com Maria Clara, sem se dar conta de que ela se tratava da irmã de Margarida, pois ela se lhe apresentou como Clara. A bem da verdade, se perdia em um certo langor pela passageira de sorriso aberto e largos gestos femininos que lhe laqueavam as lacunas emocionais advindas da perda da esposa.

– Olá, Clara!

– Bom dia, senhor Pontes!

– Senhor é Deus. Já lhe pedi para me chamar apenas de Pontes.

– Está bem. Veja que dia radiante, com as luzes do sol se multiplicando na vegetação ainda molhada pela chuva que caiu à noite.

– A natureza é como se fosse a comunicação de Deus com o ser humano. É uma pena que sejamos tão cegos sentimentalmente que não consigamos nem ao menos tatear, apalpar esse braile natural que se encontra grafado por todos os cantos, por todos os lugares.

– Tem razão Pontes. No campo espiritual não passamos de larvas em desenvolvimento.

– Creio nisso também, Clara! Estamos muito longe de atingir a última fase e ganhar as asas da clarividência, da compaixão e do

amor ao próximo.

– Sei disso. Como enfermeira, aprendi que somos todos iguais, mas infelizmente só descobrimos isso na doença ou diante de infaustos angustiantes.

– É como se fôssemos iguais apenas na dor, Clara!

A moça, aquela coroa enxuta, de corpo escultural, pediu licença e se dirigiu à cabine de alta classe, deixando no ar um perfume que embriagava tanto o coração de Pontes que ele falou consigo mesmo: "O perfume dessa mulher é o combustível desse trem".

Não demorou e lá vinha Dimas, abanando mãos e cabeça para todo mundo, fazendo jus à sua fama de bom vendedor e conhecedor daquele roteiro como as palmas de sua mão.

– Como vai, companheiro Pontes? Que clara manhã!

– Clara é linda.

– Como?!

– Digo, clara e linda!

– Então, vamos ao café! – ordenou o ainda mal-acordado Dimas.

No caminho até a mesa, viram num canto uma família simples, com todo jeito típico de camponeses, porém, as vestes humildes aparentavam limpeza e as crianças transluziam o zelo de seus pais através do brilho de seu riso.

– Veja, Dimas, que maravilha é a união familiar.

– Indubitavelmente, a família é essencial na formação humana.

– Não importa se mansão ou barraco, todos necessitamos de um lar! – asseverou Dimas.

– Eis aí a razão de eu não me ter casado novamente. Meu filho tinha 12 anos e senti que ele não queria que eu vivesse um outro relacionamento. Para ele, na pré-adolescência, seria como se eu estivesse procurando uma substituta e, para filho, não existe reserva de

mãe...

– Entretanto, nada impede que você agora viva uma nova paixão.

– Acho também. Afinal, Dimas, meu filho Bruno tem a sua vida...

Naquele instante, bem à vista, beirando a linha, uma enorme cobra arriscava abandonar sua toca para tomar sol em meio à vegetação rasteira.

Pontes logo se lembrou de uma experiência vivida nos tempos de ativo engenheiro de estrada.

– Certa feita, Dimas, quando me encaminhava para o canteiro de obras, juntamente com um dos peões, de nome Afonso, deparei-me com uma cobra de porte igual ao dessa que acabamos de avistar. Num piscar de olhos, sem que eu pudesse intervir, Afonso, desnecessariamente, lhe passou o facão sem dó nem piedade. Zanguei com ele, mas, como matuto seguidor de seus instintos, ele deu de ombros: bicho peçonhento, doutor. Tem que morrer! Cometida a façanha, Afonso pegou o bicho e o dependurou num mourão de cerca à beira do caminho. À tardinha, quando retornamos aos nossos alojamentos, reparei que havia uma outra cobra, certamente a companheira (ou companheiro), envolta no corpo do réptil morto. Afonso, sem que eu lhe fizesse qualquer reprimenda ou lhe aconselhasse, optou por, dessa vez, não eliminar a cobra. Estava, como todos os presentes, emocionado com a cena em que a serpente "chorava" a morte de sua parceira de serpenteio pelo chão.

– Bela história, Pontes. Uma lição nestes tempos bicudos, em que a insensibilidade reina absoluta, gerando muita víbora humana capaz de passar rasteira em serpente.

– Depois desse fato, Dimas, eu me decidi a jamais cometer a injustiça de classificar como cobras as pessoas perversas. Promete-

mos a nós mesmos não propagar aquele ditado popular que diz "fulano é ruim que nem cobra", pois tomamos consciência, in loco, de que as serpentes são capazes de dar provas de afeição e carinho.

– Você tem razão. Acho, inclusive, que não podemos ser chamados de seres amorosos e portadores de sentimento porque amamos ou somos sentimentais de vez em quando. Se assim não procedermos, poderemos, em muitos casos, ser inferiores às cobras – que não são racionais, mas são capazes de demonstrar companheirismo e afeto.

– Pois é, Dimas. É por isso que defendo a idéia de que as pessoas não nasceram para ficar sós. Nós dois, por exemplo, não devemos anular esse instinto que emerge de nosso peito toda vez que desarmamos nosso espírito.

– Você está falando como se tivesse sido flechado por algum cupido de linha férrea escondido em meio aos vagões.

– Não estou entendendo.

– Ora, Pontes, ninguém ganha brilho nos olhos assim à toa. Você pode até negar e eu compreendo que toda paixão nova deva ficar mesmo guardada nos escaninhos secretos do coração, ir ganhando limo, aquecendo-se na ternura vivida por dois até eclodir como um ovo e voar livremente diante dos olhos de uma platéia admirada e surpresa com a chegada de um novo amor, que se insere à cadeia de energias que movem o mundo, que é tragado ferozmente pelo universo, como se fosse combustível indispensável à sua eternização. No meu íntimo, acredito que no esfregar de corpos, no encontro de bocas e no derramar de êxtases e licores de orifícios e poros carnis está a centelha, a tocha olímpica celestial que se mantém acesa iluminando a cooperação entre todas as coisas, animadas e inanimadas, em prol da perenização da vida tecida pelo

Criador.

– Nada mais prazenteiro do que assistir ao mascate cedendo espaço ao poeta! – elogiou Pontes.

– E desde quando mascatear não é algo parecido com fazer verso. Tanto as mercadorias quanto os poemas só são aceitos se agradar aos olhos e penetrar na festa de desejos do coração.

Por mais claro que seja o dia, a escuridão sempre vem. E bastava iniciar o cair da tarde para que Dimas modificasse toda a sua atmosfera psicológica. Margarida lhe adentrava o peito, embebendo-o em perfume de dama-da-noite. Podia-se sentir que Dimas estava acompanhado; quem com ele estivesse sentado, como Pontes, quase pedia bebida e comida para três...

– Aquela sua história das cobras lembrou-me Margarida. As cobras também amam!...

– Pare com isso, Dimas. Dê uma chance ao amor que você um dia sentiu por Margarida. Quando você a expõe como uma megera, uma bruxa ou sei lá o que, você também se desvaloriza, pois afinal viveu com ela um grande amor. E tanto eu quanto você sabemos que os amores estão no ar e a gente acaba captando o que deseja. Somos nós que sintonizamos o canal. E, mesmo mal conhecendo-o, penso que sei o suficiente que você jamais emanaria uma energia tão negativa a ponto de atrair um monstro para viver ao seu lado.

– Qual a razão desse sabão, Pontes?

– Ah! Você já parou para pensar que aceitou a maldição como coisa definitiva? Em vez de sair atrás de respostas, você preferiu ficar com as perguntas, as insinuações, os indícios.

– Nada poderia fazer.

– Podia e pode. Qualquer coisa seria melhor do que conviver com a dúvida. Abraçar a maldição como fenômeno inquestionável

é o mesmo que premiar o diabo.

– Pontes, você hoje está com os cachorros...

– Estou sim. E tem mais: apesar de você ser poeta, no caso com a Margarida, você foi apenas o vendedor, o mascate enraivecido por ter perdido bens materiais e grana. Você demorou demais para perceber que havia perdido o amor de sua vida. Só se deu conta disso quando recuperou sua condição financeira, que se lhe revelou não ser o antídoto apropriado para fazê-lo esquecer o principal: a saudade recalcitrante da amada Margarida, uma lembrança que permanece doce no tacho de cobre ensolarado de sua memória.

– O que queria que eu fizesse? – interrompeu Dimas.

– Queria que você tivesse corrido atrás. Desse a ela a chance da dúvida, seguida da confiança que é o alicerce de todo relacionamento e convivência.

– Que chance, homem de Deus? Oportunidade para dar de cara com o óbvio?

– Se você tem tamanha certeza de seu veredicto, então por que se tortura? Já imaginou que ela poderia estar acorrentada pelos grilhões das tais forças ocultas e motivos inconfessáveis que vira e mexe assolam e tomam de roldão a vida das pessoas. Não se esqueça, amigo Dimas, que, por mais que você conheça uma pessoa, sempre existirão segredos impenetráveis, aos quais, em muitos casos, não devemos mesmo ter acesso ou porque não compreenderemos ou pelo fato de aquela particularidade ser a vestimenta espiritual da pessoa. E quem é que consegue trafegar ou se entregar com naturalidade sob a sensação de estar freqüentemente nua...

– Nisso dou-lhe razão, engenheiro da palavra, amigo Pontes, pois se você acha uma árvore bela, não precisa descobrir-lhe o cerne. Para isso, você terá que cortá-la. E, ao fazê-lo, ela morre...

– Bem entendido, caro Dimas. Não estou a condená-lo. O que

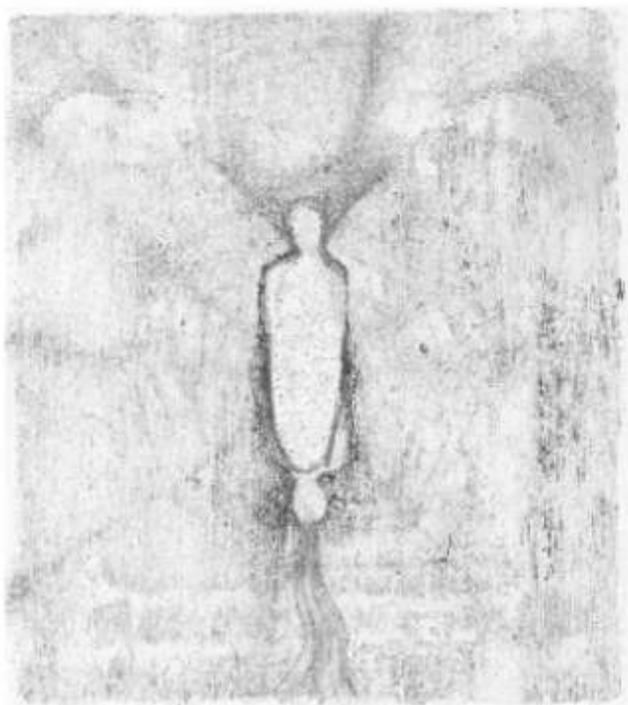
quero demonstrar-lhe é que você precisa dar uma oportunidade a si mesmo. Já pensou se todo poeta abandonasse o dom de fazer versos porque um dia criou um verso ruim? Nada é pra sempre nem definitivo. Tanto o mal quanto o bem são passageiros, e eles são tão-somente parte do amor, que é um fenômeno maior: é o ventre em que se dá o parto do bom e do ruim, que são, em síntese, o resultado final de estar grávido de vida. E o que você anda fazendo é se negando ao engravidar da vida, ao sagrado emitir de imagens psíquicas que transformam os nossos achados ao longo do caminho de nossa existência, em mera constatação, um reconhecimento do desejo materializado que se nos apresenta conforme a "nota fiscal" de nosso pedido mental.

Meio sem jeito e interiormente amarrotado, Dimas resolveu ir dormir mais cedo, como quem tivesse ouvido na voz de outra pessoa, o companheiro de viagem, a luz de sua alma pedindo-lhe algum combustível, na forma de alegria e prazer, para continuar brilhando e sucumbir à falta de calor e esperança, ainda que utópica: a larva, mesmo quando morre antes de chegar a borboleta, tem consciência do voo – é por ele que rasteja!

CAPÍTULO VIII

NOVO BEM

Quando um velho romance acaba
Não desaba nosso mundo interior
Pois o amor terminado dá um jeito
E fica em nosso peito como zelador
Mantém aquecida a lareira do olhar
Uma vela a queimar em oração
Outra vela na embarcação das procuras
Pra quando houver vento em alto-mar
Favorecendo o navegar de encontros
Haja continuidade do desejo de amar
E os encantos preservados seduzam alguém
Com a paixão antiga livrando-se da missão
De servir de alimento à chegada de novo bem



A O CONTRÁRIO dos outros dias, Dimas despertou antes do companheiro de viagem naquele trem que se arrastava serpen-teante dezembro adentro. Era uma manhã quente, um dia lindo, mais cheio de cores e luzes que uma árvore de Natal, que já estava próximo. A conversa de Geraldo Pontes surtira efeito; o poeta ven-dedor de bugigangas levantou disposto a encarar as metamorfoses da vida, como nos ensinam as larvas. Dentro dele todos os cantei-ros receberam o semeio da rosa do amor novo que desabrocha, feito parabólica, emitindo desejos por todo o corpo. Estado de es-pírito mudado, Dimas pegou a melhor roupa que tinha em sua ma-la, foi ao toalete, barbeou-se e perfumou-se. Entrou no vagão-res-taurante como quem chegasse a um salão de festas, e, como a ver-dadeira festa é aquela que levamos no peito, Dimas foi refletindo seu ânimo e contentamento por todo o ambiente. Quando Pontes despertou encontrou-o em meio a uma grande roda, exercitando o de que mais gostava: juntar as pessoas, dividindo experiências e ab-sorvendo cultura.

– Qual o motivo da festa?

– Meu renascimento – respondeu Dimas. Hoje, 19 de dezembro, é meu aniversário e eu vou comemorá-lo dobrado, pois, den-

tro de mim, sinto estar caminhando rumo à complementação, ao desfecho de um ciclo. Estou prestes a ganhar asas de vida nova...

– Então, se é assim, também estou na festa e na divisão da conta, pois hoje, com essa carestia, tudo é difícil.

– Ainda mais para vendedor dublê de poeta e engenheiro dublê de professor – rebateu Dimas.

À noite o vagão-restaurant era um salão de festas sobre rodas. Dimas, apesar de todo o álcool que sorveu como se fosse uma esponja, não estava bêbado: era como se anjos, espíritos e energias invisíveis estivessem bebendo com ele e por ele. Dimas era naquele dia em que a paisagem mais bela é aquela que levamos dentro de nós e estendemos ao longo de nosso caminho. Os dias mais ensolarados e os de borrascas e vendavais são os que geramos por nossa própria conta e risco. Dimas estava festejando a sua libertação de infortúnio construído por ele mesmo.

– Oh, Pontes, não vou enfrentar a fila deste banheiro. Quem ingressou nos "enta", não importa se quarenta ou cinqüenta, não tem mais bexiga para segurar urina. Vou lá no vagão dos bem-de-vida, os de primeira classe.

– Não faça isso, amigo. Tem vigia na passagem.

– Eu sei, mas ele é meu velho conhecido. Não é possível que esses anos todos, andando neste trem pra baixo e pra cima, eu não tenha crédito para fazer nem um xixizinho no reservado da primeira classe.

– Então vá!

E lá se foi o poeta-mascate, levando sua mala escrotal tomada por incontrolável volúpia urinária. Deu tudo nos conformes, ele conseguiu a aquiescência do vigia, o sanitário estava desocupado. Aliviou-se de um peso interior só menor que as saudades de Margarida. Riu sozinho ao fazer essa comparação e justificou a si mes-

mo: em ambos os casos o fenômeno é licoroso...

Quando saía do bendito sanitário, o trem fez uma curva fechadíssima, jogando-o na cabine de um dos afortunados passageiros. E como atrapalhada é como puxar fio de meada, ele foi cair, ou melhor, ser despejado, sobre uma mulher, cuja feminilidade ele descobriu ao firmar as mãos em seus seios rijos e fartos, e quando sentiu um perfume mais inebriante que os rótulos alcoólicos que despejara pra dentro durante todo o dia.

– Desculpe-me, senhora.

– Não há de quê.

– Já vou indo, perdão.

– Não precisa de tanta mesura. Foi só um acidente!

– Pode até ser, mas estou envergonhado.

– Fica, moço! Estou aqui envolvida na solidão de meus pensamentos. Na verdade você caiu do céu.

– Do céu não. Do trem.

Riram. Era o início de descontração, uma providencial borra-cha apagando o incidente.

– Não repare. Não vou acender a luz, pois tem uma acompanhante nessa cama beliche. Ela está no andar de cima.

– Está bem. Mas qual é o seu nome?

– Prefiro que não saibamos nossos nomes. Eu não digo o meu, nem você precisa me dizer o seu.

– Combinado. Gostaria que não fosse assim. Aceito como forma de pagar a minha desastrada invasão de sua privacidade.

– Não tem débito algum para comigo, a não ser quebrar o silêncio dessa noite e cumprir o dever cristão de me estender a sua atenção como quem estende a mão a pedinte.

– Creia, não me representa nenhum sacrifício e está muito distante de ato de caridade conversar com uma mulher de sensual voz

rouca e exalando perfume como quem tecesse jardins na escuridão.

– Você fala como poeta.

– É, eu rabisco uns versos.

– Já tive o meu poeta na vida.

– E eu a minha musa.

– Perdeu-a, como?

– Numa rima malfeita, numa metáfora em que o óleo da paixão que untava nosso leito de amor era o mesmo que alimentava os trilhos da despedida.

– Eu deixei o meu amor, moço sem rosto, sem que ele soubesse quanto eu o amava. Aliás, da forma como tudo se deu, ele deve ter-me lançado ao ápice da montanha de ódio que somos capazes de erguer quando traídos. Jamais imaginará ele, pois nem sabia da minha história, que apareceu um louco do meu passado.

– O que quer dizer com isso?

– Moço, fui seduzida aos 13 anos, por um ricaço de 35 anos, conhecido como Dôni, da cidade em que morava. Fiquei grávida e ele não assumiu nada, ainda mais que a criança, que batizei com o nome de Perpétua, nasceu com a Síndrome de Down, acompanhada de outra doença rara, que vai definhando fibras e músculos lentamente.

– Como você se arranjou sem a ajuda do canalha sedutor, estuprador de menores?

– Meus pais, Chamese e Elias Jorge, já falecidos, deram-me todo o apoio. Uma tia freira, que dedicava sua vida a um centro de atendimento a crianças necessitadas, conseguiu uma vaga para que Perpétua fosse internada. E eu, criança ainda, ia visitá-la constantemente.

– Que infância e juventude cheia de responsabilidade.

– E bote responsabilidade nisso. Meus pais não eram muito novos, apesar de eu ter 13 anos. Era a única filha, nasci quando os médicos já haviam desistido do tratamento que minha mãe fazia para engravidar. Quando nasci, minha mãe tinha 46 anos.

– Que alegria deve ter sido para seus pais.

– Claro, meu pai não cabia em si de satisfação. Sempre brincava com os amigos: "Não disse, o cedro libanês nunca falha...". Voltando atrás nessa dissertação, esqueci de incluir minha irmã.

– Mas você não me disse que era filha única?

– É que eu me esqueci de contar que, no período em que minha mãe fazia tratamento para engravidar, meus pais adotaram uma garotinha ainda bebê e que é minha querida e irmã verdadeira.

– Claro, quem cria é pai e a convivência nos faz irmãos.

– Minha filha Perpétua tinha data preestabelecida para morrer. Os médicos diziam que ela morreria aos 15 anos, mas graças ao zelo de toda a família e, principalmente, de minha tia freira, ela viveu até os 20 anos.

– Lamento, lamento muito.

– Não é preciso lamentar-se. Perpétua acabou se tornando uma lição de humildade, uma dádiva divina, provando-nos que, mesmo sob grave doença, é preciso lutar pela vida. E minha menina foi valente, cavalgou o cavalo selvagem e cigano da existência até os últimos suspiros.

– E seus pais?

– Morreram quase que em seguida. Não conseguiram jamais tornar palatável a história de minha gravidez. Mudamos de cidade, mas a sombra do que ocorreu não lhes saiu da lembrança. Foram criados sob princípios rígidos e qualquer coisa que lhes maculasse a honra se transformava em problema insuperável. Quando eles morreram, eu e minha irmã mudamos novamente de cidade. Preci-

sávamos ir para um lugar onde as pessoas não nos olhassem com o sentimento de pena. E ademais, mesmo sem querer, as pessoas sempre nos colocavam no fulcro de uma fofoca eviterna.

Toda aquela seqüência de fatalidades soava aos ouvidos de Dimas como um exemplo de superação, chicoteando o longo período de hibernação que ele havia imposto a si mesmo.

– E daí, você não teve mais notícia do tarado que a seduziu?

– O pior é que tive. Dôni veio me procurar quando eu estava levando um namoro sério. Vivia feliz, apaixonada. Todo o meu passado estava morto e enterrado; dele havia pinçado só as coisas boas, inclusive a lição de vida que recebi por intermédio de Perpétua.

– O que essa besta humana, esse Dôni que era mau, lhe fazia?

– Fazia uma série de ameaças: desde revelar meu passado ao homem que amava até mesmo matá-lo. Além do mais, sempre me pedia dinheiro, ou melhor, me exigia altas quantias.

– Mas ele não era filho de gente rica?

– Era. Porém o pai o abandonou, pois ele era uma fonte inesgotável de problemas. Não era bom para os negócios do pai a sua presença, devido à sua fama de mau elemento, capaz de todos os destemperos e atos de violência.

– Por que não o denunciou à polícia?

– Pensei nisso, mas afastei a hipótese porque tinha plena certeza de que ele usaria a influência de seu pai. Você sabe como é, mesmo não tendo contato com o filho, o pai acabaria intercedendo por ele, como sucedeu quando ele me seduziu.

– O pai ficou do lado dele?

– Lógico. Tentou comprar a consciência de meus pais com dinheiro, mas não foram bem-sucedidos. Meus velhos o expulsaram da sala de nossa casa. Assim, sem ter a quem recorrer, acabei sendo

forçada a sacar tudo o que tinha e entrar num carro com ele sem saber sequer qual o rumo que o tresloucado tomaria.

– Meu Deus, que tragédia.

– E ponha tragédia nisso. No meio do caminho, ou melhor, como não sabia para onde ia, durante a tétrica viagem o carro capotou numa estrada de terra e fui acordar em um hospital.

– E ele?

– Disseram-me que morreu. Contudo, como não vi o corpo, não fui ao enterro nem ao seu túmulo, continuo com um pé atrás.

– Você tem razão. Vaso ruim é difícil de quebrar, a gente só acredita quando vê os cacós.

– Pois é. E eu não vi, uma vez que fiquei 15 dias numa unidade intensiva de tratamento, popularmente chamada de UTI. Supremamente, eu estava internada num hospital localizado na cidade onde todo o meu drama se iniciou.

– O quê? Você estava na cidade em que aconteceu o seu estupro?

– Isso mesmo. E, para completar o cenário inaudito, apareceu-me o pai do brutamontes, o senhor Honório, que insistiu em me visitar todos os dias.

– Com que intenção, meu Deus?

– O velho Honório padecia de solidão. A mulher havia falecido há muito tempo. Era de origem alemã, não tinha irmãos e seu único filho havia morrido. Ou seja, o materialmente abastado senhor Honório era um ser humano carente de afeto e, espiritualmente, miserável. Quando saí do hospital, lá estava ele com seu belo carro à minha espera, cobriu-me com favores impagáveis.

– E sua irmã?

– Coitada, comeu o pão que o diabo amassou, pois assim que recuperei a memória, ao sair do estado de coma, liguei para ela e

contei tudo. Fiz com que desse um tempo e não sáísse para me visitar, pois ela, certamente, seria seguida. E eu me sentia frágil e sem forças para encarar e dar explicações ao amor de minha vida. Preferi abraçar um outro caminho, afinal não seria a primeira vez que eu me via na obrigação de me refazer, de ir à toalete do tempo, não para mudar a maquiagem, mas para construir uma nova personagem, traçar um novo enredo, porque viver é preciso.

Nesse instante Dimas a abraçou. Eles se tocaram na escuridão e se sentiram, se viram, com os olhos do tato.

– Espera, moço, haverá hora, haverá tempo. Antes, deixe-me terminar a descrição de minha jornada épica.

– Vamos, prossiga!

– Daí então o senhor Honório veio com uma proposta (e, mais que isso, com toda a papelada assinada e registrada), que me deixou boquiaberta.

– Que proposta?

– Ele simplesmente resolveu, sem mais nem menos, me fazer sua herdeira.

– E você?

– Pedi um tempo. Liguei para minha irmã. E ela me convenceu ao argumentar que aquela seria a oportunidade de eu ajudar a muita gente, a várias instituições de caridade, inclusive o abrigo que acolheu a minha filha Perpétua. E assim procedi.

– Imagino que a primeira instituição a ser alvo de sua generosidade foi o abrigo da freira.

– Seria, mas não foi. Quando cheguei com minha oferta, tomei conhecimento de que o senhor Honório já contribuía com uma polpuda verba desde o internamento de minha filha e, portanto, sua neta.

– A vida nos surpreende, misteriosa senhorita. O Honório, que

lhe parecia distante, sempre estive por perto ou, pelo menos, não tão longe quanto você imaginava.

– Mas e você? Agora é a sua vez.

– Que nada, a minha vida é pequena diante da sua, minha águia.

– Águia, eu?

– Sim, você é minha águia. E para o resto da vida vou lembrarme de você como a "mulher-águia".

– Por que esse galanteio?

– Galanteio coisa nenhuma. Eu vou contar-lhe uma curiosidade que os cientistas descobriram sobre as águias.

– Anda logo, sou uma águia toda ouvidos.

– A águia, além de ser detentora de um belo vôo, é a ave que possui a maior longevidade entre as de sua espécie, chegando a viver 70 anos. Porém, para atingir essa idade, ela é instintivamente obrigada a tomar uma decisão séria e difícil, tal qual você se viu forçada a exercitar durante a sua vida.

– E por duas vezes! – atravessou a mulher-águia.

– Nessa época, quando a águia é levada a tomar uma atitude incrivelmente corajosa e carregada com laivos de racionalidade, ela está com as unhas compridas e flexíveis, não conseguindo, portanto, agarrar suas presas para se alimentar. Seu bico alongado e pontiagudo se nos apresenta curvo e apoiado contra o peito, onde penas e asas estão envelhecidas e irremediavelmente presas e inertes em função de sua espessura inapropriada para o vôo ágil e certo na hora da caça.

– Nossa, que destino agourento!

– Resta então à águia, minha querida mulher-águia, entregar-se à morte lenta por inanição ou enfrentar um dolorido processo de renovação que irá durar 150 dias. Os procedimentos de revitalização consistem em ir ao alto de uma montanha e se recolher num

ninho mais próximo a um paredão, onde não necessite voar. Encontrando esse lugar, uma espécie de clínica regeneradora, a águia começa a bater o bico em um paredão de pedra, até conseguir arrancá-lo.

– Que sofrimento! – entrecortou a mulher-águia.

– Feito isto, ela espera pacientemente, talvez sob o anestésico da lembrança de um vôo, o nascimento de um novo bico, com o qual ela extrairá suas unhas. Depois, quando as novas unhas começam a nascer, ela passa a arrancar as velhas penas que, também, serão substituídas por outras novinhas em folha. E, dessa forma, após cinco meses, ela sai para o famoso vôo do renascimento, rumo a mais 30 anos de vida.

– Puxa, que lindo o apelido que você me deu, mas essa ave é bem mais que eu.

– Que nada, mulher-águia, o que espero é que essa sua viagem de trem seja o seu vôo de renascimento e que eu possa ser o seu par...

Nesse instante eles já estavam agarrados um ao outro. Ela agia como águia, fincando-lhe as unhas como se quisesse agarrar uma presa. Cheiro de amor inundou a cabine, seus corpos acompanhavam os movimentos do trem; gemiam feito os dormentes e sob toda aquela fricção anjos sobrevoavam para lustrar suas asas...

– Não, amor, pare. Pegue uma camisinha...

– Não precisa, mulher-águia.

– Precisa sim. Uma velha águia que recuperou seu poder de vôo sabe que é preciso cercar-se de cuidados. Quem ama, cuida!

Nem bem ela terminara e ele já portava a camisinha... E derretia de prazer feito lingote jogado na caldeira embaciada entre coxas ardendo em brasa, firmando contatos imediatos com extraterrestres e entrando em conexão com o espaço sideral por meio da vi-

bração corporal.

O dia raiava quando, arfantes como animais após longa cavalgada, se despediram. Dimas tentou, mas a mulher-águia não lhe permitiu que visse seu rosto.

– Saia, antes que venha a luz do dia.

– Mas por quê?

– Esse é o jeito de eu preservar meu vôo. Lembre-se de que me apelidou de mulher-águia.

E se beijaram mais uma vez, num encontro de lábios que mais parecia junção de almas. Daqueles beijos em que os amantes se despedem e a boca fica. Dimas, contrariado, saiu da cabine; no corredor virou-se para cientificar-se do endereço, e leu: Cabine 33.

CAPÍTULO IX

FLANELINHA

Quando meu amor me beija
Faz de sua língua flanelinha
Todinha embebida em ternura
Semeia candura de vida enjanelada
E, alvejado em saliva pura, entorpeço
No berço dessa libidinosa assepsia
Entre esfregas permeadas de promessas roucas
Cada estrela do céu de minha boca-guia
Ganha mais brilho que o mais claro dia



DIMAS encarnava a própria felicidade, sua face e seus olhos luzidios refletiam o brilho de alma que havia sido lustrada (e massageada) pelas flanelinhas do amor embebidas na libido e na mistura de salivas tépidas.

O vagão-restaurant estava vazio, somente uns poucos passageiros, por insônia ou boemia, davam vida ao local. O vigia, ao ver Dimas, comemorou.

– Até que enfim! Estava preocupado, mas não tinha como ir à primeira-classe para procurá-lo. Aquela gente grã-fina não gosta de ser incomodada. E, além do mais, eu não teria como explicar.

– Obrigado pela preocupação. Eu sei que você não poderia mesmo ir à minha procura. Eu não estava perdido, a bem da verdade, eu me encontrei.

– Que quer dizer com isso?

– Nada. Obrigado por ter permitido que eu usasse o sanitário da primeira-classe. Foi um bendito e sagrado xixi.

– Eu, heim! O senhor está é doido. Nem está dizendo coisa com coisa! – esconjurou o vigia.

– Aonde estamos chegando?

– Na estação Inhaúma de Santo Antônio.

– Bela cidade! – exclamou Dimas.

– É, vai até descer uma figurona da primeira classe. Dizem que veio para morar aqui de forma definitiva.

– De quem se trata?

– Disso não sei, pois sequer pudemos ver o tal passageiro ou passageira, sei lá. E a ordem de meus superiores é não incomodar nem espionar, pois a tal pessoa está viajando de trem para matar saudades. É gente rica, poderia ter vindo de helicóptero.

– Cruzes, este tipo de pessoa costuma ser cheia de excentricidades. Bom ficar sabendo. Quero manter distância.

Logo chegaram na estação. De longe, Dimas percebeu o aparato de proteção ao passageiro misterioso. Observou que era gente que não queria ser reconhecida nem percebida, pois os que a recebiam a cercavam de maneira que nem seu rosto e nem sua silhueta fossem percebidas. Viam-se apenas uma capa e um imenso chapéu negro que se moviam. Dimas deu de ombros e pensou consigo mesmo: gente estranha! Desceu a plataforma e dirigiu-se a uma banca de revista. E diante do punhado de títulos disponíveis, brincou com o proprietário, seu conhecido de outras viagens.

– Oh, seu Harildo, sem querer parafrasear a canção "Alegria, Alegria" de Caetano Veloso, eu lhe pergunto: "Quem lê tanta notícia"?

– Não sei, Dimas, confesso que não sei.

– E não dá mesmo para entender, ainda mais agora com a internet, que anda levando ao público muita coisa boa, mas também um montão de informações truncadas, um punhado de trabalhos completamente ilegíveis.

– Você vem dizer isso logo pra mim, Dimas? Esse culto à imagem está imbecilizando as pessoas, está acabando com a cultura.

– Realmente, Harildo. Afirmo-lhe que não tenho paciência al-

guma com os oportunistas, os escritores empolados, que apenas têm por objetivo demonstrar erudição e se escondem em um hermetismo impenetrável.

– Também penso assim. Vejo aqui em minha banca que as pessoas não gostam nem dispõem de tempo para ler calhamaços. Hoje toda comunicação tem que ser rápida e sem subterfúgios. Há que haver mensagem clara.

– Isso mesmo, Harildo. Tudo caminha para a valorização do que se faz explícito e diz a que veio, não importa se a elaboração de um simples currículo profissional ou se a árdua redação de um trabalho literário. Infelizmente, a facilidade de edição e inserção de cultura por via eletrônica está provocando o aparecimento de um excesso de informação inútil, que por sua vez é mal absorvida ou assimilada e, como se fosse uma regurgitação, vai enchendo o meio cultural de um ranço acre de vômito, como se estivéssemos criando uma geração inteira de leitores-crianças, que hiperexcitados e superalimentados de informação, passam mal e, vez por outra, são obrigados a enfiar os dedos na garganta...

Harildo caiu na risada com a comparação, e aproveitou para convidar Dimas a conhecer sua tabacaria.

– Vamos à minha tabacaria?

– Não posso, o trem só fica meia hora na estação.

– Não tem problema. Ela fica aqui ao lado, na plataforma mesmo. Meu filho Haroldo é quem toma conta.

– Então vamos. Quero ver o seu filho, quando eu o vi ele era um menino.

– Puxa vida, Haroldo, você já é homem feito.

– O tempo passa, seu Dimas.

Estavam no lero-lero das recordações, quando apareceu uma senhora, ainda de cabelos por secar, como quem tivesse tomado

um banho logo pela manhã. Haroldo a cumprimentou:

– Bom-dia, dona Diva.

– Bom-dia. Vim comprar fumo para o meu marido. Você sabe, ele só fuma cigarro de palha.

– Sei disso, dona Diva.

– Quero levar um fumo bem cheiroso. Sou eu quem tenho de suportar o aroma.

– Então, pode escolher.

Diva se pôs a cheirar fumos... De repente, ela deu uma prolongada cheirada em determinado fumo. E pum! Soltou uma flatulência no ar.

Num sem-graceza de fazer dó, a mulher tentou disfarçar aumentando a voz e remetendo-se ao Harildo.

– Oh, seu Harildo, será que o senhor não tem um fumo mais forte?

Atravessando o pai, Haroldo respondeu com espiritualidade:

– Não, dona Diva, fumo que substitui laxante ainda não temos. Só trabalhamos com esse liberador de gases.

Completamente sem rosca, a mulher disse:

– Então embrulhe este mesmo!

E saiu em passos ligeiros, dando chance que o riso contido dos três privilegiados espectadores da cena hilária caíssem na risada.

Envolvido com a boa conversa, Dimas acabou tendo que correr apressado para atender ao apito de partida do trem, onde nem bem entrou e deu de cara com o amigo Pontes no vagão-restaurante tomando café quente e comendo pão com manteiga.

– Olá, sumido! – ironizou Pontes.

– Pode ser, mas e você com essa camisa cheia de marcas de batom, seu Pontes?

– Você desapareceu no meio da festa. E, para minha alegria, a-

pareceu Clara, a passageira com quem vinha flertando todas as manhãs, enquanto você se recuperava da noitada de boemia.

– Nossa, perdi a oportunidade de conhecê-la, mas de hoje não passa.

– Não tem jeito. Ela desceu nesta estação.

– Era ela a milionária da primeira-classe?

– Não, não era! Porém, quase que você acertou.

– Como assim?

– Ela era a acompanhante da madame.

– Como vocês farão para se comunicar?

– Passei-lhe o telefone de meu filho. Ela ficou de me ligar.

– Mas e você, por onde andou? O que poderia alguém arrumar para fazer num vagão de primeira-classe, no qual entrou furtivamente, com a simples intenção de usar seu sanitário?

– Nem te conto. Encontrei um novo amor, um antídoto contra a saudade que tenho de Margarida. Ou melhor, não é um antídoto, mas uma revitalização do mesmo sentimento que renasceu sob a chuva de saliva de uma mulher sem rosto e sem nome.

– Sem rosto e sem nome? Explique-me o enigma, pois não o estou decifrando.

– Amigo Pontes, não consegui arrancar-lhe o nome nem ver o seu rosto. Em vez disso, ela se jogou sobre mim, colocou em minhas mãos não apenas o seu corpo, mas também sua alma, que murmurava em meus ouvidos as ondas de seu mar interior. Meus ouvidos guardaram o som de sua voz rouca como as conchas guardam o murmúrio dos oceanos.

– Que imbróglio de difícil solução. Como você vai fazer?

– Não me resta outra medida a tomar que não seja voltar à Cabine 33, onde ela está.

– Mas como você fará isso? Não contará dessa feita com a boa

vontade do vigia.

– Sei disso, mas vou tentar, implorar, se preciso for. Senão estarei criando para mim uma desilusão maior que a que tive com Margarida, pois dessa vez estarei levando no coração um amor sem rosto nem nome.

Isso passado, Dimas saiu disposto a conversar com o vigia para ganhar permissão de visitar a Cabine 33.

– Sei que lhe causei aflição e aborrecimento, mas, por favor, preciso ir ao vagão da primeira-classe.

– Não, de jeito algum, – respondeu o vigia, diante de um Dimas desesperado.

– Está bem, se você não pode me deixar voltar ao vagão dos privilegiados, então, pelo menos, me diga quem é a passageira da Cabine 33.

– Não sei, mas isso eu posso verificar com o balconista do vagão-restaurant, pois ele recebe os pedidos das cabines e, ao certo, saberá o nome que você quer.

– Então vá logo a ele!

– Espera um pouco, senhor Dimas. Eu não posso ir deixando o meu posto assim sem mais nem menos.

– Está bem, só me resta esperar e confiar em você.

– Pode confiar. O senhor está com cara de quem não dormiu. Vá tirar uma soneca que, na hora do almoço, o garçom lhe levará o nome ou lhe dará alguma pista.

Dimas, mesmo em estado de ansiedade, foi vencido pelo cansaço e, também, pelo bálsamo da brisa da paixão que lhe percorria o corpo, a mente e a aura espiritual. Acordou com o amigo Pontes cutucando:

– Acorda, vamos almoçar!

– Cadê o garçom?

– Que garçom?

– Desculpe-me, estava sonhando. É que o garçom vai me dizer quem ocupava a Cabine 33.

Ao entrar no vagão-restaurante, Dimas era um feixe de incontida expectativa. E logo se encaminhou ao garçom.

– Como é, tem alguma coisa para mim?

– Tenho e não tenho.

– Que é isso? Não brinca.

– Não perca o controle. É que as pessoas que estavam na Cabine 33 eram poderosas e não sei por que fizeram questão absoluta de contar com o pleno anonimato.

– Meu Deus, estou perdido!

– Nem tanto, pois temos uma pista.

– Diga logo, homem.

– Ela e sua acompanhante desceram na última estação que passamos.

– Virgem Santa, ela era a madame que vi descendo sob estranha proteção.

– Que coincidência, a acompanhante só pode ser a minha Clara – intrometeu-se Pontes na conversa.

– Não tenho dúvidas, caro Dimas.

– Então está resolvido, quando Clara me ligar, localizaremos a sua bela sem rosto nem nome.

– Tomara. É de agora em diante, até o telefonema salvador, eu serei a sua sombra. Está em suas mãos o meu destino.

– Não me atire essa responsabilidade, pois não me cabe o controle do destino. Eu mesmo estou com o coração nas mãos, uma vez que a promessa de telefonema que me foi dada por Clara não passa de promessa. E você sabe que muitos são os casos de encontros que nunca mais se repetem e ficam naquele prófugo "depois

eu te ligo".

– Pelo amor de Deus, pensemos positivo. Seu telefone vai tocar, Clara vai ligar-lhe. Eu vi as marcas de batom em sua camisa e aposto que muito mais marcado ficou o coração dela. E tem mais, estou vendo o brilho da paixão em seus olhos e creio que você soube usar as flanelinhas do bolinar das mãos, despertando desejos que não se apagam.

– Está bem, Dimas, eu creio que ela ligará. E obrigado por confiar no "trato" que eu dei na moça.

– Só para aliviarmos a tensão, vou contar-lhe um caso verdadeiro que presenciei na tabacaria do Harildo, juntamente com o seu filho Haroldo, lá na estação de Inhaúma de Santo Antônio. E Dimas se pôs a entabular a piada que a coitada da Diva lhe proporcionou com o "pum" involuntário.

CAPÍTULO X

VIAGEM ESPIRITUAL

O tempo passa e me arrasta
Lentamente tira meu espírito da casca
Arranca lascas no casulo em que vivo
Já cheio de rugas no rosto
E um estranho gosto por estrela
Percebido no calor das mãos que esfrego
Como se em meu ego dormissem
Lembranças íntimas de um ninho de luz
Anterior ao caminho rumo à Terra
Onde em ventre de mulher o Criador desova
Almas escolhidas pra uma chance nova



INDEPENDENTEMENTE do trem ou de qualquer outro meio de transporte, o tempo vai passando e nos arrastando, por isso devemos procurar a retenção do controle da vida em nossas mãos.

– Você tem razão, amigo Pontes, é gostando de nós mesmos, cuidando de nosso próprio núcleo de convivência, o lar, o trabalho, a vizinhança, é que obtemos lastro para ser voluntário em outras plagas.

– Também defendo essa tese, Dimas, devemos cuidar de nossos tiranos próximos. Os saddanzinhos, os sharonzinhos, os hitlerzinhos de plantão, que infernizam e poluem os ambientes sociais com o exercício de seu fascismo e de seu nazismo latentes, que são fatores responsáveis pela infelicitação de muitos trabalhadores que padecem de assédio moral por parte de seus patrões ou supervisores e chefes déspotas por natureza e ação.

– Já padeci um bom bocado na mão de gente dessa espécie, caro Pontes! – pontuou Dimas.

– E eu, então, como funcionário público e mesmo como professor universitário! Acredito que a sociedade, economicamente, virou as costas para o governo, estruturando a produção informal.

– A de fundo de quintal! – interrompeu Dimas.

– Essa mesma. Pois é, deveria unir-se e criar condições para a formação de cooperativas na área educacional, de formação de fundos para a aposentadoria, etc.

– É difícil, Pontes. O governo se transformou numa entidade arrecadadora e, cada vez mais, abocanha a parte mais significativa da produção nacional sem a devida contrapartida em prestação de serviços. Fica explícito, então, que povo desunido é sempre punido pelas elites e pelo governo que agem nas lacunas abertas pela discórdia.

– Você está falando em desobediência civil?

– Não, amigo Pontes, eu prefiro denominar essa filosofia de união civil, maneira pela qual o povo tomará as rédeas de seu destino. E, uma vez alicerçado ou enraizado o sentimento de união entre as pessoas, até a violência se estiolará num passe de mágica por meio do amor ao próximo e da substituição da competição pela cooperação em todos os planos da vida em comunidade.

– Não querendo nos cortar, mas já nos cortando, como é que saímos de preocupações amorosas para a discussão socioeconômica? – Pontes entremeou a conversa.

– É fácil responder-lhe: o amor não prospera sob a carência material. Dentro da filosofia de Santo Agostinho, temos que a pobreza enfraquece e aniquila as fontes de virtude. Ou seja, o lirismo com que alguns intelectuais descrevem a miséria é mentiroso, não passa de sublimação de uma situação social originária da ganância permitida (e glorificada) pela cultura de acumulação de bens.

– Até você, com toda a sua formação humana, trazendo no peito o dom da poesia, caiu nesse conto-do-vigário, amigo Dimas.

– Foi mesmo. Achei que para ficar com a minha Margarida bastava engordar a conta bancária e sequer percebi o que acontecia com o nosso amor. Hoje, responsabilizo-me por tudo o que aconte-

teceu, pois muita coisa a respeito da vida dela eu jamais soube. Acho que faltou conversa, diálogo. Alguma explicação plausível deve ter havido para que ela sumisse no mapa-múndi, sem deixar rastro. Aliás, à época, se eu não tivesse me preocupado tanto com a perda material, talvez a tivesse encontrado. Nisso chega-lhes a notícia de que o trem passaria direto na próxima estação, pois a cidade havia sofrido uma grande inundação, na qual até a plataforma de embarque e desembarque fora levada pelas águas.

– Demos sorte de os trilhos ainda estarem no lugar.

– Veja o que o período das chuvas é capaz de fazer em comunidades pobres, onde o saneamento básico, quando existe, não se nos apresenta em nível suficiente – ponderou Dimas.

– Depois as autoridades culpam a existência do verão, assim como responsabilizam Deus e o destino pela pobreza e miséria que atingem tantos irmãos conduzidos pelo trem que, anualmente, parte da estação das águas movido a enchentes, trovões, raios e vendavais, arrastando gente que desembarca no meio das ruas, como um traste qualquer.

O sol se punha quando o trem atravessava a cidade surpreendida por uma tromba-d'água. A paisagem era desoladora: casas tombadas, muito barro, pedaços de móveis, utensílios domésticos abandonados e um resto de clamor por misericórdia podiam ser vistos e sentidos no ar. A dor das pessoas tornou a atmosfera, naquele perímetro urbano, mais espessa e pesada. O quadro solitário e nu do drama experimentado pelos habitantes daquela cidade dispensava a moldura da conversa ou da análise acadêmica. Da janela de seus assentos e cabines, indignados, os passageiros assistiam silentes à cena. E até o sol, que brilhava palidamente numa nesga de céu dentre nuvens negras, apressou-se em ir embora, pois em meio a tanta dor, luz alguma conforta, assim como a fé fraqueja

onde o pão é escasso ou inexistente.

Dimas abriu uma pasta, retirou um pacote de cartões de Natal, pegou sua agenda de endereços e meteu os peitos numa tarefa que fez Pontes ir buscar bate-papo junto a outros passageiros, mas terminou sentado no balcão assuntando o balconista.

– Você deve saber mais daquela madame e sua acompanhante que ocuparam a Cabine 33 do que eu e o Dimas – puxou conversa o curioso Pontes.

– Ah, a madame ninguém chegou a ver e a tal de Clara, que mais parecia enfermeira, era muito reservada.

– Parecia enfermeira por quê?

– Ora, veio aqui muitas vezes pedir para esquentar água para colocar em bolsa de água quente; outras vezes veio desesperada atrás de gelo. Até por gaze ela veio procurar.

– Será que a madame estava doente?

– É o que me parece.

Pontes, então, deixou o balcão e saiu resmungando consigo mesmo: não dá para entender. Como uma pessoa que, segundo relata o balconista, estaria enferma pôde viver uma noite das arábias com o amigo Dimas? Que a sorte esteja do lado dele, pois ali no escuro, sem ver rosto, apenas contando com os olhos do tato e, assim mesmo, meio cegos de paixão, ele pode ter sido até contaminado por alguma doença. Não, isso não!

De longe, Pontes observou que Dimas ainda pelejava com os cartões, imbuído do mais puro espírito natalino, o que combinava com sua personalidade de pessoa extremamente dedicada ao próximo e aos amigos, dos quais ele jamais se esquecia e dos quais recebia efusivas manifestações de estima, conforme podia ser constatado no trem e nas plataformas onde desceu. Na falta do que fazer, Pontes foi ouvir a fita em que Dimas contava sua vida, apro-

veitando para diagramar na mente a exposição da gravação para o papel. E lentamente seu coração foi sendo abaionetado pelo temor de que Clara jamais ligasse e isso provocasse mais uma desilusão na vida do amigo Dimas. Sentiu que, mesmo curtindo uma paixão por Clara, ele aguardava pelo telefonema pensando muito mais em pôr fim à ansiedade do amigo do que pela satisfação pessoal de con-tactar com aquela que poderia ser a mulher de sua vida. Talvez – pensou ele – seja porque eu conto com a paciência de esperar e o Dimas, que sequer enxergou a face da mulher a que entregou seu coração, sentindo gosto e cheiro de Margaridas em molhos, não tem como esperar. Sem breve notícia, ele corre o risco de se trans-formar em fantasma à procura da amada sem rosto. Eis aí um pro-cesso de metamorfose humana: a passagem de homem para lobi-somem. Nem pensar; Dimas não virará uma alma penada. Tudo há de dar certo.

– Oh, Pontes, aproxime-se – era o grito de Dimas, que já havia terminado de preencher os cartões.

– Está vendo este cartão aqui, Pontes? Este é para a mulher-águia. Vou remeter-lhe assim que você passar-me o endereço.

– Eta camarada precipitado. Seria melhor você esperar a galinha botar o ovo, pois sem isso não há como fazer a omelete.

– Eu sou otimista por natureza. Sei que Clara vai ligar. E vai ligar porque, como diz um conhecido meu de muitos anos, vai telefonar porque eu preciso.

– Está bem. Você precisa e Clara, ciente disso, me telefonará. Mudando de assunto, eu estava ouvindo a fita que você me permitiu gravar para a elaboração de nosso livro.

– Nosso?

– Sim, Dimas, pois pretendo abrir os capítulos com poemas de sua autoria. E, também, como nunca editei, desejo contar com seu

apoio e dicas de como diminuir os custos, pois vou lançá-lo por minha própria conta e risco.

– Ah, vai ser um trabalho independente?

– Sim. Isso eu aprendi com você. Não quero dormir nos escaninhos e gavetas de editoras que na verdade pouco editam e não estão nem aí para escritores novos ou desconhecidos como eu. Elas querem saber é de lançar produtos comerciais, que vendem, mas não fazem história nem fincam raízes em bibliotecas públicas ou particulares. Em suma, estão dispostas a investir é em livro de auto-ajuda ou na história da trajetória de vida de figuras públicas e famosas, principalmente se vier recheada de revelações escandalosas ou simplesmente esdrúxulas.

– Infelizmente, é isso mesmo, Pontes. Se você for esperar por editor, tão em processo de extinção como o mico-leão, sua obra criará teia de aranha e mofo, ou poderá ser comida pelas traças em alguma gaveta...

– Pois é. Por isso, conto com a sua ajuda.

– Não demora e chegaremos ao fim da viagem. Para que não me esqueça, vou passar-lhe o endereço do hotel em que ficarei.

– Eu vou para a casa de meu filho Bruno. Se não fosse isso, eu o convidaria para me acompanhar. Mas você sabe como é: vou visitar o meu filho, mas a casa é da nora!

– Sei, eu entendo, mas não se esqueça de me procurar assim que receber o telefonema de Clara. Caso eu não esteja no hotel, uma vez que estarei ocupado, visitando os meus fregueses na praça, pode deixar recado na portaria.

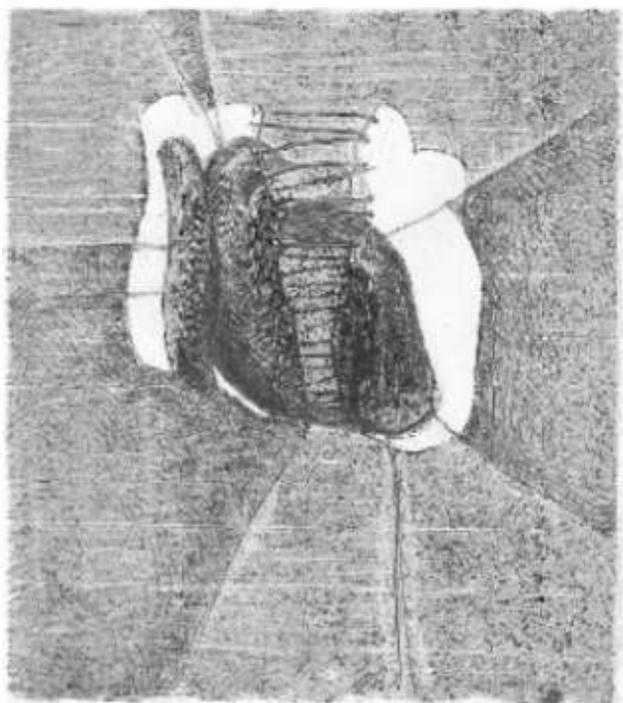
– Quanto a isso não se preocupe. Aguardo esse telefonema com expectativa idêntica a sua. Só para tranquilizá-lo ainda mais, tome aqui o endereço de meu filho. Aí estão rua, bairro e número do telefone.

– Independentemente de qualquer coisa, caro Pontes, semea-mos em nós o grão de trigo da amizade. E por ser trigo, muitos se-rão os joios em nossa trajetória, pois a amizade, como qualquer sentimento verdadeiro, encontra obstáculos e percalços, porém haveremos de vencer as intempéries, pois somos, agora, seres isó-tropos, sempre portadores da mesma sinceridade e idênticas pro-priedades, independentemente das estações em que paramos, das locomotivas que tomarmos e das direções que seguirmos nesta vi-da, onde acima da caminhada do corpo está a viagem do espírito rumo às luzes-irmãs, que se confraternizam no espaço sem fim, porém contido em nós mesmos. Assim como a quietude do uni-verso constrói diálogos através da claridade estelar, o silêncio está para os amantes como a pulsação está para o corpo dos seres vivos: fala, revela...

CAPÍTULO XI

FACES NATALINAS

No Natal a humanidade se vê a salvo
Alvo de mais um milagre do Criador
Que oferece o filho ao vinagre do sacrifício
Transformado em seu eterno ofício
De morrer crucificado pelo ser humano
Envolvido nos panos frios do desamor
Para tristeza dos rios de dor do Cristo Rei
Que num misto de entrega e consternação
Não se nega a ter duas faces natalinas:
Um Cristo que renasce em boa-nova de criança
Outro que prova a sina da cruz mortal
Ao lado do Jesus-Menino, os da primeira hora
O pai São José, a mãe Nossa Senhora
Enquanto no cortejo do enterro penitente
Um punhado de gente em erro e desvelos
Agradece a Cristo pela remissão dos pecados
Sob a certeza de que irá recometê-los
Conforme lhe aponta a cultura da ceia pagã
Gestora de um Cristo pagador de conta alheia



A LOCOMOTIVA blatera seus últimos gemidos, pára arfante como se gente fosse. Na estação um burburinho toma conta de tudo: crianças chorando, rindo, gritando, camelôs oferecendo mercadorias, pessoas conversando ou se reencontrando, formando um ninho de confraternização. Pontes se dispôs a ajudar Dimas a pegar seu material de venda, mas o amigo agradeceu, dizendo que chamaria um carregador. Então Pontes se despediu, porém mal virou as costas e ouviu um estampido, seguido de uma correria, como se houvesse o estouro de uma boiada. Olhou para trás e viu Dimas estirado numa poça de sangue. O atirador, de arma em punho, ainda marchava rumo à sua vítima, como se estivesse disposto a realizar mais disparos; a sorte é que um dos policiais que faziam a segurança da estação sacou de uma arma e gritou:

- Pare, senão eu atiro!

- Pode atirar, pois eu não vou parar. Não tenho nada a perder. Este homem roubou o coração da mulher que eu amei a vida toda.

E o assassino, de cabelos esbranquiçados, tombou com dois tiros fatais. Pontes, que socorria o amigo, foi arrolado como uma das testemunhas.

- Pai, que foi que aconteceu?

- Bruno, meu filho, que bom vê-lo. Leve as minhas coisas para casa e cuide, também, da liberação das malas e pertences do meu amigo que acaba de receber um tiro no peito. Pode levar para o hotel que está indicado neste papel que ele mesmo me passou. Ele é conhecido lá, tem vaga reservada.

Nesse ínterim veio a ambulância. Antes, ao passar seu nome e endereço para o policial, Pontes tomou conhecimento do atirador covarde: Dôni. Com certeza, nome que não fazia jus nem combinava com o dono, pois não era em nada concomitante, ou melhor, nada condizente com a ação daquela pessoa; e que, por isso mesmo, jamais seria esquecido por Pontes, que ficou remoendo consigo mesmo: ora bolas, tinha que se chamar Dôni. Dôni de quê? Da maldade? Era só o que faltava!

Dimas foi operado. A cirurgia foi um sucesso, retiraram a bala, mas o paciente estava na Unidade de Tratamento Intensivo, ainda sob o efeito da anestesia, com os médicos nada garantindo, pois a intervenção cirúrgica foi bastante invasiva, o que colocava Dimas na condição de poder passar por graves problemas pós-operatórios.

Na solidão da sala de espera, Pontes retirou o gravador da sacola e ficou a ouvir as histórias contadas de maneira tão sincera pelo amigo Dimas. Num canto da sala uma árvore de Natal, com luzinhas que acendiam e apagavam em perfeita sincronia, era como a imitação da vida: ora clara, ora repleta de penumbra e incerteza. Naquele fio de navalha, entre a vida e a morte, Pontes reafirmava a si mesmo que a primeira eternidade é desenhada por aqui mesmo. Há em nós uma caixa-preta instalada, que se abre no instante em que morremos. Então, assistimos em primeira mão às cenas de nossa vida. Do nascimento até a morte, como num filme em que Deus, antes de seu julgamento, quisesse nos cientificar de nossos

atos, fazendo-nos juiz de nós mesmos, através do acesso à gravação de nosso comportamento e das nossas escolhas no exercício do livre-arbítrio.

- Quer um café, senhor?

Era uma enfermeira que lhe trazia notícias sobre o estado de Dimas.

- Quero, mas antes me dê informações sobre o meu amigo.

- O estado dele continua estável.

- Que quer dizer isso?

- Isso significa que o quadro não evoluiu. Porém, só de não ter piorado já é uma esperança, é um bom sinal. O caso dele foi muito sério.

Tomou o café e voltou ao gravador e aos pensamentos íntimos. Alguns dirão que o livre-arbítrio é limitado, porém isso não nos torna menos responsáveis por nossas decisões a cada minuto da vida. Não temos saída, segundo a lei cósmica da ação e reação, mais cedo ou mais tarde, todos nós pagamos o que devemos. Que a dívida do meu amigo Dimas não lhe seja cobrada com a vida.

- Oh pai, como está? - preocupado, Bruno foi até o pai.

- Mais ou menos, filho. A cirurgia correu bem. Entretanto, Dimas tem agora que vencer os perigos que sempre rondam o pós-operatório.

- O que dizem os médicos?

- Eles têm muita esperança, mas não garantem nada.

- E o senhor, como está? Não quer ir para casa descansar? Eu fico aqui.

- Vou aceitar a sugestão. Além de cansado, estou louco de saudades de meus netos. Afinal creio em Deus e não estou em desespero nem depressão, pois no fritar dos ovos o mundo e a vida seguem sob a tranqüila direção da espiritualidade superior.

- Quanta filosofia, pail

- Nada de sabedoria, filho, apenas consequência dos aprendizados da vida. Bem ou mal, cedo ou tarde, todos vamos tomando consciência da presença de forças invisíveis entre nós. Muitos são os espíritos a nos estender as mãos. Não sei a razão, mas um dia saberei, eu sinto que eles estão aqui para salvar Dimas. Não é possível que alguém que subscritou tantos cartões de Natal vá morrer antes de receber as congratulações de volta.

- Ah, levei as coisas dele para o hotel - interrompeu Bruno.

- Que bom você ter se lembrado, filho. Vou passar por lá, preciso abrir a mala e pegar aquela centena de cartões que ele preencheu, envelopou e endereçou para colocar no correio quando aqui chegasse.

- Então vá, faça isso e corra para casa, pois as crianças o esperam excitadas e saudosas.

Pontes deixou o hospital com o peito lavado em chamas de esperança que ele não sabia explicar. Tinha tanta certeza de que o amigo se salvaria que tomava o incidente como um alerta de que o Natal deve ser visto não como uma época de simples troca de presente, mas como uma oportunidade de reflexão sobre a vida e a necessidade de alimentarmos nosso espírito com o combustível de bons sentimentos extraídos do óleo santo do amor em sentido amplo, com o qual nos doamos um ao outro, como Cristo nos doou a vida e o perdão. Sem que nos abramos para o renascimento que nos propõe a comemoração do Natal, o que temos é a eternização da crucificação de Jesus Cristo, condenado a reconstruir ininterruptamente o amor que insistimos em despetalar, apesar de ele ser o prazer e o tesouro imprescindível à nossa sobrevivência. Todavia tal atitude é inerente à raça humana que vem destruindo a natureza e colocando em risco explícito a preservação ou conservação dos

elementos exponenciais à perenização da vida animal e vegetal do planeta Terra. Pensou na próxima geração, nos netos. Passava de frente a uma loja, viu um Papai Noel movido a bateria, que batia as mãos e repetia sem parar: "Feliz Natal. Paz e amor para todos". Não teve dúvidas, vou comprar para os meninos.

- Moça, quanto custa o Papai Noel? Como estava todo mal-ajambrado, com a roupa amarrotada pela viagem, a vendedora se deixou levar pela aparência.

- Temos produtos mais baratos! - aconselhou.

- Não, eu quero é o Papai Noel. Seja caro ou barato.

- Está bem, senhor.

Papai Noel comprado, embrulhado e pago debaixo do braço, ele se dirigiu ao encontro dos netos. Foi aquela festança; as crianças fizeram a maior farra com o Papai Noel falante. A nora Rosamaria o cercou de atenção: passou-lhe uma toalha para o banho e preparou-lhe um farto lanche. Depois de brincar com os netos, Pontes foi para o quarto tirar uma soneca, pois à noite ficaria de plantão no hospital. Já no quarto guardou com cuidado o cartão de Natal que Dimas separara para endereçar à amada desconhecida. E dormiu profundamente, só acordando com o toque de Rosamaria na porta de seu quarto.

- Senhor Pontes, já são quase 9 horas.

- Nossa, por que não me despertou antes?

- O Bruno ligou do hospital, recomendando que o deixasse dormir e que tudo estava sob controle.

Levantou-se num supetão e não mais que de repente já estava a caminho do hospital.

- E aí, Bruno?

- Tudo na mesma. Ele continua em quadro estável.

- Pode ir pra casa, filho. Eu vou passar a noite por aqui.

- Está bem. Nossa, pai, como este seu amigo é querido. Muitas pessoas passaram pelo hospital a fim de saber notícias. Teve até um telefonema de um senhor chamado Salvador querendo informações e afirmando que virá de carro para visitá-lo. Amanhã ou de-pois estará aqui.

- Eu sei quem é. Eu o conheci durante a viagem de trem.

Pontes se despediu do filho e ficou a ouvir o gravador, chegando a rir sozinho das colocações do Dimas sobre seu romance com a tal Margarida, que realmente era a tal, dada a sua influência nos destinos do amigo. Na sua cabeça não passava possibilidade alguma de que Dimas não se salvasse. Dizia para si mesmo: não é a hora. Ele tem muita coisa prendendo-o à vida, não há como a sombra da morte arrastá-lo. Desligou o gravador e foi até o serviço de informações do hospital.

- Moça, tem alguma notícia boa sobre o paciente Dimas?

- Tenho. Ele está vivo e em quadro estável.

- Disto eu já sei.

- Então, anime-se, quem levou um balaço no peito e não morreu na hora tem tudo para se safar com vida de uma cirurgia.

- É, você tem razão!

Sem a resposta que queria, ele retornou às divagações e à escuta da fita em que o amigo expunha sua trajetória de vida de forma completamente desprendida.

- Senhor Pontes, telefone para o senhor - avisou-lhe uma funcionária do hospital.

- Aqui é o Bruno. Pai, a delegacia mandou recado para o senhor comparecer para depoimento sobre o tiro em Dimas e a morte de seu agressor por um policial.

- Que dia?

- Amanhã, às 10 horas.

- Eu irei sem falta.

Desligou o telefone e toda a cena retornou à sua mente. Reviveu a correria da multidão e a aniquilante sensação de que Dimas havia sido ferido de morte. Puxou conversa com outra pessoa que também aguardava notícia e informações à porta da UTI.

- Que momentos terríveis, companheiro.

- Não há nada mais terrível.

- É por isso que devemos nos fazer presentes no cotidiano das pessoas a que estimamos, pois basta estar vivo para morrer.

- Você tem razão. Os que têm consciência de sua ausência sofrem muito quando perdem um ente querido.

- E isso mesmo, pois se sentem sem condições de recuperar o tempo perdido nem dar o abraço que foi negado durante a vida de quem partiu...

O homem caiu em prantos. Dimas, silenciosamente, respeitou os seus soluços, até que ele pôde retomar a conversa.

- Pois é, eu estou aqui à espera da recuperação de minha mãe que sofreu um infarto. Na realidade não me sinto à porta de uma UTI, mas à beira de meu berço, pois é isso que as mães são para nós - o nosso berço em carne e osso; o útero que um dia habitamos em constante e abnegada viração ainda que ela própria, a mãe, vivesse na pele e no coração os acoites da realidade. Talvez, por isso eu esteja aqui muito mais como paciente do que como acompanhante, pois o bisturi que a cortar, os procedimentos médicos por que ela passar, eu os sentirei em mim...

- Muito bonito e elogiável esse seu amor de filho, num tempo em que ninguém liga para isso. Tanto assim que para o cumprimento de obrigações oriundas do senso comum, fez-se necessário a edição de um estatuto do idoso exigindo coisas como respeito aos mais velhos, ordenando que os filhos protejam e dêem abrigo

aos pais.

- Obrigado pelo elogio, mas todos que ficam à espera de notícias de alguém estimado que corre risco de vida é digno de elogio. Tenho certeza de que tanto eu quanto o senhor, neste dezembro de comemorações natalinas e festejos de ano-novo, se pudéssemos pedir a Deus um único desejo, certamente optariamos pela salvação, pela vida dessas duas pessoas que estão internadas na UTI deste hospital, neste devido instante.

- Você tem razão. Sua mãe e meu amigo, uma vez salvos e recuperados, serão o nosso presente de Natal, além de uma indelével lição de que a vida é a maior dádiva de Deus - é o nosso presente maior, insubstituível e inigualável.

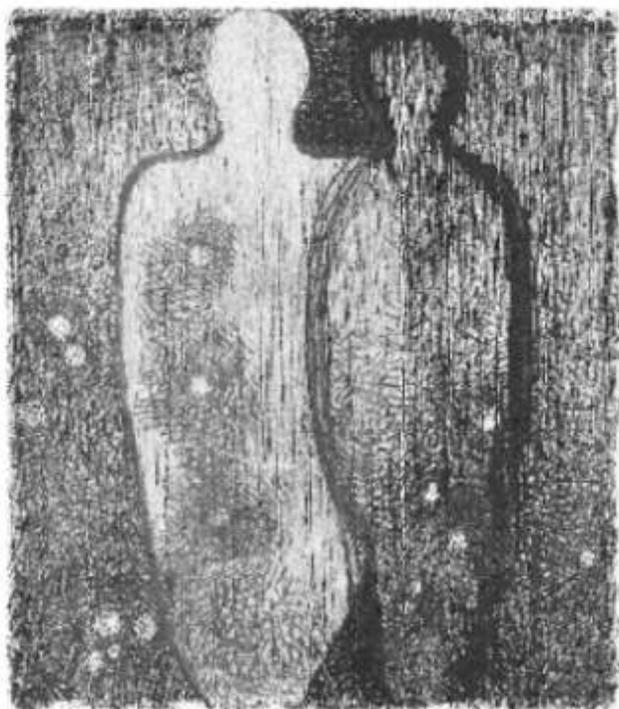
- É único, companheiro. Porque dessa maneira, sob tais condições e circunstâncias, esta vida que vivemos é produto de uma safra que não se repete. Nem aqui nem no paraíso.

Mal terminou sua fala, o desconhecido se levantou para dar umas voltas e refrescar a cabeça, deixando Pontes de frente ao pisca-pisca da árvore de Natal, repetindo o acende-e-apaga de nossas vidas.

CAPÍTULO XII

DUAS VIDAS

Quando você der de ir embora
Quero que saiba desde agora
Que jamais irá completamente só
Para o melhor ou o pior
Estarei sempre ao seu redor
Com minha pegada no seu passo
Ocupando o mesmo espaço
Colada à sua alma
Com afeita calma de espírito-estepe
Espécie de sobressalente de gente
Componente de união tão perfeita
Que se você contrair ferida fatal
Ao certo do mal não morrerá
Pois carregando duas vidas no peito
A minha vida lhe restará



TECENDO lembranças no tear da memória, Pontes esperava por notícia alvissareira. Pensava no livro que planejou escrever em parceria com Dimas, preocupa-se com o que dizer ao amigo quando este lhe perguntar sobre a mulher-águia. Meu Deus, Clara ainda não ligou, e tenho certeza de que assim que ele despertar irá querer saber o endereço de seu amor sem rosto. Para quem não queria apaixonar-se novamente, Dimas encontrou uma forma desprendida de se entregar. Sinto-me um pouco responsável por isso, afinal fui eu quem o estimulou a emitir sua intenção de ir ao encontro de alguém. O caso dele é uma prova que amar é antes de tudo convicção; é preciso estar com a porteira dos sentimentos aberta para o amor entrar e pastar em nós o seu alimento exposto espontaneamente no cocho do coração.

– Sr. Pontes, trago-lhe boa informação – era a enfermeira, sensível à preocupação do acompanhante na sala de espera...

– Diga-me logo, mulher.

– Seu amigo já dá sinais de recuperação da consciência.

– Ele falou alguma coisa?

– Sim, e por sinal ininteligível para nós.

– Por quê?

– Não entendemos de onde tirou uma tal "mulher-águia", a qual chamava insistentemente.

– Não se trata de nada insólito, é apenas o apelido que ele deu à namorada.

– Mas, convenhamos, não é normal um paciente despertar de um coma chamando por uma "mulher-águia".

– Nisso eu concordo. Seria o mesmo que uma mulher acordasse murmurando: homem-aranha, homem-aranha..., – brincou Pontes, já esboçando alívio pela boa notícia.

A enfermeira se foi. Pontes ligou para o filho.

– Bruno, pode vir buscar-me. Hoje não será necessário passar a noite à espera de informação dos médicos, pois ele já está recuperando a consciência e, certamente, amanhã á tarde ele irá para o quarto.

– Está bem, pai. Vou tirar o carro da garagem e não demora muito eu chego no hospital. Desça e me aguarde à porta.

– Pode vir que estarei a postos.

Mal desceu à rua e Bruno apareceu.

– Vamos, senhor Pontes, que amanhã cedo você tem compromisso com o delegado.

– É mesmo, Bruno. Ser-me-á muito desprazeroso ter que rememorar toda a cena. Como pode um ser humano ter a coragem de tirar a vida de outro tão friamente.

– Desde que o mundo é mundo isto acontece. O instinto de fera anda em pleno florescimento nas selvas de pedra em que se transformaram as cidades.

– Disto a gente sabe, filho. Mas, mesmo tendo conhecimento, é muito duro assistir a ato de violência extrema.

– É verdade.

– E é uma realidade ainda mais triste quando acontece com al-

guém que não deseja nem pratica o mal contra o seu semelhante.

Um poeta, um viandante, cultivador de palavras e gente.

Chegaram. Bruno passou as chaves da casa ao pai e foi pôr o carro na garagem. Ao cumprir sua tarefa, encontrou o pai sentado em um canto da cozinha tomando uma cervejinha gelada.

– Às duas da manhã, pai? O senhor tem delegado às 10.

– Eu sei, vou tomar apenas essa, só para relaxar. Desde o incidente na estação que eu estou no maior sufoco.

– Vou ajudá-lo – disse Bruno, já enchendo o copo.

Rapidamente esvaziaram a garrafa e foram dormir, para descansar o corpo e permitir à alma voejar rumo ao mar de luzes onde, em outras dimensões, se banham todas as estrelas do universo.

Pontes se levantou bem cedo, estava ávido para tirar dos ombros a carga emocional de prestar depoimento. Todos ainda dormiam e ele, silenciosamente, tomou seu banho e, para fazer uma surpresa à nora, resolveu fazer café e ir à padaria da esquina comprar pães bem quentinhos. Ao voltar, Rosamaria e Bruno estavam de pé.

– Desculpe-nos, seu Pontes.

– Não há de quê, minha nora. Eu é que tenho mania de acordar ao romper da aurora, é como se assim procedendo eu estivesse acendendo o meu archote interior.

– Se depender dessa providência para eu ganhar luz, estou perdido. Faz tempo não assisto ao alvorecer.

– Cada um sabe como e onde buscar suas clareiras, pois ninguém vive em escuridão interna, filho.

– Ainda bem, pai, que a luz não é privilégio de quem levanta cedo como o senhor.

Terminaram o café e foram até a delegacia, onde a autoridade policial já aguardava pelo depoimento de Pontes, que disse tudo o

que viu, lembrando-se até do "meu nome é Dôni" pronunciado pelo assassino insano.

– Obrigado, senhor Geraldo Pontes, seu depoimento nos foi de grande valia.

– Não há de quê. Eu devia isso ao policial que atirou no assassino, em legítima defesa e para salvar o meu amigo, o meu parceiro de literatura.

– Vocês estão escrevendo um livro?

– Na verdade a idéia do livro é minha. Será sobre a vida do Dimas, porém incluirei poemas de autoria dele.

– Se é assim, eu vou facilitar-lhe as coisas. O doido desse tal de Dôni fez um diário em que conta os últimos 25 anos de sua vida, em que uma mulher de nome Margarida e o seu amigo Dimas são os protagonistas principais.

– Puxa vida, delegado, o senhor pode me emprestá-lo?

– Empréstimo o original não, mas, se você se dispuser a esperar um pouco, mandarei xerocar.

– Olha se quero!

Pontes tomou um táxi até o hospital, pois Bruno tinha que ir para o escritório. Já no táxi ele começou a leitura do diário secreto, que lhe revelaria fatos que não eram do conhecimento nem mesmo do próprio Dimas. Entretanto na leitura, só percebeu que havia chegado ao hospital por ter sido avisado pelo taxista. Desceu e logo foi ao encontro de informações sobre o amigo. Tudo ia correndo satisfatoriamente. À tarde, como imaginara, Dimas estaria no quarto. Feliz e contente, Pontes se acomodou no sofá da sala de espera e mergulhou-se no diário, como um escafandrista no mar.

À certa altura, sentiu meio incomodado por deter informações íntimas, era como se ele fosse uma espécie de Deus, onipresente, onisciente, conhecedor pleno da vida de Dimas, que mesmo se mor-

resse – e isso era um distante presságio agourento – em nosso campo físico jamais seria alcançado por qualquer arma no olimpo espi-ritual. Os que amam, os que se doam aos outros, são imortais. Por inteiro, definham e perecem os Dôni da vida.

Muitas e muitas vezes, a partir do meio do diário, Dimas resmungou perplexo: Santa Virgem, Margarida é a madame. Como Dimas aceitará tal peça do destino? Qualquer simples insinuação sobre esse vendaval grileiro que lhe roubou a felicidade poderá leva-lo à morte. Não há convalescente neste mundo capaz de resistir a tamanha falta de sorte. E agora, como devo proceder? Clara liga, o que digo? Clara, que é Maria Clara não liga, eu a procuro? É, eu agora posso procurá-la. Seu que ela e a irmã desceram lá na estação de Inhaúma de Santo Antônio.

Estava numa peleja com seus sentimentos quando, inesperadamente, chega Salvador.

– Deus do céu, que foi que aconteceu? Como pôde alguém atirar assim, sem mais nem menos, no coitado do Dimas?

– São as facetas da vida. Tantas são as pessoas de alma abacinada, capazes de atos que arremessam a decantada racionalidade humana na lata de lixo; com o perdão da palavra, nos quinto dos infernos.

– E como está o nosso Dimas?

– Deve ir para o quarto hoje à tarde.

– Passei na casa de Maria Clara, irmã da Margarida, mas ela não estava. Foi fazer uma viagem sei lá pra onde. E já tem muitos dias que está fora.

– É, seria bom ela ser informada, pois apesar do que aconteceu entre sua irmã e o Dimas, ela conservou a amizade.

– Já que está tudo bem, eu voltarei mais tarde, quando o Dimas já estiver no quarto. E tomara que ele saia antes do Natal, porque

teremos a possibilidade de cearmos juntos. Se Deus quiser! Estou programando levá-lo para a casa de meu filho, que é grande e tem lugar para ele.

Salvador (o Grandão) saiu. Nem bem ele virou as costas e Pontes retornou à leitura. Em sua narrativa, Dôni confessa que estupro Margarida sem sentir amor por ela, que não passava de uma menina. Todavia, ao ver Margarida adulta, mulher, se viu obcecadamente apaixonado, porém já era tarde, pois a menina que virou mulher o odiava. Em sua loucura, ele passou a culpar Dimas pela rejeição de que, merecidamente, foi alvo, considerado por ele o "ladrão" de seu amor. Durante anos e anos, ele seguiu os passos de Margarida e tinha ciência de seu amor por Dimas. Sabia, inclusive, que mesmo distante ela se manteve fiel a esse amor, a ponto de jamais se ter envolvido com qualquer outro homem.

Confessa o demente que no acidente de carro em que estava Margarida, naquela oportunidade seqüestrada por ele, seu pai Honório o auxiliou na farsa que o colocaria como morto. Lançaram mão de policiais e autoridades corruptas e armaram tudo. Contudo, ele não perdoa ao pai que, ao dar-lhe apoio, exigiu que ele sumisse no mundo e nunca mais aparecesse, enfatizando que, para ele, a sua morte era verdadeira e que o tiraria de seu testamento, pois os mortos não herdam. Dôni foi a um só tempo deserdado e proscrito.

Cevava Dimas mil pensamentos quando a porta da UTI se abre feito chapada em região montanhosa. Fez-se clareira no coração de Pontes ao vislumbrar o amigo sendo conduzido numa maca até o quarto.

– Doutor, como ele está?

– Encontra-se muito bem. Fora de perigo. Em cinco dias ele pode ir para casa, ou até menos.

– Mas não é perigoso?

– Não, hoje fica no hospital só quem está muito mal. Quanto menor o tempo de hospitalização, menor é o risco de ser contaminado por alguma infecção hospitalar.

Nem bem médicos e enfermeiros viraram as costas, o amigo que carrega no peito duas vidas (a dele e a da mulher-águia), dito e feito, fez cumprir o prognóstico:

– Pontes, você já tem o endereço?

– Não, Dimas, a Clara ainda não me ligou. Às vezes até ligou, mas, como eu tenho passado esses dias aqui no hospital, ela não me encontrou.

– Só pode ser isso!

– Claro que é, Dimas. Ela vai ligar.

Ainda sob os efeitos de medicamentos, ele dormiu. Pontes sopitava preocupações. Teria que encontrar o auxílio de uma monção que lhe abrisse caminho para as caravelas da criatividade. Ou seja, competia-lhe inventar uma saída que pusesse fim, ou pelo menos drenasse por uns tempos, à ansiedade de Dimas por respostas que ele não tinha em seu samburá.

CAPÍTULO XIII

Vem da constante esfrega dos amantes
O branco alvejante dos lençóis da cama
Sem a chama da verdade
Pouco dura o riso na face
Todo disfarce teme a claridade
Não cabe prece onde é preciso passo
Pouco vale o amor na falta de abraço
Fé de oração não dispensa ação
Sem esforço tudo estiola
A canção não está na viola
Mas no coração do tocador!



NA VIDA tudo passa, menos a eternidade do que se passou. A realidade é que não importa o que tenhamos perdido, sempre descobrimos um facho de luz em nosso interior para iluminar o tempo novo, em que os milagres voltam a acontecer como parte da própria vida.

Salvador retornou ao hospital.

– Como ele está, Pontes?

– As coisas estão evoluindo bem. Mais uns dias e ele vai para casa. Vou levá-lo para a casa de meu filho.

– E aí, como foi o seu depoimento?

– Conteí ao delegado o que vi e nada mais. Afinal, tudo o que tinha para dizer era mesmo a cena de brutalidade, estupidez e sangue.

– Passei aqui rapidinho agora, mas posso voltar à tarde e, se você quiser, eu fico com o Dimas para poder ir à casa de seu filho.

– Está bem, Salvador. Eu aceito.

Pontes voltou à introspecção de seus pensamentos. Diante de alguns desenhos na parede do quarto pôs-se a realçar o valor da palavra. Imaginou os substantivos como uma representação figurativa, uma rígida denominação das coisas, que só ganham vida quan-

do adjetivadas, qualificadas, colocadas em seu devido tempo e espaço. As palavras, trajadas de alforjes variados e de múltiplas cores, lastreiam consolos e solidariedade, erguem castelos, fazem a fantasia dos amantes e nos dão ânimo para suportar os pesares diários. A palavra é som abstrato carregado de metáforas captadas e deco-dificadas pela mente, que joga tudo em quadros e molduras na galeria do arquivo de memória, fazendo-nos retornar à era da comunicação rupestre ao expor desenhos em nossa caverna cerebral. Pontes ria de si mesmo, pois naquele exato momento estava ele a dependurar lembranças nas paredes de sua mente. E sua camisa se enchia, figurativamente, de marcas de batom deixadas pelos beijos de Clara.

Ao pensar nisso, posicionou-se decidido a ligar para ela, pois, com as informações que agora tinha, não lhe seria difícil localizá-la. E, acima de tudo, Maria Clara, como amiga de Dimas, tinha o direito de saber do incidente.

Dimas acordou lentamente e, mais uma vez:

– Que bom, você ainda está aí!

– Mas é claro que estou. É meu dever.

– Seu dever é me conseguir o endereço da "mulher-águia".

– Pode deixar, senhor obcecado, que vou arranjar-lhe.

– Se você tivesse passado na vida pelo que passei, entenderia o significado de reencontrar um novo amor. É como se eu estivesse mergulhando no núcleo de meu renascimento. É como se abraços e beijos fossem uma espécie de útero do qual eu saísse, retornando à vida.

– Entendo, amigo, mas você não pode fazer desse amor seu objetivo único, ainda mais que os fatos não o recomendam. Foi um encontro ligeiro, um momento...

– Realmente, foi um encontro ligeiro. Mas o que é a vida, amigo

Pontes, senão a busca de um pouco de amor, um tanto de glória, uma idéia nobre por que viver, um recanto de paz no coração e um clarão mágico de luz capaz de livrar-nos da violência e da discórdia, que podem nos tirar a vida como quase se deu comigo.

– Eu o compreendo, Dimas, mas, na condição de amigo, vejo-me na obrigação de fazer um alerta.

– Está bem. Mas, mudando de assunto, você ainda está disposto a escrever o romance?

– Claro. Ainda mais agora que tenho até essa tentativa de assassinato para narrar.

– É mesmo, Pontes! Esse triste acontecimento jogará tinta vermelha em sua pena e poderá render algumas páginas versando sobre a maldade que às vezes toma conta da mente humana.

Então chega Salvador e vai logo ordenando:

– Pode dar o fora, Pontes, que é minha vez de aturar esse "sete vidas".

– Sete vidas!? – protestou Dimas.

– Sim senhor! Qualquer um que leva um balaço no peito e não morre é porque tem sete vidas.

E riram os três.

Mais tarde, já na casa do filho, ele cuidou de amoitar o diário escrito por Dôni e telefonar para Clara, cujo endereço ele conseguiu sem muita dificuldade através do serviço de auxílio à lista. Ele contou à atendente sobre o tiro recebido por Dimas, logicamente dramatizando e ampliando os acontecimentos até deixar a moça consternada e arrancar-lhe a famosa "solidariedade no câncer" de que as pessoas em sua maioria são atingidas. Independentemente de credo, cor, religião...

– Alô! Quem fala?

– Aqui é o Geraldo Pontes, aquele do trem.

- E precisa dizer? Reconheci a voz imediatamente.
- Como você conseguiu o meu endereço?
- Através do auxílio à lista.
- Impossível. Você não dispunha de dados suficientes.
- Depois eu lhe explico. Mas, nesse instante, estou ligando para informar-lhe que o Dimas levou um tiro.
- Meu Deus, um tiro. Como foi isso?
- É outra longa história para ser narrada depois.
- E como ele está?
- Está em franca recuperação. Porém ainda dependente de muito cuidado.
- Depois de amanhã, darei um jeito de ir até aí. Ainda estou presa, resolvendo uns assuntos particulares inadiáveis e cercados de procedimentos burocráticos.
- Está bem. Eu a aguardo com o peito cheio de saudades. Um beijo, querida Clara.
- Outro, amado Pontes.
- Desligado o telefone, Pontes foi brincar com os netos. Entre fadas, princesas e lobos maus, Bruno encontrou o pai.
- E aí, pai, como está o Dimas?
- Eu o deixei com o Salvador. Aparentemente, está bem.
- Como assim aparentemente?
- É que eu o estou achando muito pálido.
- Normal, pai. Ele perdeu muito sangue.
- Pode ser!
- Mas e o senhor, como está?
- Bem e animado com a idéia do romance.
- O senhor vai mesmo escrevê-lo?
- Vou sim. Ainda mais agora que estou de posse de uma porção de poemas inéditos do Dimas, com os quais pretendo abrir os capítulos do livro.

– O Dimas é poeta?

– Sim, e dos bons.

– Mas ele não é conhecido.

– Engano seu. Tem muita gente que curte o trabalho dele. É um grupo reduzido, porém fiel e capaz de eternizá-lo neste mundo.

– Se o trabalho dele é bom, por que ele não está na mídia?

– Primeiro porque nem tudo que é bom está na mídia e, segundo, pelo fato de ele jamais ter admitido fazer concessões e ter dado preferência a se manter autêntico, junto aos amigos simples que povoam seu mundo de vendedor e que são sua fonte de aprendizado e inspiração.

– Mas pai, o trabalho literário dele precisa ganhar projeção.

– E quem disse que não tem, filho? O verdadeiro abrigo da poesia, do trabalho literário, não são as academias nem os holofotes da mídia, mas o coração das pessoas!

– Que seja! Porém, continuo achando que ele devia divulgar mais o trabalho dele.

– Bruno, meu filho, você ainda é novo, e um dia aprenderá, ou melhor, chegará à conclusão de que "ser pequeno com grandeza é melhor que ser grande sem nobreza".

– Nossa, pai, matou a pau. Penitencio e calo-me. O senhor venceu. Contudo, arrume-se e vamos dar umas voltas pela cidade. E, lógico, tomar um chope gelado, pois o verão está bravo.

– Já, já, estarei pronto, filho.

Não demorou muito e lá se foram eles.

– Mas este não é o caminho para o seu escritório?

– É sim, meu pai. Porém não se preocupe. É que desde o crescimento de meu escritório advocatício, hoje ocupando um andar inteiro, eu tenho por hábito passar à noite defronte a ele só para ver como andam as luzes.

– Como andam as luzes?

– Pai, alguns advogados e auxiliares de escritório têm por hábito fazer serão a fim de apressar, ou melhor, estudar os processos. E eu costumo avaliar o conceito da empresa junto aos meus funcionários através do comportamento das luzes.

– Não estou entendendo nada.

– É que, quando há qualquer foco de insatisfação, alguns funcionários deixam as luzes acesas sem necessidade.

– E daí?

– Daí eu procuro ficar mais atento e identificar onde foi que errei. E, enquanto verifico, tomo a iniciativa de colocar um aviso em cada interruptor: "FAVOR APAGAR A LUZ". Depois, uma vez localizada a razão da desarmonia, eu retiro o aviso, pois sei que trabalhador satisfeito com a empresa em que labuta se sente um pouco dono dela e faz tudo para ajudá-la a economizar e crescer. E tem mais, meu pai, se a fonte de descontentamento não for estancada, nem pedindo pelo amor de Deus o empregado apaga a luz ao sair.

– Só estou vendo uma luz acesa em todo o andar.

– É é por necessidade. É da sala do Valdeci, que amanhã enfrenta uma parada difícilíssima no fórum.

– Então, levando-se em conta a sua tese, você está muito bem conceituado junto a seus subalternos.

– Estou sim, mas é exatamente porque eu não os considero subalternos, mas sócios remunerados.

– Muito bem, mas vamos ao chope, senhor Bruno da luz...

Rindo, partiram rumo ao chope gelado.

– Estou com um friozinho no coração, mesmo sob o calor desse verão.

– Por que, pai?

– É que a Clara virá à cidade visitar o Dimas e eu lhe confesso que, desde a morte de sua mãe, é a primeira mulher que mexeu comigo.

– Nada de frio no coração, meu pai. O senhor precisa refazer a sua vida. Já passa da hora.

– Sei disso, Bruno. Só o amor é capaz de nos alvejar os lençóis que cobrem o leito de nossos horizontes.

– E tem mais, meu pai. O amor que temos é o sentimento que construímos com nossa emoção, nossa capacidade de entrega.

– Também penso assim. Nosso corpo é um instrumento que emana o som que compomos com a energia do pensamento positivo e que só se torna audível quando encontramos alguém com virtuosidade suficiente para nos tocar e extrair de nós toda a melodia escrita em clave colorida na partitura entre as fibras do coração.

– O senhor quer dar uma passada no hospital?

– Não, filho. Dimas está acompanhado de um velho amigo. Ele e o Salvador são conhecidos de longa data. Talvez, até faça bem ao Dimas a companhia de alguém a quem ele tanto preza e, certamente, com mais confiança do que em mim que ele acabou de conhecer numa viagem de trem...

– Nisso o senhor tem razão pela metade, pois com você, meu pai, eu aprendi que algumas pessoas nos chegam como velhas conhecidas, como se tivessem sido esquecidas em um canto de nossa memória.

– Isso é verdade, filho. Todavia, eu e o Dimas estamos ainda em processo de revitalização das energias invisíveis que sempre nos uniram em um só cerne. E por falar em cerne, temo que, no andar da carruagem, meu amigo Dimas, que resistiu ao impacto de um tiro no peito, talvez não tenha como barrar as dores da paixão que estão por atingir o cerne de sua alma, e para esse mal não há bisturi, "não

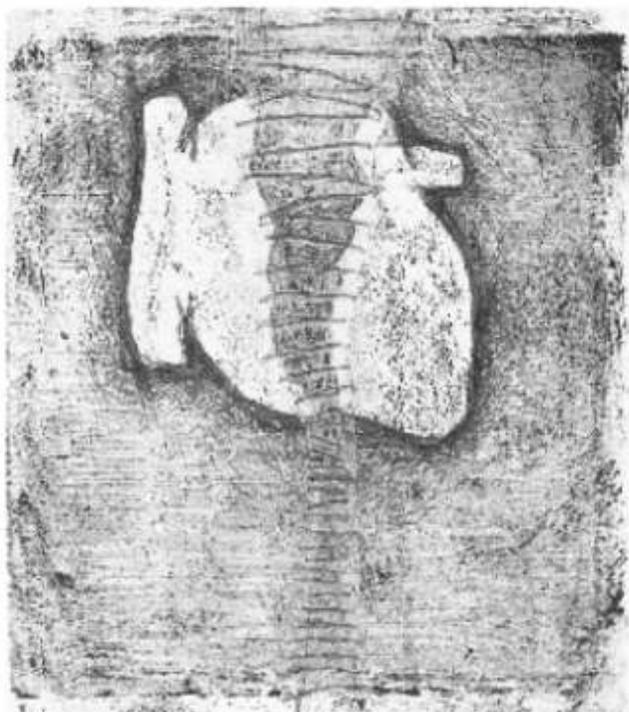
há um só remédio em toda a medicina" capaz de obstaculizar o seu avanço.

- Que maus presságios são esses, pai?
- O tempo nos revelará, só o Rei das horas que nos regem, meu filho.

CAPÍTULO XIV

DEUS

Deus é entidade do perdão
Pelo estender de mão é Pai
Não libera seu esbravejo à toa
Nem se magoa por qualquer bordejo
Nas praias de sua divina memória
Registra o dia-a-dia de nossa história
Grava na rocha nossos raros feitos
E para que a maré cheia os leve
Nossos defeitos na areia escreve



PONTES tomava o café da manhã quando ouviu pelo rádio a notícia de que havia rebelião num presídio que ficava no trajeto que o levaria ao hospital.

– E agora, filho?

– Agora, pai, o negócio é aguardar as coisas acalmarem, pois o trânsito deve estar muito confuso na região – respondeu Bruno.

– Você, na condição de advogado, como vê isso?

– Vejo com muita preocupação e angústia. Meu escritório tem até um departamento específico, que funciona com estagiário, cuja função é visitar presídios e dar assistência gratuita jurídica aos condenados. Temos conseguido livrar da cadeia muitos presos com penas cumpridas ou com direito a um certo relaxamento legal.

– Parabéns, Bruno. Isso é um exemplar trabalho social, um gesto cristão aureolado pela solidariedade.

– Pode ser, mas não estou fazendo nada de mais. Apenas procuro devolver à sociedade parte do que ela me deu. Afinal, cursei advocacia em universidade pública, que é paga por todos, inclusive pelos que jamais tiveram ou terão oportunidade de acesso a ensino superior e até pelos cidadãos analfabetos e salários-mínimo.

– Você tem razão, Bruno. Atravessamos um período em que

predomina a intolerância e a exclusão. Nossas elites dirigentes preferem investir na construção de presídios do que no soerguimento de escolas e valorização dos que nelas trabalham. Possuímos hoje um exército de pessoas situadas, intelectualmente, entre o baixo nível de informação e a total desinformação, fertilizando e abrindo caminho para a cultura da imagem, que embevece e encanta os olhos, mas não nutre o cérebro, principalmente quando as imagens são absorvidas sem qualquer análise crítica ou exercício reflexivo.

– Isso é mais do que notório, meu pai.

– Pois é, Bruno. E o pior é que enquanto a ignorância prospera, segue com ela o apego a idéias reacionárias e manifestações de intolerância e desrespeito às diferenças.

– Como você diz, meu pai, quem mata larva acaba não conhecendo borboleta e quem não dá oportunidade ao ser humano em dificuldades ou em erro termina perdendo a oportunidade de assistir ao milagre da recuperação, que conduz à alegria de começar de novo...

– É exatamente por isso que o sistema prisional deveria ser revisto, a fim de que ele deixasse de ser um mero depósito de pessoas que transgrediram a lei ou representam perigo para a sociedade. Para fechar o assunto, filho, a verdade é que se não é para recuperar o cidadão, então que se ponha fim à hipocrisia e se implante a pena de morte, que é a radicalização do que hoje se comete eufemisticamente.

– Então, ligue para o hospital e diga que você só poderá chegar mais tarde.

– Alô, é o Salvador? Aqui é o Pontes, estou ligando porque tem uma rebelião de presos e o trânsito está numa balbúrdia só, pelos lados do hospital.

tranqüilamente. O Dimas passa bem e deverá receber alta, no mais tardar, amanhã de manhã.

– Chame-o para mim.

– No momento ele está tomando banho.

– Assim que ele sair fale com ele que vou levar-lhe o endereço da "mulher-águia" e que vou até colocar no correio o cartão de Natal que ele envelopou à espera do bendito endereço.

– Pode deixar que eu falo.

Pontes foi ao quarto, subscritou o cartão e saiu para ir ao correio. Enquanto isso, no hospital, ao passar o recado para Dimas, Salvador se viu envolvido pelo contentamento de um homem apaixonado e que se pôs a falar dos encantos de seu amor mesmo sem conhecer-lhe o rosto, numa prova de que se a beleza é visgo que atrai, a alma, cadinho em que ardem as energias invisíveis, é o sustimento, a corrente sem amarras que prende e une os amantes.

Pontes, por seu turno, a caminho do correio ia pensando no que representaria na vida do Dimas estar de posse de um endereço novo que o conduziria ao leito de um amor antigo que o tempo, sem que ele percebesse, cuidou de fazer cada vez mais novo em seu peito. No fundo, eram muitos os temores que passavam na mente do engenheiro Pontes, que dessa feita não tinha como lançar mão de cálculos matemáticos, pois tudo estava sob o manto de pulsações luzidias intangíveis que atuam entre nós. As mesmas luzes que uniram novamente os destinos de Dimas e Margarida. Desculpava a si mesmo todo o tempo: que posso eu fazer diante de forças celestiais superiores? Do correio, voltou para casa e entreteu-se na leitura do diário de Dôni e na anotação da cronologia que seria seguida pelo roteiro de seu romance, cujo enredo, na verdade, ainda estava em plena encenação pela montagem da vida real.

Por outro lado, lá no hospital, chegava Maria Clara para visitar

Dimas.

– Você por aqui, Salvador?

– Eu mesmo, não podia ficar em falta com o meu amigo Dimas.

– Vamos entrando, Maria Clara! – proferiu Dimas, de seu leito.

– Ah, mas você está muito bem, graças a Deus.

– Tive muita ajuda divina. Levei um tiro à queima-roupa.

– Mas por quê?

– Confesso que não sei. O fulano só pode ter me confundido com algum inimigo figadal.

– Gente, vocês me desculpem, mas eu vou dar uma saída. Preciso olhar umas coisas e, como a Maria Clara chegou, vou aproveitar a oportunidade – interveio Salvador.

– Fique a vontade. Estou em boa companhia.

– Foi até bom ficarmos a sós. Sei que não é o momento certo, mas tenho que lhe dar uma notícia que o machucará muito, tanto faz ser agora ou depois.

– Pode ficar tranqüila, Maria Clara, nada mais afeta esse meu velho coração. Ele agüenta bala, tiro de canhão, desilusão de amor; e o que não consegue suportar sabiamente, entrega à bateia do tempo, que vai peneirando e escoimando os males até apurar a compreensão, o entendimento, a aceitação.

– Amigo meu, minha irmã Margarida morreu.

Dimas empalideceu, seu rosto crispado assustou Maria Clara, que pediu socorro a uma enfermeira. Bastou um copo de água com açúcar para sua tez voltar ao normal.

– Como foi isso, meu Deus. Minha ex-amada... Ex-amada coisa nenhuma, esconjurou Dimas.

– Fiquei sabendo que você tem até um amor misterioso.

– Não tem nada a ver. Ainda mais que, bem no fundo de mim, eu a tenho em meu coração com o rosto de Margarida. Estive com

ela uma única vez, mas não sei porque é como se eu tivesse estado com sua irmã...

– Deixemos isso de lado, pois, como você disse há pouco, o tempo cuidará de dar rosto a esse seu novo amor. O que quero dizer-lhe é que Margarida morreu solteira e que você foi o único homem a quem ela amou.

– Porém me abandonou.

– Essa história você ainda saberá melhor e, certamente, re fará todo o seu julgamento.

– Como você entrou em contato com ela?

– Nunca perdi o contato com minha irmã.

– Então por que nunca me revelou o seu paradeiro?

– Não podia. Fiz um juramento a ela. Quando ela o abandonou, logo em seguida sofreu um acidente. Eu a ouvi como irmã e enfermeira que sou.

– Como assim?

– É que uma enfermeira não passa à frente confissão de paciente em instante de fragilidade e espontânea sinceridade.

– Está bem. Continue.

– Margarida se recuperou e terminou dando sorte pelo lado material, tornando-se uma mulher rica.

– Rica?!

– Sim, muito rica.

– É, mas não devolveu o que me roubou.

– Ela só não o fez porque você a descobriria. Todavia, nos últimos anos, ela estava disposta a correr o risco. E prova maior do que lhe digo está aqui em minha bolsa.

– De que se trata?

– Veja você mesmo, Dimas. Com papéis cartoriais nas mãos, Dimas fazia uma leitura balbuciada em que as palavras saíam inin-

teligíveis, pois que afogadas em lágrimas que lhe corriam pelo rosto e inundavam os cantos dos lábios. No documento, Margarida lhe destinava quarenta por cento de sua fortuna, que era dividida em outros quarenta por cento para a irmã Maria Clara e mais vinte por cento para o orfanato da freira que cuidou de sua filha deficiente; fato de que nem desconfiava Dimas, pois no documento só se achava escrito o nome do orfanato beneficiado.

Informado de que Dimas havia passado mal pela enfermeira que tomou a iniciativa de preparar a água com açúcar, o médico responsável pela cirurgia de extração da bala foi até o quarto, interrompendo a cena banhada de emoção.

– O que se passa, caro Dimas?

– Foi um momento de surpresa e contrariedade.

– Cuidado com as coisas do coração.

– Estou tendo, doutor, mas sem querer abusar de sua boa vontade e até em nome de minha tranquilidade, assente-se aqui do meu lado, pegue um papel qualquer e uma caneta...

– Mas para quê, homem de Deus?

– Para que o senhor escreva com seu próprio punho e assine como testemunha um desejo que faço questão de deixar expresso quanto antes, pois para morrer basta estar vivo e eu não quero deixar esse aranzel mal resolvido estorvando o caminho de meu espírito.

– De que se trata, Dimas? – entrecortou perplexa Maria Clara.

– Não posso aceitar, em particular, receber os quarenta por cento da herança de Margarida. Assim, quero manifestar por escrito o meu desejo e intenção de que o montante que me couber será destinado à uma fundação que terá por objetivo a edição de livro de autores independentes a baixo custo. Até mesmo porque, muitas vezes, disse à Margarida que se um dia tivesse condição financeira

eu gostaria de fazer alguma coisa para os pequenos autores, que são explorados pela cobrança de preços elevados por parte de gráficas, que vivem à custa do idealismo de poetas e escritores que se lhes apresentam dispostos a qualquer sacrifício para ver o seu trabalho literário impresso.

Sem entender bem o que se passava, o médico se pôs a escrever o que lhe era ditado por Dimas, cujo texto se encerrava com eloquente homenagem à falecida Margarida: ... "E assim lançamos a fundação e a Gráfica e Editora do Independente Margarida em Folha Literária."

– Agora assine, doutor.

E o médico assinou.

– Você também, Maria Clara – soluçando, esta assinou.

Mal saiu o médico e Dimas curiosamente inquiriu:

– Margarida morreu de quê?

– Contaminada por Aids.

– Mas você me disse que eu fui o único homem da vida dela.

– Dimas do céu, logo você, uma pessoa bem-informada, um intelectual e ainda por cima viajante, que anda por todo o lado, vê e conversa sobre tudo, me vem com uma pergunta dessas.

– Desculpe-me, mas a indagação permanece.

– Está bem, senhor Dimas, minha irmã adquiriu o vírus da Aids na transfusão de sangue a que se submeteu devido àquele acidente de que lhe falei.

– Puxa vida, desculpe-me. Acho que me deixei naufragar em onda de ciúme e não me lembrei que o HIV não se adquire apenas por contato sexual, mas também por transfusão de sangue ou mesmo uso comum de seringa não descartável...

– Pois é, Dimas, nada mais condenável do que o prejulgamento. E lá ia você incorrendo neste equívoco.

Eis que retorna da rua o Salvador. Observador e farejador de ambientes como um bom interiorano, logo indaga.

– O que se deu por aqui? Que levante foi esse? Deve ter sido coisa profunda.

– Que é isso, Salvador?

– Ah, gente, eu aprendi que tudo que é profundo nos deixa nos olhos e na atmosfera um misto de companhia e solidão.

– Não estou entendendo nada! – protestou Maria Clara.

– É que quando estamos introspectivos nós vivemos a solidão intensamente e mesmo que estejamos sorrindo está lá aquela sombra amorfa, que os que estão por perto não definem, mas o dono dos olhos sabe o que é.

– E o que tem demais nisso? – pergunta Dimas.

– Não tem nada demais, isso nem é defeito. A solidão está em todos nós. Não importa se homem da metrópole ou da zona rural. A diferença é que os sabichões como vocês revolvem pensamentos, prospectam o inconsciente, e os matutos feito eu simplesmente matutam...

Sentindo-se descobertos, Maria Clara e Dimas contaram a história por alto para Salvador, que leu o documento escrito a mão pelo médico e estancou com um lenço as lágrimas que lhe embaçavam os olhos, tanto pela morte de Margarida quanto pelo gesto do amigo poeta e idealista, que desprendidamente abria mão de grande soma em dinheiro em nome do prazer de abrir caminho para novos e velhos autores desconhecidos.

– Pessoal, eu já vou pela estrada afora. A carga de emoções me deixou extasiada. Quero chegar em casa, tomar um banho e cair na cama.

– Mas como vou encontrá-la, Maria Clara?

– Não tem problema não, o Pontes tem o meu endereço.

– Como e por quê?

– Essa é mais uma história a ser contada, mas em outro dia, quando a maré baixar, Dimas.

– Para onde você vai?

– Já estarei em minha velha e aconchegante casa. Contudo ainda tenho que resolver algumas pendências relativas aos negócios deixados por Margarida, que formou uma coesa equipe de colaboradores, que continuarão gerenciando os empreendimentos.

– Não se mexe em time que está ganhando. Isso serve para técnicos de futebol e para quem está no competitivo mundo dos negócios. – asseverou Salvador.

– Vá com Deus – disseram Dimas e Salvador, em coro ensaiado pela luz da amizade.

Não demorou muito e Pontes aparece.

– Como vai, Dimas?

– Fisicamente bem, porém os estratos de minha aura se encontram batidos em liquidificador. É como se eu tivesse que ficar por algum tempo paradinho, bem quieto, à espera de que tudo se assentasse ao seu lugar.

– O que aconteceu?

– É que Maria Clara esteve aqui...

Aí rolou toda aquela narração detalhada e pontilhada de comentários. Dimas lembrou que, desde o dia em que Pontes lhe passara um pito por ter se tornado prisioneiro do "desfalque" que Margarida lhe dera, em vez de buscar os motivos e razões para a sua atitude, ele perdoou a ex-noiva. Contudo, Pontes ainda lhe cobrou.

– É, mas quem perdoa deve, também, sair à procura de quem perdoou. O perdão não se torna realidade com o mero pensamento; é um sentimento que exige o encontro dos dois pólos – do per-

doador e de seu alvo –, pois somente a partir daí é que se restabelece a energia. Que perdão é esse? Sem aperto de mão nem comunicação?

– É, você tem razão. Comportei-me como abelha que quer colaborar na fecundação do mel, mas reluta em levar o néctar que sugou da flor até a colméia.

– Isso mesmo, Dimas. Ter semeado o perdão em seu coração foi uma atitude sábia e cristã, mas não ter levado o produto de tão rica colheita também foi um erro. Margarida cometeu um equívoco em não procurá-lo para restituir-lhe em vida o que ela havia arrependido de lhe ter subtraído, entretanto você também negou-lhe a chance de provar do fruto do perdão que você colheu tão fartamente em seu coração.

CAPÍTULO XV

TRILHOGIA

O verdadeiro consolo
Não adormece no colo
É monjolo que pila o milho
Que jamais exila do seu chão
Tece com a mão todo o brilho
Molda tijolo por tijolo
E solda os velhos trilhos do coração!



SEM CABER em si, extremamente preocupado com o desenrolar da saga estuporada que atingia a vida de Dimas e na qual quis o destino que ele tivesse participação efetiva, Pontes pediu a Salvador que dormisse mais uma noite no hospital, prometendo que estaria logo ao aurorescer, a fim de providenciar a saída de Dimas do hospital, levando-o para a casa de seu filho, que se dispôs a receber seu amigo em convalescença.

– Não tem problema, Pontes, eu fico.

E assim, Pontes se despediu de Dimas e de Salvador e apressou-se em tomar o rumo de casa. Tudo o de que precisava era da solidão de seu quarto. Fecharia a porta, colocaria o som bem baixinho e ficaria ruminando e tecendo os passos que daria no intuito de poupar o amigo da revelação dando conta que Margarida e a "mulher-águia" eram a mesma pessoa.

Ao chegar na casa do filho teve que dar alguma atenção aos netos e à nora que conversava com uma atriz que reclamava da baixa frequência de público na peça que encenava, mas ensinava, ao mesmo tempo, que teatro não é lugar para gente desprovida de dom verdadeiro e idealismo, pois, segundo ela, mesmo com meia dúzia de espectadores ela e os demais atores exercitavam sua arte com to-

do o empenho e alegria. Afinal, ainda que fosse uma única pessoa a assistir a peça, ela seria merecedora de toda a tenção, porque, uma vez cativada, ela atuaria como propagadora e, mais que isso, nada supera ou vale mais para um ator que a transmissão de sensibilidade ao ser humano.

Pontes ouviu a jovem com atenção e opinou antes de pedir licença.

– Você tem razão, é conhecendo a árvore que se valoriza a floresta; é vislumbrando a primeira estrela que brilha ao cair da noite que se imagina a luza de toda uma constelação. A parte sempre nos dá a idéia do todo; se assim procedêssemos descobriríamos em cada ser humano um irmão, uma célula imprescindível no conjunto da humanidade. Que deus ilumine o seu dom.

– Obrigada pelo incentivo. E apareça no teatro para conhecer o nosso trabalho.

Já sob a proteção de seu quarto, Pontes se pôs a conjeturar sobre o momento ideal para descortinar ao amigo toda a teia movida com que o destino decorou o palco de sua vida, em cujo cenário agora as coxias jogavam uma trama desditosa, capaz de intumescer caminhos e turbar os olhos, fazendo eclodir mortal quadro depressivo na mente de dor tão ingente. E o pior é que, assim que Dimas saísse do hospital e fosse juntando algumas peças, ele certamente mataria a charada por si mesmo. E aí ele poderia ter uma síncope total e morrer sem nem haver tempo de socorro.

Pontes remexia anotações, abria o inacreditável diário do maníaco do Dôni e sentia, ou melhor, pressentia, como se vidente fosse, o trem da vida do amigo Dimas tomando outra direção, dobrando os sinaleiros da misteriosa eternidade, cuja linha invisível faz dos horizontes de luz os seus dormentes e vai avançando universo afora. Sorriu um riso à meia face e boca, ao pensar desconfiado so-

bre a existência desse trem espiritual. E chegou a esboçar na mente um trem bastante parecido com a locomotiva que o trouxe até a casa de seu filho, onde teve a oportunidade de conhecer pessoas, trocar experiências, crescer e melhorar interiormente. Talvez a eternidade seja sinônimo de aprendizado constante, infinito. Vida, tanto no campo espiritual quanto físico (na carne), não passaria de uma interminável viagem rumo às estações de portais, que são uma espécie de usina de depuração, onde vamos nos purificando e preparando nossos olhos para habitar ao lado do pai de todas as luzes que iluminam e regem o Universo.

Estava enovelado em pensamentos assim místicos e esotéricos quando um dos netos bate à porta:

– Vovô Pontes, telefone para o senhor.

Era Maria Clara, a quem havia passado o telefone da casa do filho no dia em que telefonou para avisar da tentativa de assassinato de que Dimas fora vítima.

– Pontes, estou com a mente atormentada. Aquela história de mulher-águia, apelido que Dimas deu a uma mulher misteriosa, pela qual ele está apaixonado, não está me cheirando bem. Preciso conversar pessoalmente com você. Talvez eu vá passar o Natal aí, pois agora que Margarida morreu não tenho com quem brindar em comemoração ao nascimento de Cristo. E eu não quero ficar literalmente sozinha, prefiro curtir minha solidão acompanhada: rindo e conversando com você, seus familiares e o amigo Dimas, com quem estou preocupada.

– Pode vir. Será um prazer. E no mais eu também tenho confidências a lhe fazer. Assim que desligou o telefone, Pontes retornou ao quarto ainda mais angustiado. Maria Clara viria passar o Natal com eles e Dimas poderia perceber imediatamente que a Clara do trem era a Maria Clara. Lembraria que ela era a acompanhante da

madame – e pronto!!! Saiu de seus aposentos, foi até a cozinha, tomou um copo de leite e dispensou o jantar com a desculpa que es-tava com muita dor de cabeça e que naquela noite (de insônia) dor-miria mais cedo.

Ao romper da aurora, telefonou para o serviço de táxi, escreveu um bilhete que deixou sobre a mesa da cozinha, jogou a chave por debaixo da porta e se mandou para o hospital, a fim de liberar o Salvador que viajaria de volta à sua terra bem ao amanhecer, quando era mais baixa a temperatura escaldante de verão. Assim que chegou ao hospital, deparou com Salvador à porta.

– Nosso paciente está louco para deixar o hospital. Já tomou banho, trocou de roupa e só espera a visita do médico que lhe dará alta e as recomendações sobre os procedimentos a serem seguidos em casa.

Salvador se despediu deixando um voto de feliz Natal e próspero Ano Novo. E sumiu nos corredores do hospital. Diante da impaciência de Dimas, só restou a Pontes tomar a providência de procurar o médico, solicitando-lhe que o liberasse imediatamente. Pedido feito e atendido, os dois desceram para pegar um táxi e se dirigir à casa de Bruno, porém, assim que chegaram em frente à porta de saída, lá estava o filho do Pontes, todo aberto em atenção e alegria por poder servir ao pai e seu amigo Dimas, que ainda dizia não querer incomodar e que ficaria bem no quarto do hotel, onde estavam seus pertences comerciais e do qual era velho freguês de carteirinha.

– Não senhor. Amigo de meu pai é meu amigo. Minha mulher também faz questão de recebê-lo.

– Já que é assim, só me resta ir abusar da hospitalidade de vocês.

Dimas foi recebido com toda pompa e honra. Não demorou muito e já era meio avô dos netos de Pontes. Reservaram-lhe uma

suíte, na qual ficava a biblioteca do advogado Bruno, uma escrivaninha e uma cama...

– Este é seu quarto – apontou-lhe Pontes.

– Mas está parecendo mais o escritório de seu filho, a não ser pela cama.

– Você acertou. É mesmo o escritório dele. E a cama é porque, quando fica estudando processos até tarde, ele dorme por aqui mesmo. Diz que é para não incomodar o pessoal da casa.

– Então eu o estarei atrapalhando.

– Que nada. Ele não tem usado o escritório faz tempo. Hoje, ele tem um grande escritório na cidade, muitos empregados. Praticamente, ele só orienta seu pessoal e atua como uma espécie de consultor de todos os processos sob a responsabilidade de sua firma advocatícia.

– Se é assim, sinto-me aliviado e, ao mesmo tempo, proclamado rei. Que vista linda... e esta varanda em volta do quarto!

– Nada demais. Você merece. Aproveite para trocar de roupa e colocar algo mais leve. Uma bermuda, talvez. Enquanto isso, eu vou lá na cozinha pegar uma cerveja gelada pra mim e um chazinho para você.

– Está bem. Eu vou tomar o meu chá, refestelado nesta rede estendida na varanda.

– Faça como melhor lhe aprouver.

Num bate-papo feliz, com a trilha sonora de uma boa música ao fundo e o rumorejar de crianças brincando, os dois amigos só pararam de palestrar quando convidados a almoçar. Inegavelmente, o ambiente familiar parecia derramar bons fluidos terapêuticos...

Daí a dois dias seria véspera de Natal. Animado, Dimas manifestou desejo de ir às compras; queria presentear os meninos e o casal que o tratava como membro da família. Ele e Pontes prepa-

ravam para sair quando o telefone tocou.

– É para você, pai.

– Quem será, Bruno?

– Sei lá, atenda.

Era Maria Clara, avisando que chegaria no dia seguinte e dando o endereço do hotel em que se hospedaria.

– Quem era? – indagou Pontes.

– Uma amiga.

– Pensei que fosse a sua Clara do trem.

– Não, não era.

– Pois é, quanto a mim já tomei as providências.

– Que providências, Dimas?

– Aproveitei a escrivaninha do Bruno para sentar e escrever uma carta para a "mulher-águia". E só pude tomar essa iniciativa graças a você que, como um detetive, obteve o endereço.

Optaram por uma grande loja de departamentos, onde poderiam encontrar de tudo sem ter de ficar fazendo longos deslocamentos, que seriam inconvenientes para uma pessoa recém-operada. Contudo, mesmo assim, passaram horas e horas na escolha das prendas natalinas. Terminada a tarefa voltaram cansados para casa, tomando o cuidado de adentrar furtivamente o recinto, para que as crianças não os vissem com aquele punhado de pacotes. Deram sorte, elas nem estavam em casa. Tinham ido ao sítio do Juslei, um vizinho que tinha uma penca de filhos e adorava satisfazer-lhes os desejos, dentre os quais se incluía a companhia dos filhos de Bruno.

Como atrás de dia outro dia vem, todos dormiram e despertaram aos raios de sol de um novo amanhecer. Pontes nem esperou para cumprimentar o amigo à mesa de café, foi logo saindo a fim de se encontrar com Maria Clara.

– Agora, quanto à ceia de Natal de hoje, eu vou chegar como quem está indo para confraternizar com ele. Nem de longe ele deve saber de nosso envolvimento.

– Você tem razão. Então você apareça por lá procurando por ele.

Beijaram-se em arfante sofreguidão, trazendo à tona toda a umidade que o jarro-pote de ouro que o arco-íris da libido é capaz de derramar, colorida e abundantemente.

Ardiloso, Pontes chegou em casa, tomou um banho demorado e retirou de sua mala um cordão de ouro que trazia sempre guardado por medo de perder, que foi presente de sua falecida mãe. Dependurou-o no pescoço e colocou uma camisa sem gola para que o mesmo ficasse bem à mostra, acreditando que os olhos de lince do amigo Dimas detectariam imediatamente... E não deu outra. Subiu ao terraço e lá estava o amigo poeta estirado feito um páxá na rede.

– Objeto novo no pescoço, companheiro Pontes?

– Ah, esse cordão. Hoje é dia de ceia de Natal e eu resolvi tirar da mala este cordão que foi presente de minha mãe. E também para imitá-lo.

– A que se refere?

– Eu o vi portando um cordão de ouro no pescoço...

– Ah, é mesmo. Nem me lembre, eu o perdi. E confesso que fiquei e estarei sempre chateado, pois aquele era um presente que me foi dado pela Margarida. Eu fui muito imprevidente, deveria ter feito como você, usando-o só em ocasiões especiais.

Pontes, de gestos sempre bem-postos, ficou tão desnorteado e empalidecido que chamou a atenção do amigo.

– Que foi, Pontes, não está sentindo-se bem?

– Coisa passageira. É este calor. Nada que uma cervejinha gela-

– Gostaria de falar com a senhorita Maria Clara.

– Ela está no terceiro andar, no quarto 33 (trinta e três outra vez, isso é muito para mim).

Pegou o elevador do hotel e se encaminhou ao encontro de Maria Clara, que caiu em seus braços assim que lhe abriu a porta, como se quisesse fazê-lo antes que a conversa amarga se interpusesse entre eles.

– Não tem mais como nós não falarmos a respeito.

– A respeito de quê, Maria Clara?

– Como você, agora eu tenho certeza de que a tal "mulher-águia" com quem o Dimas se encontrou no trem é a própria Margarina. E creio que a minha irmã morreu com a certeza de que se havia entregue, coincidentemente, ao homem que ela amou por toda a vida. E digo coincidentemente por não ter uma outra palavra, pois creio que suas almas tramaram aquele encontro...

– Só pode ser. Mas por que você afirma que sua irmã morreu sabendo que havia estado com Dimas?

– Ontem, remexendo os pertences dela, encontrei um cordão de ouro, com gravação de nomes e tudo o mais, que ela um dia deu de presente ao Dimas, com quem nunca mais esteve.

– Se isso é fato, realmente ela partiu dessa vida ciente de que fizera amor com Dimas...

– Fizeram amor? Dessa eu não sabia. Ela não me contou. Agora eu sei o porquê daquele brilho nos olhos, apesar de tão debilitada.

– Pois foi fazendo amor que o cordão acabou arrebitado e fora do pescoço do Dimas.

– E isso é fácil de ser verificado, basta você perguntar-lhe de forma espontânea pelo cordão de ouro que ele tinha no pescoço quanto estava no trem.

– Pode deixar que darei um jeito.

da não cure.

Desceu com a desculpa de pegar a loura gelada e aproveitou para telefonar para Maria Clara.

– Clara, vou ser rápido. Sua irmã faleceu sabendo que havia vivido uma noite de amor com Dimas.

– Como?

– Ele realmente perdeu o cordão no trem.

Desligou e voltou ao amigo, já providenciando o início de um churrasquinho e a retirada das preocupações que lhe enchiam de nuvens negras o olhar. Era dia e noite de confraternização.

– Pontes, vendo esse seu cordão, eu fico a imaginar que menos coisas ajuntaríamos se tivéssemos erguido uma cultura em que mais importante que acumular fosse a necessidade de conhecer e viver as coisas.

– Interessante essa sua observação. As pessoas morrem e terminam lembradas por pequenas coisas, objetos simples como um cordãozinho de ouro..

– Isso é a mais pura realidade. Se uma pessoa cuida de fazer o bem, colecionar amigos, ela permanece em nós. Mas se em vez disso, cuida apenas de juntar coisas e mais coisas, ela termina deixando grandes salas repletas de um enorme vazio que se estende sobre tudo e a tudo encobre.

Estavam nesse lero de mil leros quando Bruno anunciou.

– Senhor Dimas, chegou-lhe visita.

– Quem será? Não espero ninguém.

– Sou eu, e vou entrando para abraçá-lo, disposta a cear com você nesta noite de Natal.

– Meu santo Deus. Que baita surpresa. É você, Maria Clara!

– Sou eu mesma. E vá abrindo espaço nessa mesa, que eu estou pra festa...

A noite foi longa. Casa cheia, meninos correndo felizes feito "cristos" ressuscitados, tamanha a luz que irradiavam à espera do Papai Noel. Toda a água foi transformada em vinho e cerveja, e por algum milagre ninguém se embebedou apesar de beber farta e desregradamente. Em determinado momento da madrugada, Dimas se retirou dizendo que iria repousar um pouco, mas antes pediu a atenção de todos e discursou em forma de indagação:

– Sabe por que, companheiros, vocês bebem, bebem e não se embriagam?

– Não – responderam em coro.

– É porque hoje e, em qualquer outra ocasião de idêntica confraternização cristã sincera, os anjos descem, os espíritos amigos sobre nós voejam e bebem conosco, em nosso copo. Então, não nos embriagamos porque, sem que percebamos, dividimos com os que habitam o mundo invisível. É por isso, é dessa filosofia que se originou o hábito de se jogar um trago para o santo...

Aplaudido, Dimas foi para o quarto. Tomou um banho, colocou um roupão branco. Sem mais nem menos o sono que o dominava há poucos instantes havia ido embora. Acendeu a luminária sobre a mesa da escrivaninha e, na falta do que fazer, se pôs a fuçar em jornais velhos, muitos dos quais sequer foram lidos durante o período conturbado provocado por sua hospitalização. Lia uma manchete ali, outra acolá, até que uma delas em especial, lhe chamou a atenção: "Margarida, a misteriosa milionária da Cabine 33". Na reportagem de página inteira, onde uma foto de sua amada ilustrava a matéria, escrita por um repórter que teve acesso ao diário escrito por Dôni. Com a alma e o peito em soluços, Dimas descobriu o porquê de a "mulher-águia" ter-lhe exigido que usasse camisinha, ela não queria infectá-lo com o vírus HIV.

Em gesto desesperado, pegou uma caneta e escreveu abaixo da

foto em nítida letra de fôrma: "Até o último sopro de vida é possível não apenas encontrar, mas também viver um grande amor."

E permaneceu ali lendo e relendo a reportagem, juntando pedaços daqui e dali. Descobriu que Clara era Maria Clara – em pensamento orou por ela e pelo amigo Pontes. Divagações e conclusões cada vez mais lentas, o sangue deixando de irrigar o cérebro, o vídeo-teipe de sua vida rodando rápido em sua mente, Margarida chegando, sorrindo, nos cabelos uma flor que pega nas mãos e entrega ao bilheteiro do trem que chegava, era a passagem, abriu-se lhe o portal, completava a "trilogia" de sua vida na estação Terra.

O espírito divino soou indicando-lhe que era momento de baldeação. Ele deixaria a estação da carne e tomaria um trem que, ainda na linha infinita das mãos de Deus, seguiria rumo à estação da luz.

No outro dia, todos levantaram tarde. Todavia, Pontes, amigo dedicado, assim que despertou, bateu à porta do amigo a fim de conferir se ele havia tomado sua medicação matinal. Insistiu por várias vezes até ir à cozinha e pegar um molho de chaves reservas. Nervoso e trêmulo, experimentou várias chaves até encontrar a que servia na fechadura. Entrou e encontrou o amigo morto, com semblante calmo, debruçado sobre o jornal. Num esforço hercúleo, colocou o corpo sobre a cama. Pegou o jornal e avaliou o sofrimento por que passou o amigo, mas imaginou o refrigerio para o seu coração ao tomar conhecimento que havia vivido uma inesquecível noite de amor com a mulher que amava. Pensou em Margarida, e em seu contentamento em se ter entregue ao homem de sua vida. Não existia no ar nenhum traço que alicerçasse um cenário de desencontro. Desde o início os dois correram lado a lado, para desaguar no mar de alagados e pantanais do amor, onde, independentemente dos assoreamentos e das pedras no caminho que o

destino joga ou impõe ao leito e aos lençóis de ternura, há sempre um encontro marcado...

Veio o sepultamento. Maria Clara fez questão de que Dimas tivesse como última morada o túmulo da irmã. Não se esqueceu nem mesmo de dependurar no pescoço de Dimas o cordão de ouro que a irmã um dia lhe dera e, também, colocar no caixão a carta e o cartão de Natal que ele enviara à amada que seu subconsciente sabia ser Margarida, à qual ele finalmente se juntava, para mais uma viagem de trem, não na segunda ou na primeira classe, mas em um vagão de luz, que tem como trilho os braços de Jesus Cristo, que os levará ao Pai Celestial para os que crêem, ou para o nada, que também é algum lugar mágico, cheio de vazios a ser preenchidos por quem dessa dimensão levou consigo um pedaço de chão lavado (e fertilizado) com as lavas do vulcão do amor derramado dentro de uma cabine 33 qualquer, abaciada, bateando as impurezas do caminho, para que o trem da vida faça do arco-íris a sua linha férrea, guardando cada bem do mal do amor nos vagões do coração dos que se amam...

APÊNDICES

PRESENTE DE SANTO ANTÔNIO

VIMOS de Santo Antônio do Monte, cidade localizada entre as montanhas do Centro-Oeste de Minas Gerais, onde semeamos boas amizades resistentes ao tempo, feito o solo mineiro rico em ferro, mas que, como o gusa, se derretem diante dos gestos de amor, afeição e calor humano. Nossa interação com os amigos de Santo Antônio foi fortificada pela palavra escrita e a nossa consciência de que a literatura, em país de baixo índice de leitura e editoras que só investem em produtos de fácil aceitação – como livros de auto-ajuda ou obras pretensamente infanto-juvenis que são empurradas goela (e bolso) abaixo dos pais através do sistema de ensino –, é quase que um sacerdócio, uma missão divina; ou um carma, para os que entram neste ofício movidos tão-somente pela vaidade e sonhando, por desconhecimento e inexperiência, com fama e dinheiro.

Dessa forma, cuidamos de pautar nossa labuta literária dentro da mais absoluta integridade, pois, se a qualidade de qualquer obra é alvo de julgamento, queríamos nós que, independentemente do parecer dos leitores, nosso dom sempre se lhes apresentasse sob o

pálio protetor da legitimidade, da autenticidade. E cremos que foi por assim agir, que alcançamos a graça de recebermos, no dia em que comemorávamos 52 anos – para quem doou a vida ao trabalho de escrever -, o maior e mais caro dos presentes: o patrocínio de nosso 10º livro, o romance *Cabine 33* (alguns dias depois, meu pai - **José Carlos Gontijo** – se juntou à turma de mecenas, dando continuidade ao costumeiro "*patrocínio*"...)

Os amigos **Wilson Ricardo Oliveira** e **Vicente Bolina Batista** se juntaram a **Wilmar de Oliveira Filho**, nosso companheiro dos tempos de futebol, médico, ex-secretário de Saúde do Estado de Minas Gerais e que, como prefeito de Santo Antônio do Monte, foi o único chefe de Executivo santo-antoniense, em todos esses anos, capaz de sensibilizar-se com a nossa luta no campo das letras, premiando-nos, antes, com o patrocínio de nosso romance *Virgem Santa sem Cabeça* e, agora, do *Cabine 33*, por entender que o incentivo cultural faz parte da responsabilidade administrativo-social, funcionando como mecanismo de conscientização e até mesmo como fator de humanização dos cidadãos, com a consequente diminuição dos casos de violência.

Não poderíamos, de forma alguma, deixar de relatar a nossos possíveis leitores o apoio com que fomos honrados num tempo em que o comum é o interesse exclusivo pelo investimento em produto de lucratividade imediata, em conformidade com os mandamentos econômicos neoliberais. Por outro lado, além do reconhecimento à nossa ininterrupta ação junto à comunidade santo-antoniense, distribuindo livros nas escolas urbanas e rurais, tomamos o ato dos amigos Wilson, Vicente e Wilmar Filho como um louvor à amizade, quebrando com a energia do desprendimento e da mão

novo, em que a humanidade, ainda prisioneira de velhas armaduras de guerra, se acha mergulhada em profunda discórdia, perdida em insana competição, que costuma fazer bem-sucedidas pessoas des-providas de talento, mas abastadas em esperteza, ousadia e falta de escrúpulos.

Fica então, nesta nossa tribuna gráfica, um mensagem palpável de que vale a pena ser honesto, conservar os amigos no coração sob o fogo brando do respeito, da fidelidade e da lembrança. Como nos disse em cartão o casal Belinha e Osmar, residente em Santo Antônio do Monte, "a amizade é um dos bens mais preciosos com que Deus nos abençoa". Ou seja, *na árvore da vida, a amizade verdadeira é o nó indissolúvel da madeira da existência.*

Carlos Lúcio Gontijo

(Artigo publicado no DIÁRIO DA TARDE do dia 20 de maio/2004)

BIOGRAFIA

HOMENS-ARRUDAS: À beira desta água nenhuma flor tem cheiro / À beira desta água fede o fruto do coqueiro / E a lã alvadia dos carneiros / À beira desta água correm as fezes cotidianas / De perfumadas madames e de suadas ciganas / À beira desta água tudo se mistura / A candura do pão molhado e a luxúria do caviar / As carnes magras e as carnudas / À beira desta água a promiscuidade / E a veleidade dos homens-ARRUDAS.

CARLOS LUCIO GONTIJO nasceu a 27 de abril de 1952. Em Santo Antônio do Monte, cursou o primário no Grupo Escolar Waldomiro de Magalhães Pinto. Fez o ginásio e parte do Curso de Contabilidade na hoje Escola Estadual Senhora de Fátima (mas antes simplesmente "Colégio da Dona Maria Angélica de Castro), complementando-o no Colégio Visconde de Cairu, na capital mineira. Em seguida diplomou-se em Jornalismo pela FAFI-BH, hoje UNI-BH, no ano de 1976, passando, então, a atuar como jornalista do "Diário da Tarde", do grupo S.A. Estado de Minas (Diários Associa-dos) desde outubro de 1977, onde

mantém um artigo semanal (toda 5a. feira). É portador de título de Honra ao Mérito da Prefeitura de Santo Antônio do Monte (1977), do "Troféu Magnum de Cultura", homenagem do Colégio Mag-num Agostiniano, em comemoração dos 100 anos de Belo Hori-zonte (1977), membro titular e correspondente da Academia Interamericana de Literatura e Jurisprudência e da Academia de Estudos Literários e Lingüísticos (ambas de Anápolis - GO), além de dar nome à biblioteca do Instituto Maria Angélica de Castro (IMAC), em Santo Antônio do Monte (Biblioteca Poeta Carlos Lú-cio Gontijo). Exerce a presidência da Associação Mineira de Im-prensa (AMI), no triênio junho de 2002 a junho de 2005.

Carlos Lúcio é casado com Nina, pai de Amanda e Lucas e avô de Luara.

Lançou os livros *Ventre do Mundo* (poesia, 1977), *Leite e Lua* (poesia, 1977), *Cio de Vento* (poesia, 1987), *Aroma de Mãe* (poesia e prosa, 1993), *Pelas Partes Femininas* (poesia e prosa, 1996), *O Contador de Formigas* (romance e poesia, 1998) - 1a edição / 1999 - 2a edição), *O Ser Poetizado* (poesia e prosa), *O Menino dos Olhos Maduros* (novela e poesia) e *Virgem Santa sem Cabeça* (romance e poesia), lançados em 2002, em comemoração aos seus 50 anos de idade e 25 de literatura, isso levando-se em conta tão-somente o marco do lançamento de seu primeiro livro, quando sua mãe Betty ainda era viva e com ele compartilhava o mesmo teto, junto de seus irmãos e de seu pai José Carlos. O poema com que abrimos essa biografia, uma re-ferência ao poluído Ribeirão Arrudas, verdadeiro esgoto a céu a-berto em Belo Horizonte, é dos mais antigos do autor, que assim como percorre com desenvoltura os temas sociais, sempre peram-bulou de coração ensolarado pelos caminhos do

resumidamente, esses dados biográficos: *Meu amor, sólido e líquido / Roçar e calor de virilbas / Raio penetrante da manhã / Que se ilha no leito / E dividido sangra no peito / Feito partilha da romã.* Ou, ainda, misturando amor e economia, como poema "Outro Ladrão", publicado no livro *Cio de Vento*: *Perdoa-me, meu amor / Se lbe chego com as feridas da rua / Se lbe trago as recusas do patrão / Se a abraço suado / Se a beijo salgado / Se em esgotos lassos serpenteia a sociedade / E se está magra a cesta da feira / Cria-me, lá no mercado, outro ladrão / Roubou-nos a fome...*

Enfim, Carlos Lúcio Gontijo trabalha com a realidade e tem a poesia como verdade e síntese de sua biografia:

A certeza da escuridão costuma doer-nos menos que a falsa promessa de luz! O autor elege a reforma humana como a mãe de todas as reformas e, por isso, prega a união e a concórdia, citando como exemplo um poema que escreveu em 1993 "Amores em queda" que com outro se encontrou em 2002 "Sucção", e que, apesar de criados em períodos diferentes, são irmãos. E nós indagamos: se até os poemas se encontram, por que os homens não?

AMORES EM QUEDA

*O rio saliva cachoeira
Assim como eu desejo
O beijo do meu amor
Pro rio é queda-d'água
Pra mim é quebra-mágoa
O beijo do meu amor...*

SUCÇÃO

*Quando o meu amor eu beijo
Nada vejo nem receio*

COTIDIANO DE AMIZADE E CIDADANIA

O Amigo

Carlos Lúcio, você é especial para a nossa família, admiramos a sua maneira simples e viva de exteriorizar o seu pensar e viver.

Você é amigo, atencioso, sincero, cativante e se faz presente em nossa família nos momentos de dor e alegria.

Em você, encontramos aconchego, fidelidade e muito amor. Consideramos você membro de nossa família.

Baanja Oliveira e família. *(Samonte, abril de 2002)*

Enjanelado

O poeta, escritor e jornalista Carlos Lúcio Gontijo esteve em nossa escola e deixou uma mensagem muito interessante, que foi: "Seja um ser enjanelado". Depois explicou que éramos e tínhamos de ser esses seres enjanelados, porque as janelas se abrem para entrar coisas boas...

Raquel Cristina Silva Batista - *aluna da 6ª série, E.E. Margarida Brochado, Belo Horizonte (21/08/2003)*

Espraiado

Carlos Lúcio Gontijo: "A alma generosa prospera; o que regar também será regado". Obrigado pelos livros que você doou à nossa escola. Eles serão de grande valor para nós.

E.M. Maria Rodrigues de Andrade - *Espraiado Veloso, distrito de Santo Antônio do Monte (outubro/ 2002)*.

Raposo

Eu fiquei muito feliz por você nos ter mandado os livros. Quando a professora entregou os livros, fizemos uma festa, pois gostamos muito de ler.

Carlos Henrique - *aluno da 3ª série, E.M. José Juca, Raposo, distrito de Santo Antônio do Monte (outubro/ 2002)*.

Doação

É com enorme satisfação que queremos agradecer a sua atitude de doar livros para a nossa escola. Temos certeza que os livros irão engrandecer, aprimorar e despertar a imaginação de nossas crianças, tornando-as pessoas mais capazes de enfrentar novos desafios.

Com os sinceros agradecimentos da equipe da **E.M. Francisca Batista de Oliveira** (*Samonte, outubro/ 2002*)

Lutador

Pude ser testemunha do quanto você resistiu às investidas daqueles que pensavam poder comprar todo mundo, toda voz, toda consciência, todo talento. Mas devem ter-se assustado com você: preferiu honrar o talento que recebeu de graça do Senhor Deus de Misericórdia, multiplicando-o via caridade, via denúncias, via verdades.

José Eustáquio Andrade (*Samonte, abril/ 2002*)

EM NOME DOS SANTO-ANTONIENSES

"Nossa existência é transitória como as nuvens do outono. Observar o nascimento e a morte do ser é como olhar os movimentos da dança. Uma vida é como o brilho de um relâmpago no céu, levada pela torrente montanha abaixo" (Gautama Buda).

AINDA criança, Carlos Lúcio Gontijo manifestava seu tino para a escrita, cuja vocação era notada pelos mais próximos, especialmente sua mãe-Betty, seus educadores e amigos da escola e do futebol. Nesse momento teve início o sonho de um grande sensibilibista compromissado com as causas sociais dos mais humildes. O tempo foi se encarregando de trazer o amadurecimento necessário para que tudo acontecesse de uma forma natural. E, naturalmente também, o carinho de e por seus pais se manifesta em suas poesias e textos, recordando, ainda que de forma implícita, "mãe Betty" e seus afagos e a presença do pai-amigo, disposto a ajudá-lo em sua busca constante: o seu propósito de vida. Seus educadores foram, gradativamente, tornando-se admiradores, presenciando a sua descoberta do uso da palavra escrita como forma máxima de

pressão.

Às vezes, sem se dar conta do que estava acontecendo, já travava uma luta pessoal em busca de seu objetivo. Sem dúvida alguma, todas as suas experiências e o aprendizado de sua infância e juventude foram e ainda são explorados por Carlos Lúcio Gontijo. O seu percurso de vida está sendo trilhado sem perder de vista os seus princípios, aqueles tão bem ensinados por seus pais, amigos e educadores.

Dessa forma, hoje, ele é Carlos Lúcio Gontijo, poeta-escritor-jornalista, orgulho para e do povo santo-antoniense em nome do qual ora me pronuncio. Traz consigo raízes, familiares, seus amigos e o cheiro de nossa terra.

Carlos Lúcio Gontijo vem cumprindo em sua trajetória de vida a sétima lei espiritual: a Lei do Darma ou do Propósito de Vida, concentra-se plenamente em seu dom literário, seguindo fielmente sua meta, entretanto vai além, através de seu talento único e singular, capaz de oferecer aos outros (nós!) uma mistura de observações cotidianas e corriqueiras que nos passam despercebidas durante a vida... Nesse sentido, explora e utiliza as palavras com uma sutileza forte e repleta de bravura, buscando interagir com seu leitor.

Nesse reencontro com seu espírito e sua alma, Carlos Lúcio se torna cada vez mais sensível às dificuldades humanas. Da mesma forma que descreve a miséria miserável de todos nós, usa, explica e aplica o amor do Divino Deus para com seus filhos, garantindo ao homem o amor por sua mulher e vice-versa, superando os obstáculos oriundos da vida, numa profusão de corpos, em comunhão plena com o Universo.

Cabine 33 nos leva a recordar o poema "Os trilhos" – publicado em *Ventre do Mundo*, seu primeiro livro –, quando o autor faz re-

ferência a "um trem que partiu da estação de um coração, sem trilhos para o regresso do seu amor – sendo assim a menina perde a esperança e não tem motivos para continuar a viver . . ." Será o inconsciente buscando o esperado final feliz!?? . . . Como já disse Kalil Gibran o "Mestre dos Mestres", todo trabalho é o amor feito visível; quando trabalhamos nos transformamos em uma flauta pela qual expressamos a música que há em nós, e encontramos nossos trilhos para o regresso ao nosso amor.

Soneisa Miranda da Silva.
Pós-graduada em Matemática. Assessora na Controladoria Geral Interna
Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Monte.

A OBRA LITERÁRIA DE CARLOS LÚCIO GONTIJO

Ventre do Mundo (Poesia - 1977)

Leite e Lua (Poesia - 1977)

Cio de Vento (Poesia - 1987)

Aroma de Mãe (Poesia e prosa - 1993)

Pelas Partes Femininas (Poesia e prosa - 1996)

(Edição de "Coletânea" em dois volumes, contendo os cinco primeiros livros - 1998)

O Contador de Formigas (Romance e poesia - 1998 / 1ª edição; 1999 / 2ª edição)

O Ser Poetizado (Poesia e prosa - 2002)

O Menino dos Olhos Maduros (Novela e poesia - 2002)

Virgem Santa sem Cabeça (Romance e poesia - 2002)

Cabine 33 (Romance e poesia - 2004)

Pedidos de livros: Av. João Augusto da Fonseca e Silva,
1107/402, Bairro Eldorado - Contagem / MG
CEP 32.341-100 - Fone: (31) 3912-4442

Este livro foi composto em garamond 12/16,
papel off-set 75 g para miolo e
cartão supremo 250 g para capa.
Impresso pela Gráfica Talita,
na cidade de Belo Horizonte,
em agosto de 2004.

admiramos o amigo.

Lívia Freire Ferreira - 19 anos /Coletivo FERRO. Belo Horizonte e Santana do Jacaré/MG.

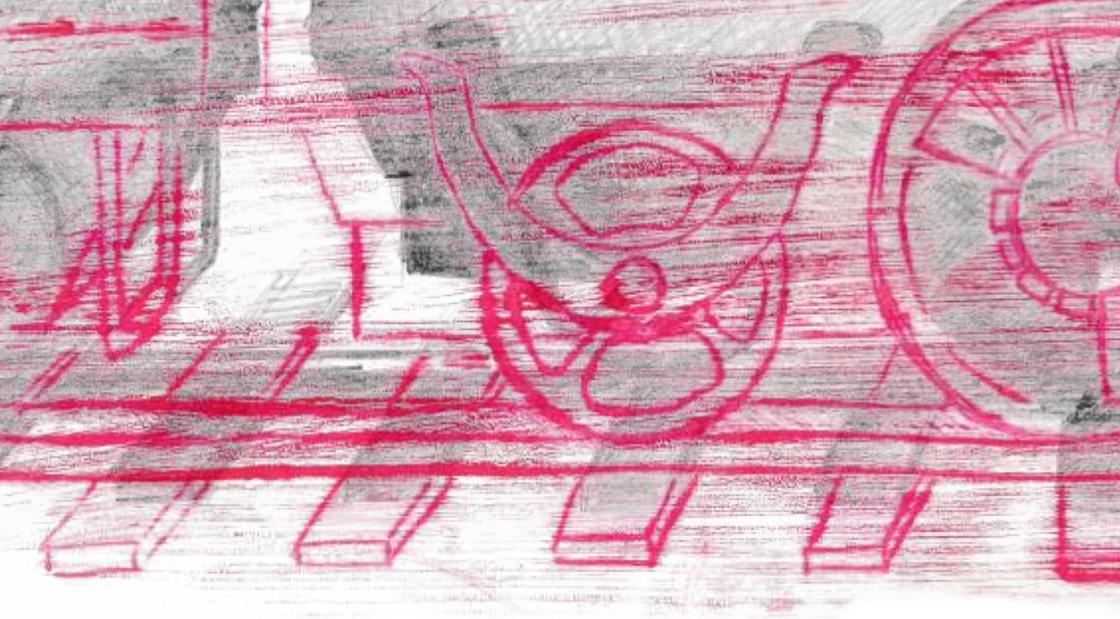
Nos livros de Carlos Lúcio há sutileza, beleza e uma forte expressão da realidade, através da qual deixa sua mensagem adornada com gotas de otimismo. Com sensibilidade, faz do que muitas vezes se torna comum a nossos olhos, submetidos aos açoites do cotidiano, se transformar na mais pura arte. Ficamos admirados em perceber como Carlos Lúcio interpreta o mundo numa linguagem que nos envolve; deliciamo-nos ao ler seus livros, através dos quais abrem-se portas para uma posterior reflexão da vida.

Carlos Lúcio é assim, um poeta que vai da carne à alma; do efêmero à mais forte e pura raiz.

Janne Carolina Ferreira da Silva - 19 anos/Coletivo FERRO

Carlos Lúcio é admirado por nós do Zine FERRO por ser um exemplo de consciência política e social, utilizando seus dons literários como um instrumento de expressão. Feito isso com muita criatividade e discernimento, seus poemas e romances nos trazem uma forma simples e arrojada de "degustar" a realidade...

Cecília Santos Moraes - 20 anos/ Coletivo FERRO.



PATROCÍNIO: Mais uma vez, amigos de **Santo Antônio do Monte**, sob os bons fluidos da sensibilidade cultural da administração municipal **Wilmar de Oliveira Filho**, nos abriram a estação de seu coração e colocaram nossa composição literária, composta de “três mil” exemplares do romance **Cabine 33** (nosso 10º livro), nos trilhos, por onde tudo chega e, quando não vai embora, passa!